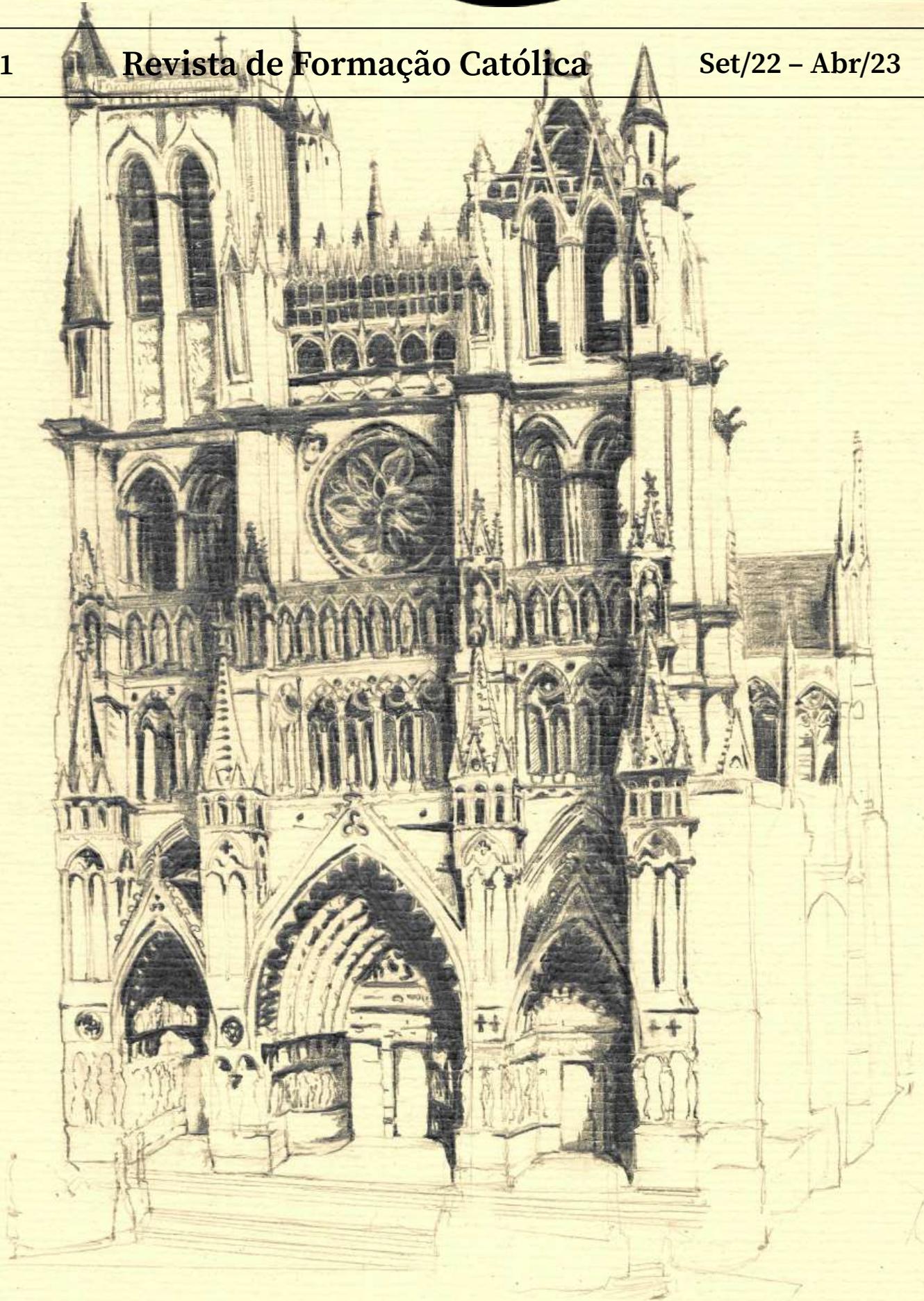


Sursum Corda

Ano I. N. 1

Revista de Formação Católica

Set/22 - Abr/23



*À Virgem Mãe
que dando-nos Jesus
tudo nos deu
e que por Jesus
nos conduz a Deus
é consagrada esta
revista
em penhor de filial
devoção.*



Em face do atual cenário, de grande decadência religiosa, moral e cultural do Brasil e do mundo, surge em nossos meios um movimento de restauração espiritual: católicos que de boa vontade e de boa fé, inspirados pelos exemplos heroicos de uma multidão de homens e mulheres que em todos os estados de vida chegaram a um alto grau de união com Deus – desde os que se santificaram exercendo os ofícios mais insignificantes aos olhos dos homens até aqueles que, no meio dos perigos que envolvem o exercício dos altos cargos, cumpriram com fidelidade a vontade de Deus – vêm trabalhando incansavelmente pelo triunfo da divisa: “*Instaurare omnia in Christo*” (restaurar todas as coisas em Cristo).

Desde alguns anos, a Divina Providência vem beneficiando nossa Pátria com mercês singulares.

Maria, com sua piedade maternal, vendo seus filhos se perderem – já pela ignorância, já pela fraqueza – lança um brado angustiado pedindo a Deus que o peso de sua justiça não caia sobre nós, que Ele não nos castigue como merecemos por tantos pecados. As lágrimas de Maria, podemos assim dizer, constringem seu Filho, o Juiz, o Forte, o Justo, o Senhor. Quem de nós poderá negar que os frutos da Misericórdia divina têm se manifestado em nossas próprias vidas?

Lancemos um olhar sincero e humilde para os últimos meses, ou ainda mais longe, para os últimos anos que antecederam nossa conversão: qual era o nível dos costumes que tínhamos? Das amizades que sustentávamos? Dos ambientes que frequentávamos? Quantos eram os vícios que caíamos? Quais as verdades que ignorávamos?

Cada qual segundo a própria consciência pode constatar a transformação vivida e com o Apóstolo São Paulo afirmar: “Mas, onde abundou o pecado, superabundou a graça” (Romanos 5:20).



O alicerce é a base de qualquer construção. Ele garante a sustentação do edifício. Ficando abaixo da terra e disposto sobre pontos de apoio, impossibilita que a edificação afunde. Mas tão importante quanto construir o alicerce é preparar a terra que lhe serve de substrato a fim de evitar o seu colapso e garantir a sustentação de toda obra.

A vida cristã está alicerçada na graça. Ela é um meio sobrenatural que, pelos méritos de Cristo, recebemos de Deus gratuitamente, por pura benevolência e bondade, para alcançarmos o nosso fim sobrenatural que é a união com Ele no Céu, nossa eterna morada. A alma em estado de graça torna-se amiga de Deus, filha adotiva e herdeira do céu, templo da Santíssima Trindade. Torna-se capaz de praticar atos meritórios para conquistar o paraíso e participa da natureza divina, como testemunha São Pedro: “tornou-nos possuidores de tão grandes e tão preciosas promessas, a fim de assim tornarmos participantes da natureza divina” (II Pd 1, 4). É ela o fundamento que garante a sustentação do grande edifício espiritual que fomos chamados a construir durante todo nosso tempo de prova. Sem ela, nenhuma obra resistirá sólida e duradoura. Pode-se observar sem a graça um ou outro mandamento, praticar uma ou outra boa obra, repelir uma ou outra tentação; porém a vitória completa por largo espaço de tempo somente com ela conseguimos.

Estamos diante de uma grande batalha. Depois do pecado de Adão, nossas paixões se rebelaram. Eis a realidade de nossa natureza: somos fracos e inclinados sempre para mal.

Como havíamos falado anteriormente: “a terra deve estar preparada para garantir a sustentação de toda obra”.



Sendo a graça o alicerce deste grande edifício espiritual, então a terra é a nossa natureza. De que modo poderíamos preparar esta terra arenosa e pouco firme para lançarmos o fundamento com segurança?

Cooperando com Deus e buscando conhecê-lo – assim recebendo Dele as graças atuais de que necessitamos – já que este é o nosso primeiro dever tal como o catecismo nos ensina: existimos para conhecer, amar e servir a Deus nesta vida e para gozá-Lo na vida eterna. O grande negócio desta vida é alcançarmos o céu. Mas só aqueles que servem fielmente a Deus e morrem em estado de graça entrarão em seu reino. Não podemos servi-Lo meritoriamente sem amá-Lo, nem podemos amá-Lo sem conhecê-Lo. A terra – que é a nossa natureza – precisa ser preparada pela Fé, pela esperança e pela contrição. Mas estas últimas duas são impossíveis sem a primeira. Logo, o dever primordial e absolutamente necessário é ter a Fé pela qual conhecemos a Deus. Assim torna-se clara a necessidade do estudo do catecismo. Poderíamos nos perguntar: porque nos preocupamos tanto em preparar a terra para levantarmos este edifício? Porque desejamos nos assemelhar ao homem prudente que construiu sua casa sobre a rocha. Caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram contra aquela casa, e ela não caiu, porque tinha seus alicerces na rocha (cf. Lc 6, 48).

Esta rocha inabalável é a doutrina infalível de Jesus Cristo, que enobrece a inteligência e conduz a vontade humana para amar a Deus. Ela nos é transmitida de forma simples e resumida pelo Catecismo.

Os fenômenos naturais, que investem contra a casa ou o edifício, são os nossos inimigos: o mundo, a carne e o demônio que nos tentam a pecar contra Deus; e nestes tempos em que vivemos mais ásperas são nossas lutas, porque mais poderosas são as armas de nossos inimigos. Se desejamos nos salvar, contra eles devemos levantar guerra e, para isto, quanto mais conhecida nossa religião e mais aperfeiçoada nossa Fé, mais resistente será a rocha, mais firme será a terra, mais forte será o homem, mais perfeito será o cristão, mais praticante será o Católico, mais corajoso será o soldado.

O conhecimento do catecismo está diretamente ligado à formação integral da vida Católica. Porque conhecendo a caridade salvadora de Cristo e sua doutrina sublime, o católico praticará conscientemente sua lei e observará os preceitos de sua Igreja, participando com fruto dos sacramentos, o que o auxiliará na árdua prática da virtude, resistindo contra os embustes do demônio com fidelidade na amizade de Deus até o final da vida: “[...] o que se perseverar até o fim, esse será salvo” (Mt 24, 13).

A ideia de Doutrina deve ser sempre esta, a ideia de vida. Porque estudamos a doutrina Católica? Para vivermos de fato uma vida Católica: “Se alguém me ama, guardará a minha palavra, e meu Pai o amará, e nós viremos a ele, e faremos nele a nossa morada” (Jo 14, 23). E para aqueles que ainda não percebem a grande necessidade do simples estudo do Catecismo, responderemos completando a passagem do evangelho de São João: “O que não me ama, não observa as minhas palavras” (Jo 14, 23). Assim, será bom católico aquele que procura conhecer a Deus conforme Nosso Senhor mesmo nos ensina: “Esta porém é a vida eterna, que Te conheçam a Ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste” (Jo 17, 3). Ao jovem rico, que O interrogava acerca do

que deveria fazer para entrar na vida eterna, disse Cristo: “Se, porém, quiser entrar na vida, guarda os mandamentos” (Mt 19, 17).

Nesta matéria devo adverti-los: grande parte dos católicos não conhecem quais são seus deveres; muitas almas piedosas mas mal instruídas erram neste ponto. Todo católico deve, ao despertar, rezar as orações da manhã; fazer ao menos 15 minutos de oração mental; fazer a comunhão espiritual e rezar antes e depois das refeições. Ao longo do dia, rezar orações jaculatórias e, por fim, rezar as orações da noite; fazer o exame de consciência e rezar o ato de contrição. O hábito de assim rezar é indispensável para uma fervorosa vida cristã. Além disso, almas generosas também acostumam-se a rezar o Santo Rosário, a Coroa das Sete Alegrias, a Coroa das Sete Dores, fazer alguma devoção especial ao Sagrado Coração de Jesus e ao Imaculado Coração de Maria, fazer novenas...

O hábito assim formado, enraizado e amadurecido, facilitará o cumprimento do dever. Bastará cada qual na medida da sua generosidade e do seu Amor, oferecer à Deus, à Virgem Santíssima, ao Santo de Devoção, a prova de sua piedade, de seu reconhecimento, de sua dependência, de sua fidelidade. E assim, caros fiéis, cumprireis bem as vossas obrigações católicas.

E se verdadeiramente desejamos cooperar para *instaurare omnia in Christo*, para reedificar a Igreja e a sociedade, comecemos por estudar o catecismo. Pois este trabalho, humilde e devoto, será tão eficaz, que um dia – não sabemos quando – descansaremos sobre as sombras da grande e frondosa figueira que germinou da modesta e acanhada semente: o estudo da doutrina cristã.



Introdução ao Canto Gregoriano

Esta coluna é dedicada ao canto gregoriano. Poder-se-ia perguntar: “Por que nos preocuparmos com isso? Temos outros hinos e, além disso, o canto gregoriano é, afinal, muito difícil...”. Logo no início deste artigo citamos São Pio X, que em seu *Motu Proprio* “*Tra le sollecitudini*” chama o canto gregoriano de “o ideal mais alto da música da Igreja”. Vamos ler o que este santo papa tem para nos dizer:



[...] uma composição religiosa será tanto mais sacra e litúrgica quanto mais se aproxima no andamento, inspiração e sabor da melodia gregoriana, e será tanto menos digna do templo quanto mais se afastar daquele modelo supremo.

O canto gregoriano deverá, pois, restabelecer-se amplamente nas funções do culto, sendo certo que uma função eclesiástica nada perde da sua solenidade, mesmo quando não é acompanhada senão da música gregoriana.

Busque-se nomeadamente restabelecer o canto gregoriano no uso do povo, para que os fiéis tomem de novo parte mais ativa nos ofícios litúrgicos, como se fazia antigamente”.

Como se pode ver, o canto gregoriano não é uma questão subjetiva ou de gosto. Não! É o cântico oficial da Igreja porque possui santidade e bondade nos mais altos graus.

Vejam algumas informações básicas sobre o cântico gregoriano.

O que é o Canto Gregoriano?

O Canto Gregoriano é comumente referido como o canto em latim uníssono e não acompanhado [por instrumentos] da liturgia católica romana – uma tradição do canto transmitida desde a antiguidade. Esta tradição ainda hoje é cultivada na Igreja Católica e tem seu lugar fixo na liturgia. Em contraste com os hinos das respectivas línguas nacionais, o canto gregoriano pode ser descrito como o cântico objetivo da liturgia.

Os cantos gregorianos para a liturgia (Liturgia da Missa, Breviário) são resumidos em livros de canto como o “*Graduale Romanum*” ou o “*Liber Usualis*”. Os textos para os cantos são em sua maioria textos da Sagrada Escritura (principalmente versículos dos salmos) ou citações de santos importantes, que

são atribuídos a certos momentos litúrgicos de acordo com seu conteúdo. As melodias do coro adornam e interpretam a palavra litúrgica e lhe conferem uma solenidade apropriada. A principal característica do canto gregoriano é sua linha melódica simples com pequenos intervalos, bem como os textos silábicos sublinhados (uma sílaba por nota). No serviço divino, tanto as partes imutáveis (ordinarium) quanto as partes mutáveis (proprium) são cantadas na forma de corais gregorianos (muitas vezes como canto alternado entre o schola e os fiéis). O repertório dos cantos gregorianos compreende um total de cerca de 30.000 manuscritos preservados pelos corais.



Desenvolvimento do canto gregoriano

O canto gregoriano tem suas origens no cristianismo primitivo, na música local da Europa Ocidental e na prática do canto do Império Romano Oriental ou Bizantino, onde as raízes provavelmente remontam ao antigo templo judeu e aos cânticos das sinagogas (os Salmos fornecem pistas para isso). A notação dos cânticos litúrgicos das Igrejas Ocidental e Oriental revela uma multiplicidade de paralelos que sugerem uma origem cristã comum. São Gregório o Grande (590-604) ordenou e padronizou os cânticos disponíveis até aquele momento. Entretanto, eles só foram escritos entre os séculos VIII e IX. Os neumas, que também apareceram por volta dessa época, foram colocados como sinais acima dos textos a serem cantados, a fim de delinear seu curso melódico. Nos manuscritos do monge beneditino Notker Balbulus (840-912) do mosteiro de St. Gall, letras especiais para indicar a progressão rítmica ou tonal dos cânticos gregorianos são encontradas ao lado dos neumas pela primeira vez.

Entretanto, ainda não era possível indicar o tom ou os intervalos entre as notas, mas apenas uma progressão melódica muito imprecisa.

Para resolver este problema, Guido de Arezzo (992-1050) inventou o sistema típico de linhas (notação dos cantos em quatro linhas em intervalos de terços) em 1028, que foi usado pela primeira vez no *Antiphonarium* que ele escreveu. Desta forma, o tom podia agora ser registrado precisamente. Ao mesmo tempo, Guido de Arezzo desenvolveu a solmização (processo que usa sílabas para denominar os tons da escala musical). No século XII, isto deu origem aos neumas corais: a notação quadrada que ainda está em uso hoje em dia. No início do século 16, um grande número de melodias foram encurtadas e alteradas, e foram registradas no “*Editio Medicea*” (1614/1615), que permaneceu vinculativo até o século XIX. Foi por volta de 1850 que os monges beneditinos franceses de Solesmes sob seu abade Dom Prosper-Louis-Pascal Guéranger (1805-1875) começaram a pesquisar os corais medievais e assim iniciaram uma restauração do canto gregoriano original na igreja. A restituição foi regulamentada em 22 de novembro de 1903 pelo Papa São Pio X através do *Motu Proprio* “*Tra le sollecitudini*” e implementada com a publicação do *Graduale Romanum* em 1908 e do *Antiphonale* em 1912 (“*Editio Vaticana*”), onde a forma do cântico foi tornada obrigatória.

O que era o Cantorum Schola?

Foi o Papa Gregório II (669-731) quem fundou o *Cantorum Schola* em Roma, após cujo exemplo as escolas de canto foram então estabelecidas em toda a Europa. Como o texto e a melodia estão intimamente ligados no canto gregoriano, os contos eram fáceis de aprender de cor e de lembrar através da repetição constante. No início, estes cantos litúrgicos não eram escritos, mas aprendidos de cor nas *escolas*. Suas melodias eram transmitidas de geração em geração. As *escolas* de hoje, entretanto, além do cultivo do canto gregoriano, não têm mais muito em comum com as *escolas* originais em tempo integral. Entretanto, ela ainda hoje tem uma importante função litúrgica, que se reflete particularmente no uso de roupas litúrgicas em alguns lugares.

O efeito dos cânticos gregorianos.

O efeito dos cânticos gregorianos

Os cantos gregorianos estão entre as canções religiosas que podem despertar em nós um profundo desejo de espiritualidade. A música gregoriana tem um caráter ascético, simples e monofônico, livre de tons supérfluos, contrastes musicais e acompanhamento por instrumentos.

Os cantos foram compostos por seus autores de tal forma que as palavras e a melodia sejam muito bem coordenadas, isto é, que a música esteja perfeitamente alinhada com o texto. Este último consiste de versos de várias passagens bíblicas, alguns dos quais foram complementados por breves comentários. Isto se expressa no efeito meditativo da música, que se concentra no conteúdo do versículo coral cantado como a Palavra de Deus. As melodias gregorianas irradiam beleza, clareza, silêncio e misticismo em igual medida.

Portanto, antes de começar a cantar o canto gregoriano, tenha em mente que você está executando o canto atual da igreja, o que requer o maior cuidado e devoção. Este artigo o ajudará a viver as palavras da Sagrada Escritura: "*psallite sapienter*" (Salmos 46,8).

No entanto, falaremos sobre a execução do canto gregoriano da próxima vez.



DE VIRTUTE HUMILITATIS

Pro clericis (Para o Clero).

«Formavit igitur Dominus Deus hominem de limo terrae [...]». (Gn. 2, 7) Quocumque respexerit homo, videbit se non posse de hac veritate eximi, scilicet se aliud non esse nisi pulverem eunque superbum. Nam declarat S. Liturgia die Cinerum: «Memento, homo, quia pulvis es, et in pulverem reverteris». Cur huius veritatis meminisse debemus nisi ut non existimemus nos esse id quod revera non sumus? Atqui, cum alicui denegamus ius quod ille habeat in aliquam rem, nonne operamur tanquam si essemus domini et possessores eiusdem rei, quamquam non sumus? Nonne hoc esset peccatum iniustitiae? Verum ius habet Deus a nobis honorari per mandata eius. Sin autem non velimus Dei servare mandata, eidem denegamus ius debitum, in huius loco statuantes nostram voluntatem. O ergo pessimum iniustitiae peccatum! O insolens superbia, quippe quae Deo surripias ius quod habet Conditor in creaturam. Quare homo cum superbit similem se facit daemonibus, et saepe hac de causa aeternum meretur ignem.

Siquidem profecto dicendum est superbiam exordium esse omnium aliorum peccatorum, humilitas quodammodo dicenda est aditus ad virtutes universas utpote quae removeat superbiam inhihentem quominus aliae virtutes infundantur vel exerceantur. Praeterea quantum sit momentum huius virtutis, patet ex testimonio S. Scripturarum dicentium: «[...] Deus superbis resistit, humilibus autem dat gratiam». (I Pe. 5, 5)

Propriam ergo animam servare cupienti non licet hanc virtutem praeterire eive postremum in propria vita adsignare locum. Humilitas enim, ut dictum est, secundum quid ianua et aditus est qui tuta via nos conducit ad virtutes omnes. Econtra superbi saepissime labi videntur in pessima vitia, eo quod nolunt propriam ad Deum flectere cervicem. Porro non solum in vita et scriptis Sanctorum, sed etiam in ipsis Sacris Scripturis doctrina humilitatis invenitur, imo in ipsis Ecclesiae ritibus fulgent documenta huius virtutis. Etiam in vita naturali necessaria est humilitas et subiectio inter hominum consessus, nam quotiescumque vel unus homo conatus est humanum genus liberare hac veritate, inde, teste historia, saepe exorta sunt bella et discordiae inter ipsos homines. Etsi quis in hac vita nunquam patiat se alicui subdere, tamen post mortem aeternis poenis cum humiliatione invitatus subicietur, iuxta illud S. Scripturae: «qui se exaltat, humiliabitur [...]». (Lc. 14, 11) Ex his rebus patet nos omni momento necessitate nosmetipsos alteri subiciendi circumdari, nec quemquam mortalium unquam ab humilitatis suae condicione erui posse. De hac autem veritate, Deo opitulante, in hoc commentario brevibus nitentur disserere.

Imprimis exemplis et scriptis DD. et Sanctorum explicanda videtur virtus humilitatis, cum ipsa hisce temporibus saepe falso intelligatur et agnoscat. Humilitas iuxta S. Laurentium Iustinianum est virtus qua homo verissima sui cognitione sibimetipsi vilescit. Nec humilitatis definitioni inmisceri debent ea quae non ad hanc, sed potius ad alias pertineant virtutes, ut pauper vitae condicio et status. Modernus enim huius vocabuli sensus saepe hanc admittit significationem. Age, tenemus humilitatem esse Virtutem.

Virtus dicitur quasi vis intus. Iuxta S. Bonaventuram haec vis consistit in aggressionem arduorum, in tolerantia adversorum et in abstinencia placitorum. Virtus ipsa autem est bona qualitas mentis, qua recte vivitur et nemo male utitur; Qua homo verissima cognitione sui. Ad exercitium humilitatis non valet quemquam proprio niti iudicio, cum nemo iudex esse possit in sua causa. Quare respicienda sunt vitia et defectus nostri, quae agnoscuntur praesertim per obiurgationes ab aliis in nos factas. Haec omnia enim quales equidem simus alta voce conclamant; Sibimetipsi vilescit. Notandum quod definitio humilitatis sibi vult non solum sese vilem reputare, sed etiam revera vilescere, hoc est, non tantum verbis sese abicere quantum de facto contemni, quod clarius sentitur cum ab aliis despiciuntur. Facile enim est nosmetipsos verbis contemnere et nullum contemptum pati. Homo vere sibi vilescat omnino oportet, unde non sibi vilescit qui proprio nitens iudicio exspectat ab aliis sententiam de se iam a seipso praefinitam, eo quod hoc non vilipendium sed potius gloriam illi parit, cum ipse id quod adsequi conabatur consequatur.

Varii sunt humilitatis actus et gradus quibus nos exercere et possumus et debemus, quorum, exempli gratia, duodecim ex doctrina S. Benedicti et D. Thomae desumptos hic adnumeramus:

Imprimis tanquam ianua ad alias humilitatis exercitationes extat 1. seipsum apud seipsum despiciere, quod qui non facit, sed propriam in omnibus rebus quaerit exaltationem, non praevaleret ad alios transire humilitatis gradus.

2. Sibi ipsi diffidere, iuxta illud Domini: «sine me nihil potestis facere» (Io. 15, 5)

3. Se omnium minimum reputare.

4. Se divinis donis indignum iudicare, prout fecisse legitur centurio: «Domine, non sum dignus» etc. (Mt. 8, 8)

5. Nolle laudari vel honorari, verus enim humilis vult vilis reputari, non humilis iudicari.

6. Cupere ab aliis contemni. Non enim est tantae virtutis honores contemnere quam contemptum appetere.

7. Defectus proprios libenter detegere.

8. In rebus omnibus dispositioni divinae se subicere, iuxta illud Psalmorum «nonne Deo subiecta erit anima mea?» [...]» (Ps. 61, 2).

9. Proximo et praesertim inferiori sese subicere, iuxta illud S. Petri: «Subditi igitur estote omni humanae creaturae propter Deum [...]». (I Pe. 2, 13).

11. Se ad omnia inutilem reputare, iuxta illud Christi: «Et si feceritis omnia, quae praecepta sunt vobis, dicite: servi inutiles sumus, quod debuimus facere, fecimus» (Lc. 17, 10); et demum quod difficilius est consecutu:

12. Silentium in accusationibus et increpationibus servare, etsi innocenter accusatus vel increpatus fuerit. Ipse Christus documentum reliquit huius gradus humilitatis, quippe «qui cum malediceretur non maledicebat [...]» (I Pe. 2, 23), sed Deum rogabat pro tortoribus suis. Notandum tamen quod hic humilitatis actus respicit unumquemque nostrum, non autem

honorem Dei et Ecclesiae. Quapropter cum deonestatur nomen Dei Ecclesiae praesertim cum scandalo et periculo animarum, non tacendum est, sed tuenda veritas et Dei honos, quod munus tamen proprius et inprimis ad Ecclesiae pastores pertinet. Saepe enim hisce temporibus multi laici conantur Ecclesiae nomen defendere cum neglectu proprii vitae status, dum econtra clerici de erroribus inter fideles pullulantibus vel omnino tacent vel perperam dissimulant.

Hi sunt principaliores verae humilitatis gradus. Potest enim, ut monet P. Gaudentius Guggenbichler in suo opere cui titulus *Introductio ad Vitam Seraphicam*, dari falsa et ficta humilitas, quae non respicit unionem cum Deo, sed quasi modo politico proprium quaerit beneficium et beneplacitum. Nam, ut ait S. Hieronymus, «multi humilitatis umbram, veritatem pauci sequuntur; perfacile est aliquem habere vestem contemptam, salutare submissius, manus et genua deosculari, inclinato in terram capite oculisque deiectis humilitatem atque mansuetudinem polliceri, lenta voce tenuique sermones infringere, suspirare crebrius, et ad omne verbum peccatorem sese ac miserum proclamare: sed si vel levi sermone offensus fuerit, continuo videbis attollere supercilium, levare cervicem et delicatum illum oris sonum insano clamore repente mutare».

Si haec adhuc non sufficiant ut mentes nostras moveantur ad amplectendam tam necessariam virtutem, animadvertamus exempla Christi, sanctorum, et B. M. V. Matris nostrae, quae legitur cecinisse illud praemagnificum Canticum in quo fulget eius humilitas quae non propriam, sed Dei quaerit gloriam: «Magnificat anima mea Dominum, et exsultavit spiritus meus in Deo salutari meo, quia respexit humilitatem ancillae suae: ecce enim ex hoc beatam me dicent omnes generationes [...]» (Lc. 1, 46 ss.). Nuntiat B. Mater se felicem praedicatum iri eo quod digna inventa est Dei facere voluntatem. Audiamus etiam Christum nos monentem ut discamus ab ipso, qui mitis est et humilis corde, et ante oculos nostros hoc ponentem quod iustificatus est publicanus propriam coram Deo confitens miseriam, dum pharisaeus, se iactans de legibus servatis, reprobatus est. Respiciamus adhuc exempla Sanctorum, et hic specialiter proponimus S. P. Franciscum, qui prae humilitate sua fertur in caelo tenere locum qui Lucifero adsignatus fuit antequam in Deum insurrexit et ius in eundem locum amisit. Et ipsi Sacramentorum ritus a nobis exposcit actus humilitatis. Nolenti enim intellectum fidei subigere baptizari non licet. Porro nemo absolvitur in Poenitentiae sacramento quin peccata, cum potest, confiteatur, nemo licite ordinatur quin subiectus sit Ecclesiae disciplinis, nemo alligatur matrimonii vinculo quin subeat intentionem ea adimplendi ad quae a Deo ordinatur ipsum matrimonium. Ipsarum orationum et precum quas coram Deo effundimus, exordium est humilitas: oratio Dominica inprimis Deum laudat et glorificat, postea nostram a Deo dependentiam praedicat; Rosarium Mariale inchoatur a mysterio incarnationis, in quo fulget humilitas B. M. V., porro primi Rosarii mysterii fructus quem a Deo poscimus, est virtus humilitatis; Symbolum Apostolorum nihil aliud est quam actus intellectum subiciendi aeternae Veritati.

Quae cum ita sint, ne nos efferamus! Deus undique postulat ut humilitatis habeamus virtutem, et haud patitur tumidum ingredi regnum caelorum, prout dixisse legitur: «nisi conversi fueritis et efficiamini sicut parvuli non intrabitis in



regnum caelorum» (Mt. 18, 3) Quid ergo causae est cur nos efferamus et iactemus? O homo, tene locum tuum! Tu non nisi pulvis est isque superbus! Tam pernicioosa est elatio et superbia ut foedare queat et privare meritis quoscunque virtutis actus: est enim quasi leo ferox vorare cupiens omnia bene facta. Siquidem foedum est cuique homini superbire, foedius est superbia in clericis inveniri. Hipocrysis est Feria V in Coena Domini canere «congregavit nos in unum Christi amor», imo «ne nos mente dividamur caveamus», et fere cotidie iurgia aliis nobiscum dissentientibus in rebus non definitis inferre. Constringamus igitur pessimum superbiae leonem intra humilitatis carcerem, nosmetipsos Deo et Ecclesiae perfecte subiciendo, sicque claudentes fabulis aures nostras, audiamus vocem Dei ministrorum etiam hisce difficilibus temporibus, neque quaeramus munus alienum surripere. Dicit enim Dominus: «[...] Quod ergo Deus coniunxit, homo non separet» (Mt. 19, 6). Coniunxit autem Deus essentialiter integrum sacerdotale ministerium cum Ecclesia: ne quaeramus separare munus sacerdotum, cuius integritas docere complectitur, a Christi sponsa quae est Ecclesia. Bona fide et lubentissime obtemperemus Ecclesiae! Omnibus salvari cupientibus necessarium est exercitium humilitatis.

Fr. Pacificus Maria de Santos Silva, O. F. M. Sub
E Franciscana familia sodalis

Origem dos Congressos Eucarísticos

Côn. Dr. Manoel Correa de Macedo
Professor do Seminário Central

A 29 de Junho de 1873 na Capela das Aparições em Paray-le-Monial, diante do Santíssimo Sacramento solenemente exposto, duzentos Deputados católicos da França consagraram sua Pátria ao Sagrado Coração de Jesus.

Entre os fiéis presentes a este ato solene, de repercussão mundial, achava-se uma piedosa donzela, ignorada de todos, cujo nome só foi conhecido após a morte: Maria Marta Emiliana Tamisier.

Ao ouvir aqueles duzentos deputados, todos juntos, lerem o ato de Consagração de sua Pátria ao Coração Sacratíssimo de Nosso Senhor, a senhorita Tamisier viu-se assaltado por um pensamento que não a deixou mais: - "salvar o mundo pela Eucaristia".

Colocou a Providência três homens admiráveis em seu caminho, três varões iluminados, que a guiaram com os seus prudentes conselhos e a moveram com seus ardores eucarísticos para a Obra que o mesmo Deus lhe havia inspirado. Foram eles: primeiramente o Bem-aventurado Padre Pedro Julião Eymard, fundador da Congregação dos Padres Sacramentinos e das Servas do Santíssimo Sacramento; depois, o Padre Cheurier, fundador da Providência do Prado, em Lyon; finalmente, o piedoso cego, ou melhor, o ardoroso vidente da Eucaristia, Mons. De Ségur.

Com os conselhos e incitamentos destes santos varões e graças à tenacidade dos passos dados junto à vários prelados; chegou a senhorinha Tamisier a levar o seu piedoso intento até ao Santo Padre, o Papa Leão XIII, o qual, comovido, respondeu ao apelo que se lhe fazia com estas memoráveis palavras: - "tudo estou disposto a conceder para o desenvolvimento das Obras Eucarísticas".

E assim, a começar pelo Congresso Eucarístico de Lille, em 1881, o primeiro desta série gloriosa de congressos Internacionais, com as posteriores ramificações de Congressos Nacionais, Diocesanos e Paroquiais, originaram-se estas magníficas glorificações públicas e sociais de Nosso Senhor Jesus Cristo na Eucaristia, que são os Congressos Eucarísticos.

Jornal **Legionário** N. 521,
03.09.1942

Depois de tratarmos sobre a origem dos Congressos Eucarísticos, oferecemos aos queridos leitores o relato da Missa de Comunhão Geral das Crianças durante o IV Congresso Eucarístico Nacional, ocorrido em São Paulo em 1942:

A Comunhão Geral das crianças excedeu a todas as expectativas

Subiu a 115.000 o número dos pequenos comungantes

Desde a madrugada de ontem notavam-se pelas ruas crianças acompanhadas de seus pais que se dirigiam aos pontos de concentração previamente designados a fim de lá seguirem para o Vale do Anhangabaú, onde receberiam a sagrada comunhão.

Na praça Patriarca Viaduto do Chá e praça Ramos de Azevedo, grande era a aglomeração de povo.

Os alunos dos colégios, todos em fila, caminhavam apressados, dirigidos por irmãs e religiosas, encaminhando-se para os seus lugares no vale. Do alto do viaduto via-se o enorme movimento das crianças.

Antes da hora aprazada, porém, começou a chover brandamente, estando o céu tristonho e anuviado.

Como os elementos são governados por Deus, parecia à primeira vista que Ele não queria a realização de tão tocante cerimônia. Porém os seus desígnios são imperscrutáveis e sábios: o que à primeira vista parecia empecilho serviu muito para realçar o brilho do banquete eucarístico.

A Santa Missa foi celebrada por S. Excia. Revda. D. Antônio Cabral, Arcebispo de Belo Horizonte, tendo como acólitos os Revmos. Cônegos Marcelo Franco e Afonso Chiaradia. No altar, estavam formados os pagens com seus belos trajes, numerosos coroinhas. Entre o altar e a escadaria estava o Exmo. Revmo. Sr. D. José Gaspar de Afonseca e Silva, nosso amado arcebispo, exposto à intempérie, e contemplando o magnífico espetáculo que se lhe desdobrava diante dos olhos.

Nos lugares de honra estavam S. Excia. Revma. D. Eliseu, carmelita, Prelado de Paracatu (Minas Gerais); S. Excia. D. Pio de Freitas, Bispo de Joinville e S. Excia. Revma. D. Frei Sebastião Tomás, Bispo Prelado de Conceição do Araguaia. O Exmo. Sr. Capitão Guilherme Rocha, da Casa Militar do Sr. Interventor Coronel Luis Guadelav, Comandante da Força Pública. Exma. Sra. Fernando Costa, acompanhada de suas exmas. filhas, Exma. Sra. Fernando Costa Filho e Exma. Sra. Dr. Paulo de Lima Correa.

O afinado coro infantil era regido pelo Maestro Miguel Arquerons e entoava cantos sacros populares, os quais se alternavam com as manifestações de entusiasmo que o Revmo. Cônego Manoel Corrêa de Macedo pelos alto falantes espalhados pelo parque, sabia despertar nos corações infantis.

No momento da comunhão, 250 padres, uns após outros, foram do altar até as crianças para levar-lhes Jesus Sacramentado, o Pão dos Anjos. Iam graves, ladeados por dois coroinhas que levavam lanternas artísticas e mais um terceiro com a patena.

A distribuição da comunhão foi perfeita. Tendo começado aproximadamente às oito horas, terminou às nove, tendo comungado cerca de 115.000 crianças!

Durante a comunhão as crianças sérias, respeitadas, de mãos postas, aproximavam-se da mesa onde eram alimentadas com o próprio Deus. Ao longe, nas ruas que ladeiam o parque, ladeiras que para ele convergem e viaduto estavam apinhadas de povo que recolhidamente assistiam à cerimônia.

Os grandes movimentos e ordens eram dados pelo Revmo. Cônego Macedo e os de caráter mais local eram orientados pelo Revmo. Padre Agnelo Rossi, que se servia de um alto falante portátil.

Devido à chuva, as crianças receberam a Sagrada Comunhão de pé.

Estavam presentes meninos do Colégio Aloisiano, do Rio de Janeiro, donde é diretor o Revmo. Padre Murilo Moitinho. Além destes, do Rio, estavam alunos dos Colégios Santo Inácio, Zacarias e do Externato São José.

Notavam-se, mais, alunos do Colégio São Luiz, Ginásio São Bento, Liceu Coração de Jesus, Colégio Des Oiseaux, Colégio Sion, Colégio Assumption, etc.

À medida que acabavam de dar a comunhão, os Revmos. Sacerdotes iam formando pequenos grupos e voltavam para o altar, onde, na escadaria, formaram um grupo. Daí saíram todos juntos, processionalmente, ladeados de luzes, rumo a Igreja de São Francisco, onde depositaram as âmbulas.

Tendo sido anunciado que S. Excia. Revma. D. Gaspar de Afonseca e Silva iria dirigir sua paternal palavra às crianças, foi ele saudado entusiasticamente pela enorme multidão de crianças. Começou S. Excia. Revma. por agradecer às crianças o grande espetáculo de fé que acabam de dar aos homens que temem a chuva, os boatos e do êxito do IV Congresso Eucarístico Nacional. Para mais de 100.000 crianças receberam a Sagrada Comunhão nesta manhã chuvosa.

Ele entrega-lhes o seu coração por este exemplo de fé. Presta então S. Excia. uma homenagem a Nossa Senhora Aparecida, dando vivas a Ela e a Nosso Senhor Jesus Cristo.

Neste momento, a imagem de Nossa Senhora Aparecida, levada por marianos da guarda de honra, é descida do altar seguindo para a Catedral nova, sob os aplausos e vivas, agitando todos ao mesmo tempo suas bandeirinhas para assim homenageá-la

Dirigiu S. Excia. Revma. várias súplicas pedindo a N. Senhora pelas nossas famílias, pelas criancinhas doentes e pela comunhão geral dos homens.

Neste momento, é anunciada a entrega ao Exmo. Sr. Arcebispo do tesouro espiritual feita por um grupo de três meninas e seis meninos da Cruzada Eucarística, revestidos de seus uniformes. Este tesouro lhe é entregue para que ele faça o que quiser, diz o Revmo. locutor do Congresso. Em seguida, meninas vestidas de virgens com ramos de flores nas mãos e precedidas por anjos, depositam nas mãos de D. José o tesouro espiritual dos Colégios e grupos escolares. S. Excia. os recebe, rodeado de seus pagens.

Comovido pela delicada e filial homenagem, S. Excia. Revma. diz que o seu melhor agradecimento é ler os números apresentados pelas crianças, para exemplo dos homens grandes: jaculatórias por intenção do Congresso - 42.241.640; terços rezados pela conversão dos pecadores - 3.884.791; visitas ao Santíssimo - 1.317.954; Comunhões das crianças dos grupos escolares - 361.930; Missas - 591.930; sacrifícios - 2.967.537. Os cruzados na campanha do incenso reuniram 305.381 grãos para serem queimados diante do Santíssimo; assistiram 16.167 Missas; na campanha das velas fizeram 15.092 comunhões e na campanha das hóstias, 104.957 sacrifícios.

A arma com que S. Exma. Revma. conta para o êxito do Congresso são os milhões de sacrifícios feitos nos hospitais, sanatórios, leprosários e oferecidos pelos doentes por intenção do Congresso: quase 30.000.000 de horas de sofrimento, silêncio, sacrifício! Eles é que fizeram o Congresso!

Legionário N. 524, 06.09.1942



Custódia ofertada pelos católicos de São Paulo para ser usada no IV Congresso.

Por que rejeitar o Conclavismo?

Alguns leitores podem se perguntar: “Mas, por que um artigo sobre o conclavismo? Esta questão não é clara? Todos os conclavistas não são loucos?” Infelizmente, a questão não é tão simples assim, uma vez que é comum que os leigos, mesmo depois de verem os vários casos de conclaves improvisados, com todo direito ainda persistam com certas dúvidas, pensando “Mas, afinal, por que não elegemos um Papa? Isto não resolveria a crise? O erro do Conclavismo não é simplesmente a falta de organização?”

Como se não bastassem estas confusões, as respostas simplistas de alguns membros do clero só contribuem para que estas dúvidas continuem perturbando a mente dos leigos. Faz-se necessário, portanto, ao menos uma breve exposição que realmente apresente algumas dificuldades teológicas sérias do conclavismo.

Gostaria de deixar claro que este artigo não tem a intenção de abordar eventuais dificuldades relacionadas a qualquer outra posição que não seja a “conclavista”.

Chegar à conclusão de que os chamados “Papas” Conciliares, ao menos desde a promulgação do Vaticano II, não são verdadeiros Vigários de Cristo é algo que requer um certo raciocínio. Mas todo católico de boa índole, com um conhecimento razoável da doutrina da Igreja, pode entender que ela passa por um período de vacância papal. De fato, sobretudo desde a ascensão de Bergoglio, o número de católicos tirando esta conclusão não para de aumentar ⁽¹⁾.

Uma coisa, porém, é entender que esses falsos pastores não têm autoridade. Já outra é entender como poderemos resolver esta difícil situação pela qual a Igreja passa, voltando a ter um Papa. Será que a solução está em um Conclave entre os sedevacantistas, ou mesmo em um Concílio Geral Imperfeito? ⁽²⁾

Normalmente designa-se como “conclavista” àquele que faz consistir a solução da Crise em algum destes dois métodos; acrescentando-se, porém, o desejo de realizá-lo o mais rapidamente possível, mesmo não havendo o embasamento teológico necessário para tão grande empresa. Já há um triste histórico de “eleições” de vários falsos Papas desde o Vaticano II, e a crise pela

qual a Igreja passa, longe de ser resolvida com esses falsos Sumo Pontífices, apenas aumentou. Tais casos ridículos de “Papas” sendo eleitos por meia dúzia de pessoas só contribuem para afastar as pessoas da percepção de que Bergoglio não é Papa.

A questão de um Conclave válido, ao contrário do que os conclavistas parecem pensar, vai muito além de uma boa organização que possibilite a participação de muitos membros do clero. Há uma grande dificuldade teológica que se aplica tanto para o Conclave quanto para o Concílio Geral Imperfeito: parece impossível determinar quem poderia fazer parte de uma tal eleição e os critérios para que ela seja válida.

Seriam os Bispos? Quais? Os da FSSPX e da Resistência também? Mas e os modernistas? O que pensar daqueles de linhagens acatólicas? Se forem Bispos válidos eles também teriam parte na eleição? Mas e se tiverem se convertido? E se receberam uma segunda sagração sacrílega de um Bispo católico com linhagem católica? ⁽³⁾

Estas perguntas não foram satisfatoriamente respondidas e seriam necessárias para se proceder a uma eleição. Há mais: Se os Bispos sedevacantistas não têm jurisdição, que título eles têm para eleger um Sumo Pontífice?

A eleição do Papa não está simplesmente relacionada com as Ordens Sagradas. Até mesmo Bispos de seitas acatólicas podem ter sagrações válidas, e ninguém diria o absurdo que eles poderiam ter participação nessa reunião. A questão é que parece que se os Bispos Sedevacantistas não possuem um título legal (e, portanto, jurisdição) eles simplesmente não podem eleger um Papa.

Há aqueles que procuram justificar a existência de jurisdição nos Bispos Sedevacantistas, porém não há membro respeitável do clero que adira a essas ideias. Normalmente tais ideias são resultado de falta de teologia e não conseguimos ver ainda nenhuma defesa séria desta posição que realmente se baseie seriamente em teólogos, como a gravidade da matéria pede.

Seria necessário, além do mais, que o nível de certeza fosse alcançado, caso contrário esta solução tornar-se-ia temerária ⁽⁴⁾. Uma matéria tão grave exige certeza, de tal forma que uma mera

opinião sem sequer probabilidade tênue não bastaria.

Um Conclave ou Concílio Geral Imperfeito que tem sua validade apenas no nível de possibilidade não gerará um Papa, mas sim um Cisma. Alguns dos senhores gostariam de se confessar com um Padre duvidoso para receber uma absolvição talvez válida? Ou então comungar em sua Missa, recebendo Nosso Senhor ou talvez pão? A situação do Conclave duvidoso é bem análoga a estes casos sacramentais, apesar de não idêntica.

Outras questões gravíssimas também devem ser ponderadas: como haveria reconhecimento universal se a esmagadora maioria dos Católicos nem sequer é sedevacantista? Como pode o Papa eleito pelos Bispos conclavistas ser sucessor do Papa Pio XII se os Bispos não têm jurisdição ou mesmo um título para realizar tal conexão? Como ficaria a nota de apostolicidade da Igreja nesta situação?

Não tenho a intenção de dar aqui uma solução, mas apenas de apresentar a total inviabilidade de qualquer tentativa atual de Conclavismo. Não há como fugir da asserção de que um tal conclave no estado atual da questão seja temerário. Como justificar tal imprudência perante Deus? Enquanto não se responde a tais questões satisfatoriamente, como é possível considerar a execução de uma tal atitude como católica?

⁽¹⁾ “Francis’ outrageous public statements and madcap antics have led more and more traditionalists to embrace sedevacantism, and many more to consider doing the same.” – <http://www.fathercekada.com/2015/06/10/stuck-in-a-rut-anti-sedevacantism-in-the-age-of-bergoglio/>

⁽²⁾ “Decimos ‘imperfecto’ porque, en ausencia del Papa, un Concilio general es precisamente imperfecto (cfr. De comparatione, no 231, donde se habla del Concilio de Constanza que se reunió para la elección de Martín V), en cuanto que está privado de su Jefe, el cual es el único que puede convocar, dirigir y confirmar un Concilio ecuménico (can. 222; Cayetano, op. cit., cap. XVI). Recordamos que –según Cayetano– es el mismo Concilio general imperfecto el que tiene a cargo deponer al Papa herético (no 230) - Pe. Ricossa, Sodalitium no 55 ed. it.; no 54 ed. fr. Esp: “La elección del Papa.” <https://www.sodalitiumpiantum.it/la-eleccion-del-papa/>

⁽³⁾ O Sr. Griff Ruby, em seu livro “Sede Vacante!: Part One: Dogmatic Ecclesiology Applied to Our Times” chega a defender que talvez tais Bispos busquem estas sagrações

sacrílegas de um Bispo com linhagem católica para obterem, assim, jurisdição.

⁽⁴⁾ “Etiam in quibusdam dubiis facti speculative practis aliquando tutius est agendum, quoties adest certa et absoluta obligatio obtinendi finem seu effectum determinatum et dubitatur non de sola honestate sed et de valore et conditionibus actus, seu de necessitate medii ad finem ita requisiti ut sine eo aliter forsitan non obtineretur finis. Unde: In dubiis de validitate actus ponendi tutius est agendum, seu id quo perfecta securitate finis obtinendus attingitur.” Merkelbach, Sum. Th. M., II, n. 90

Deixo-vos, abaixo, dizeres de alguns clérigos que colocam ao menos em dúvida essa temerária postura conclavista:

Q: What do we do now? Don't we have a Conclave? Don't we elect a new Pope?

A: Well, we don't, we wouldn't have the authority to do that. (...) Unless there's a declaration from someone, an authority, that the office is vacant, we can't do that. We can't start the legal mechanism up to... start a Conclave.

Q: Who would have that authority?

A: (...) I have to say that I don't know. ⁽⁵⁾

Q.: O que fazemos agora? Não deveríamos fazer um Conclave? Não deveríamos eleger um novo Papa?

R.: Bem, não, nós não teríamos a autoridade fazer isso. (...) A menos que houver uma declaração de alguém, de uma autoridade, que o ofício está vacante, nós não podemos fazer isso. Nós não podemos dar início ao mecanismo legal para... iniciar um Conclave.

Q.: Quem teria essa autoridade?

R.: (...) Eu devo dizer que não sei.

“No traditional clergyman, remember, be he priest or even bishop, possesses ordinary jurisdiction -- power from the Church to command subjects, make laws, interpret them authoritatively, conduct trials, issue judgements, settle legal disputes, and inflict canonical penalties. Church law grants ordinary jurisdiction only to individuals formally appointed to specific offices: to a bishop, for instance, whom the pope names as head of a diocese, or to a priest whom the head of a diocese officially designates a pastor, or to another priest whom the pope appoints

judge in an ecclesiastical tribunal. Unlike these officials, a priest or bishop who celebrates the traditional Mass enjoys only supplied jurisdiction -- in essence, just enough power to dispense the sacraments.” ⁽⁶⁾

“Nenhum clérigo tradicional, lembrem-se, seja ele padre ou até mesmo bispo, possui jurisdição ordinária – poder da Igreja de comandar sujeitos, fazer leis, interpretá-las autoritativamente, conduzir julgamentos, emitir julgamentos, resolver disputas legais, e infligir penas canônicas. A lei da Igreja dá jurisdição ordinária apenas a indivíduos formalmente nomeados para cargos específicos: a um bispo, por exemplo, a quem o Papa nomeia como cabeça de uma diocese, ou a um padre a quem a cabeça da diocese oficialmente designa como pastor, ou a outro padre a quem o papa nomeia juiz num tribunal eclesiástico.

Ao contrário destes oficiais*, um padre ou bispo que celebra a Missa tradicional desfruta apenas de jurisdição de suplência - em essência, apenas o poder necessário para ministrar os sacramentos.”

“[...] conclavismo. Ellos argumentan que la Iglesia es una sociedad que tiene un derecho inherente de elegir a los que la guían. Por lo tanto, el resto que permaneció fiel podría reunirse y elegir un papa.

Aun si esta tarea pudiera llevarse a cabo, presenta muchos problemas. En primer lugar, ¿quién sería designado legalmente para votar? ¿Cómo serían legalmente designados para votar? En segundo lugar, ¿qué principio obligaría a los católicos a reconocer al beneficiado de tal elección, como legítimo Sucesor de San Pedro? El conclavismo es simplemente un nombre elegante para el gobierno de la muchedumbre, en donde los que gritan más fuerte manejan al resto. La Iglesia Católica no es una turba, sino que es una sociedad divinamente constituida con reglas y legalidad.

En tercer lugar, y lo más importante, uno no puede hacer el salto del derecho natural de los hombres a elegir para sí mismos jefes de gobierno, al derecho de votar para elegir un Papa. La Iglesia no es una institución natural como la sociedad civil. No hay derecho inherente en los miembros de la Iglesia a elegir al Romano Pontífice. La elección

del Romano Pontífice fue originalmente hecha por Cristo mismo en San Pedro, y el modo de elección a partir de entonces fue regulado por ley.⁽⁷⁾

[...] conclavismo. Eles argumentam que a Igreja é uma sociedade que tem um direito inerente de eleger os que a guiam. Logo, o resto que permaneceu fiel poderia reunir-se e eleger um papa.

Ainda que esta tarefa pudesse ser levada a cabo, ela apresenta muitos problemas. Em primeiro lugar, quem seria designado legalmente para votar? Como seriam legalmente designados para votar? Em segundo lugar, que princípio obrigaria os católicos a reconhecer o beneficiado de tal eleição, como legítimo Sucessor de São Pedro? O conclavismo é simplesmente um nome elegante para o governo da multidão, no qual os que gritam mais forte mandam no resto. A Igreja católica não é uma turba, mas sim uma sociedade divinamente constituída com regras e legalidade. Em terceiro lugar, e o mais importante, não se pode fazer o salto do direito natural dos homens a escolher para si mesmos chefes de governo, ao direito de votar para escolher um Papa. A Igreja não é uma instituição natural como a sociedade civil. Não há direito inerente nos membros da Igreja para escolher ao Romano Pontífice. A eleição do Romano Pontífice foi originalmente feita por Cristo ele mesmo em São Pedro, e o modo de eleição a partir de então foi regulado por lei.

⁽⁵⁾ TR Media: Father Anthony Cekada, Sedevacantism: How to tell Aunt Helen, with Stephen Heiner, 2011 – 35m38s–37m23s https://www.youtube.com/watch?v=OQ_Ci4XeS6c

⁽⁶⁾ A Question of Authority, Fr. Anthony Cekada, June, 1990. <https://trad cath.proboards.com/thread/374/question-authority-cekada-1990>

⁽⁷⁾ “[...] conclavism. They argue that the Church is a society which has an inherent right to elect its leaders. Therefore the remnant faithful could get together and elect a pope. Even if this task could ever be accomplished, it is fraught with problems. First, who would be legally designated to vote? How would they be legally designated to vote? Second, what principle would oblige Catholics to recognize the winner of such an election as the legitimate successor of St. Peter? Conclavism is simply a fancy name for mob rule, where the ones that shout the loudest carry the rest of the mob. The Catholic Church is not a mob, but a divinely constituted society with rules and legality. Third, and most importantly, one cannot make the jump from the natural right of men

of choosing for themselves heads of government to their right to vote for a pope. The Church is not a natural institution, as civil society is. There is no inherent natural right in the members of the Church to choose the Roman Pontiff. The choice of Roman Pontiff was originally made by Christ Himself in St. Peter, and the mode of choice thereafter was regulated by law." EXPLANATION OF THE THESIS OF BISHOP GUÉRARD DES LAURIERS by Most Reverend Donald J. Sanborn

<https://mostholytrinityseminary.org/wp-content/uploads/2019/01/Explanation-of-the-Thesis.pdf>

Tradução retirada de:

<http://integrisimo.over-blog.com/2020/05/explicacion-de-la-tesis-de-mons.guerard-des-la-uriers.html>

"Hemos visto que en circunstancias anormales la elección del Papa –según el pensamiento de los teólogos que han tratado la cuestión– corresponde al Concilio general imperfecto, es decir, a los Obispos y prelados que gozan, en la Iglesia misma, de jurisdicción. El Papa es en efecto Obispo de la Iglesia universal: es entonces normal que excepcionalmente lo elijan los prelados de la Iglesia universal que, con él y por debajo de él, gobiernan una porción del rebaño. Hemos visto también que, por la naturaleza misma de las cosas, y en consecuencia de cuanto se ha dicho, están excluidos del número de los electores per accidens del Papa, los Obispos titulares, Obispos consagrados con mandato romano pero privados de jurisdicción en la Iglesia.

Con mayor razón están excluidos del número de los electores –precisamente por estar excluidos del Concilio general– los Obispos consagrados sin mandato romano en las condiciones excepcionales de actual vacancia (formal) de la Sede Apostólica. Tales Obispos han sido en efecto consagrados válidamente y también, en nuestra opinión –al menos en algunos casos– lícitamente; pero están sin embargo –en el modo más absoluto– privados de jurisdicción, puesto que el Obispo recibe de Dios la jurisdicción solamente por mediación del Papa, la cual queda excluida en nuestro caso ⁽⁸⁾. Estando privados de jurisdicción, ellos no pertenecen a la jerarquía de la Iglesia según la jurisdicción, por lo que no son miembros de derecho del Concilio y no están entonces habilitados para elegir válidamente al Papa, ni siquiera en casos extraordinarios.

Este punto de doctrina, ya establecido por sí mismo, es confirmado por la imposibilidad práctica de elegir a un Papa seguro y no dudoso siguiendo esta vía. ¿Quién podrá establecer de manera cierta, entre los numerosos Obispos que han sido y serán todavía consagrados de esta manera, quienes tienen el derecho de participar en la elección y quienes no lo tienen? ¿Quién tiene el derecho de convocar al Cónclave y quien no lo tiene? ¿Quién puede ser considerado como legítimamente consagrado y quien no? En ausencia de criterio de discernimiento (el mandato romano, la sede residencial) no hay límites en sí para estas consagraciones, ni por parte de quien las puede autorizar (el Papa) ni en lo que concierne a la porción de territorio a gobernar (la diócesis).

El número de los electores puede entonces crecer desmesuradamente sin garantía alguna de su catolicidad, como concretamente ha sucedido. Y de hecho ya se ha procedido a diversas elecciones que no tuvieron mayor efecto, ni siquiera entre los partidarios del "conclavismo", siempre listos para "dar el paso", pero solamente en teoría.

(...)

¿Cuál es actualmente el deber de los católicos? Ante todo, conservar la fe. Este deber (de conservar la fe) implica (de por sí) inmediatamente otro: el de no reconocer "la autoridad" de Juan Pablo II [Francisco] y del Concilio Vaticano II. Reconocer "la autoridad" de Juan Pablo II [Francisco] y del Concilio Vaticano II implica en efecto la adhesión a su enseñanza que está –en varios puntos– en contradicción con la fe católica infaliblemente definida por la Iglesia.

Pero el simple católico no puede y no debe ir más allá. No corresponde al simple fiel (ni tampoco a los sacerdotes y a los obispos sin jurisdicción) declarar con autoridad, oficial y legalmente, la vacancia de la Sede Apostólica y proveer a la elección de un auténtico Pontífice. Por el contrario, el deber del católico es rezar y trabajar, cada uno en su lugar y según sus competencias, para que esta declaración oficial –por el colegio cardenalicio o por el concilio general imperfecto– se haga posible. La tragedia de nuestra época –que dicta la gravedad de la crisis presente– consiste justamente en el hecho de que ninguno de los miembros de la jerarquía ha cumplido hasta hoy con esta función. Actualmente

parece imposible que los obispos o los cardenales lleguen a condenar los errores del Vaticano II y pongan al ocupante de la Sede Apostólica en la condición de anatematizar también él estos errores, bajo pena de ser declarado formalmente herético (y por tanto depuesto, también materialmente, de la Sede); pero lo que es imposible para los hombres, recordémoslo, es posible para Dios. Y en este caso, sabemos que Dios no puede abandonar a Su Iglesia, porque que las puertas del infierno no prevalecerán contra Ella, y porque Él estará con Ella hasta el fin del mundo." ⁽⁹⁾

Vimos que em circunstâncias anormais a eleição do Papa - segundo o pensamento dos teólogos que trataram do assunto - corresponde ao Concílio geral imperfecto, ou seja, aos Bispos e prelados que desfrutam, na Igreja mesma, de jurisdição. O Papa é em efeito Bispo da Igreja universal: é então normal que excepcionalmente o elejam os prelados da Igreja universal que, com ele e debaixo dele, governam uma porção do rebanho. Vimos também que pela natureza mesma das coisas, e em consequência do que foi dito, estão excluídos do número dos eleitores do Papa, os Bispos titulares: Bispos consagrados com mandato romano mas privados de jurisdição da Igreja.

Com maior razão estão excluídos do número dos eleitores –precisamente por estarem excluídos do Concílio Geral - os Bispos consagrados sem mandato romano nas condições excepcionais de atual vacância (formal) da Sé Apostólica. Tais Bispos foram em efeito consagrados válidamente e também, em nossa opinião - ao menos em alguns casos - lícitamente; mas estão, no entanto, -no modo mais absoluto- privados de jurisdição, posto que o Bispo recebe de Deus a jurisdição somente por mediação do Papa, a qual fica excluída em nosso caso.

Estando privados de jurisdição, eles não pertencem à hierarquia da Igreja segundo a jurisdição, pelo que não são membros de direito do Concílio e, portanto, não estão habilitados a eleger válidamente o Papa, nem sequer em casos extraordinários.

Este ponto de doutrina, já estabelecido por si mesmo, é confirmado pela impossibilidade prática de eleger um Papa seguro e não dudoso seguindo esta via. Quem poderá estabelecer de maneira

certa, entre os numerosos Bispos que têm sido e ainda serão consagrados desta maneira, quem deles tem o direito de participar da eleição e quem não tem? Quem tem o direito de convocar o Conclave e quem não tem? Quem pode ser considerado como legitimamente consagrado e quem não? Na ausência de critério de discernimento (o mandato romano, a sede residencial) não há limites em si para estas consagrações, nem por parte de quem as pode autorizar (o Papa) nem ao que concerne à porção de território a governar (a diocese). O número dos eleitores pode então crescer desmesuradamente sem garantia alguma de sua catolicidade, como concretamente aconteceu. E de fato já se procedeu a diversas eleições que não tiveram maior efeito, nem sequer entre os partidários do “conclavismo”, sempre prontos para “dar o passo”, mas somente em teoria.

(...)

Qual é atualmente o dever dos católicos? Antes de tudo, conservar a fé. Este dever (de conservar a fé) implica (por si) imediatamente outro: o de não reconhecer “a autoridade” de João Paulo II [no momento que isto está sendo publicado, Francisco] e do Concílio Vaticano II. Reconhecer “a autoridade” de João Paulo II [Francisco] e do Concílio Vaticano II implica em efeito a adesão de seu ensinamento que está -em vários pontos- em contradição com a fé católica infalivelmente definida pela Igreja.

Porém o simples católico não pede e não deve ir mais além. Não corresponde ao simples fiel (nem tampouco aos sacerdotes e aos bispos sem jurisdição) declarar com autoridade, oficial e legalmente, a vacância da Sé Apostólica e providenciar a eleição de um autêntico Pontífice. Pelo contrário, o dever do católico é rezar e trabalhar, cada um em seu lugar e segundo suas competências, para que esta declaração oficial -pelo colégio cardinalício ou pelo concílio geral imperfeito- se faça possível. A tragédia de nossa época -que dita a gravidade da crise presente- consiste justamente no feito de que nenhum dos membros da hierarquia cumpriu até hoje com esta função. Atualmente parece impossível que os bispos ou cardeais cheguem a condenar os erros do Vaticano II e ponham ao ocupante da Sé Apostólica na condição de anatematizar também ele estes erros,

baixo pena de ser declarado formalmente herético (e por isso deposto, também materialmente, da Sé); mas o que é impossível aos homens, lembremo-nos, é possível para Deus. E neste caso, sabemos que Deus não pode abandonar a Sua Igreja, porque as portas do inferno não prevalecerão contra Ela, e porque Ele estará com Ela até o fim do mundo.”

⁽⁸⁾ Nota do original: Como ya he probado en otra parte (F. RICOSSA, *Le consacrazioni episcopali*, C.L.S., Verrua Savoia, 1997), la Iglesia enseña que el Obispo no recibe la jurisdicción mediante la Consagración, sino sólo mediante el Papa, aunque el Vaticano II enseñe lo contrario. Contra esta doctrina, enseñada repetidamente por el magisterio ordinario, no sirve de nada objetar con ejemplos históricos de elecciones (y consagraciones) episcopales durante la sede vacante. Estas elecciones demuestran sólo la no ilicitud -en caso de sede vacante por ejemplo- de consagraciones episcopales, pero no demuestran que los elegidos gozaran de la jurisdicción episcopal, que sólo recibieron, con la confirmación de su elección canónica, del nuevo Papa. Esto no impide que hayan podido creer de buena fe tener jurisdicción ya antes de la confirmación papal, dado que la doctrina que defendemos (según la cual la jurisdicción episcopal viene del Papa y no de la consagración) ha sido precisada por el magisterio en períodos posteriores a estos hechos históricos, mientras que todavía era discutida en el Concilio de Trento. Señalo entre otras cosas que la doctrina de Cayetano a este propósito -también en esto fiel discípulo de Santo Tomás- es la que acabamos de recordar (cfr. no 267)."

⁽⁹⁾ Pe. Ricossa, *Sodalitium* no 55 ed. it.; no 54 ed. fr. Esp: “La elección del Papa.” <https://www.sodalitiumpi.num.it/la-eleccion-del-papa/>

“Conclavism is the position of those sedevacantists who affirm that the next pope must be elected by sedevacantist bishops. They argue that since the cardinals are heretics, the power to elect the pope corresponds now to the Church. The problem lies in the fact that when pre-Vatican II theologians speak about the Church, they have something very specific in mind: by “the Church” they mean the bishops who in virtue of their ordinary jurisdiction have the right to represent the whole Church in a General Council.

But, Sedevacantist bishops do not enjoy any title of jurisdiction. The supplied sacramental jurisdiction in the internal forum exercised per modum actus in Confession, must not be confused with the ordinary jurisdiction to govern the Church, which belongs to the external forum, is habitual and can only be granted by a Pope. ⁽¹⁰⁾

Since sedevacantist bishops are not part of the material-legal hierarchy of the Church which is the basis for juridical status, and have no title (either true, colored or presumed) to jurisdiction to any territory, they do not have the right to represent the whole Church in a General Council.

The only power that sedevacantist bishops have is the power of orders, which allows them to validly ordain priests and administer confirmation.” ⁽¹¹⁾

“The election of the pope is a question related to jurisdiction, not to Holy Orders. Jurisdiction cannot be had w/out a legal title. Sede bishops do not possess a legal title. Ergo.

The absence of theological knowledge is the cause of “conclavism”. Ignorance is a dangerous things.” ⁽¹²⁾

“Sede bishops lack the title to ordinary jurisdiction & therefore cannot convoke a general Council (to elect the pope).” ⁽¹³⁾

“Understanding this is KEY. Conclavism does not work, it *cannot* work. No title = no jurisdiction. W/out jurisdiction it is impossible to convoke a general Council.

On the other hand, there still is a college of Cardinals - undeclared heresy does not take away the right to vote.” ⁽¹⁴⁾

Conclavismo é a posição daqueles sedevacantistas que afirmam que o próximo papa deve ser eleito por bispos sedevacantistas. Eles argumentam que já que os cardeais são hereges, o poder de eleger o papa corresponde agora à Igreja. O problema está no fato de que quando os teólogos pré Vaticano II falam sobre a Igreja, eles tem algo muito específico em mente: por “a Igreja” eles entendem os bispos que em virtude de sua jurisdição ordinária tem o direito de representar toda a Igreja num Concílio Geral.

Mas, os bispos Sedevacantistas não dispõe de nenhum título de jurisdição. A jurisdição sacramental de suplência no fórum interno exercida per modum actus na Confissão, não deve ser confundida com a jurisdição ordinária de governar a Igreja, que pertence ao foro externo, é habitual e pode ser dada apenas por um Papa.

Visto que os bispos sedevacantistas não são parte da hierarquia material-legal da Igreja que é a base para o status jurídico, e não tem

título (seja verdadeiro, colorido ou presumido) à jurisdição de nenhum território.

O único poder que os bispos sedevacantistas têm é o poder das ordens, que permite a eles validamente ordenar padres e ministrar a confirmação.

“A eleição do papa é uma questão relacionada à jurisdição, não à Ordens Sacras. Não se pode ter jurisdição sem um título legal. Os bispos sedevacantistas não possuem um título legal. Ergo.

A ausência de conhecimento teológico é a causa do “conclavismo”. Ignorância é algo perigoso.

Os bispos sedevacantistas não possuem título à jurisdição ordinária e portanto não podem convocar um Concílio geral (para eleger o papa).

“Compreender isso é essencial. Conclavismo não funciona. Sem título = sem jurisdição. Sem jurisdição é impossível convocar um Concílio geral.

Por outro lado, ainda um colégio de Cardeais - heresia não declarada remove o direito de votar.

⁽¹⁰⁾ Nota do original: “Yet in exercising this office they are not altogether independent, but are subordinate to the lawful authority of the Roman Pontiff, although enjoying the ordinary power of jurisdiction which they receive directly from the same Supreme Pontiff.” (Mystici Corporis, 42)

⁽¹¹⁾ The Cassiciacum Thesis A Brief Exposition by Rev. Nicolás E. Desposito - https://www.academia.edu/43990637/The_Cassiciacum_Thesis_A_Brief_Exposition

⁽¹²⁾ Fr. Desposito's twitter, June 13, 2022

⁽¹³⁾ Fr. Desposito's twitter, May 31, 2022

⁽¹⁴⁾ Fr. Desposito's twitter, May 31, 2022, quoting quote above.

“The Spanish theologian Francisco de Vitoria O.P. explains the distinction of powers in the Church.

Source: RT, I, q. II, nn. 1-2 (257-259).

‘Ecclesiastical power is therefore twofold, the power of orders and the power of jurisdiction.

The power of orders is for those things that pertain to the true body of Christ, that is, the Eucharist; jurisdiction is for those things that pertain to the Mystical Body of Christ, that is, to govern the Christian people, leading them to supernatural happiness. But in the power of orders is not only meant the power of consecrating the Eucharist, but also of arranging and making men suitable for the Eucharist; nay, to do all things which are ordained in some way to the Eucharist, such as to consecrate

priests and conferring other orders, and in general to administer all the sacraments, also to forgive sins, and finally to do all things which are suitable for any purpose of any consecration. Hence also the power of order is generally called the power of consecration.

But the power of jurisdiction refers to the government of the Christian people outside of the consecration or administration of the sacraments, such as to make and abolish laws, to excommunicate, to declare the lawfulness of acts outside the forum of Penance, and to do other things of that kind.’

My commentary: not a few Sedes ignore the fact that sedevacantist bishops do not possess the power of jurisdiction. Our bishops cannot make and abolish laws, they cannot excommunicate, they cannot make legal declarations on the lawfulness of acts outside the forum of Penance.

The power of jurisdiction requires authority and a legal title to a specific territory. A legal title can only be granted by implicit or explicit designation.

The faithful must understand that our clergy is not part of the hierarchy of jurisdiction. We can only provide Catholics with valid/lawful sacraments and with the truth of the Gospel. Our clergy cannot rule over the faithful.

Let us pray for the restoration of authority in the Church.”⁽¹⁵⁾

“The right of electing the Roman Pontiff belongs to Cardinals only and in a negative way, to the exclusion and elimination of any other ecclesiastical status, or the intervention of a lay person of any grade and order.

Pius XII, Vacantis Apostolicae Sedis (1945).

Original:

Ius eligendi Romanum Pontificem ad S. R. E. Cardinales unice et privative pertinet, excluso prorsus atque remoto quolibet cuiuspiam alterius Ecclesiasticae dignitatis, aut laicae potestatis cuiuslibet gradus et ordinis interventu.

A theological argument must be offered by those who reject the present-day College of Cardinals. There must be an explanation on how to elect the Pope. Perpetual successors of Peter demand

perpetual electors of Peter. Cajetan speaks of an ‘imperfect General Council’. But...

Theologians deny that the right to assemble a Council is constituted by the power of orders alone.

Theologi negant, sola ordinatione episcopali constitui jus conveniendi ad concilium.

G. Wilmers S.J., De Christi Ecclesia, L III, c III, a II, Prob. 62, p. 369 (Ratisb. 1897)

Which means that Sede bishops cannot organize an imperfect General Council: they only possess the power of orders.

If neither the Cardinals nor Sede bishops have the power/right/title to designate the Pope, then we have a HUGE ecclesiological problem.”⁽¹⁶⁾

“The members of an imperfect gen.council are the same enumerated in c.223, except w/out a pope. That's the point I've been trying to make. There's no such a thing as a general council of the mob. You need (all) bishops with territorial jurisdiction to represent the whole Church.”⁽¹⁷⁾

“Sedevacantists cannot gather together in an [imperfect] general council due to their lack of juridical status in the Church. No title to jurisdiction means no right to participate in a general council.”⁽¹⁸⁾

“O teólogo espanhol Francisco de Vitória O.P. explica a distinção dos poderes na Igreja.

Source: RT, I, q. II, nn. 1-2 (257-259).

‘O Poder Eclesiástico é portanto dúplice: o poder de ordens e o poder de jurisdição.

O poder de ordens é para aquelas coisas que dizem respeito ao verdadeiro corpo de Cristo, isto é, a Eucaristia; jurisdição é para aquelas coisas que dizem respeito ao Corpo Místico de Cristo, isto é, governar o povo Cristão, guiando-os para a felicidade supernatural. Mas no poder de ordens não se entende apenas o poder de consagrar a Eucaristia, mas também de formar e tornar os homens preparados para a Eucaristia; mais ainda, fazer tudo o que é ordenado de alguma forma à Eucaristia, como consagrar padres e conferir outras ordens, e em geral administrar todos os sacramentos, também perdoar pecados, e finalmente fazer todas as coisas que são apropriadas

a qualquer propósito de qualquer consagração. Por isso também o poder de ordem é geralmente chamado o poder de consagração.

Mas o poder de jurisdição refere-se ao governo do povo Cristão fora da consagração ou administração dos sacramentos, como fazer e abolir leis, excomungar, declarar a legalidade de atos fora do fórum da Penitência, e fazer outras coisas deste gênero.

Meu comentário: não poucos sedevacantistas ignoram o fato que os bispos sedevacantistas não possuem o poder de jurisdição. Nossos bispos não podem fazer e abolir leis, eles não podem excomungar, eles não podem fazer declarações legais acerca da legalidade de atos fora do fórum da Penitência.

“O poder de jurisdição requer autoridade e um título legal a um território específico. Um título legal só pode ser concedido por uma designação implícita ou explícita.

Os fiéis devem entender que o nosso clero não é parte da hierarquia de jurisdição. Nós podemos apenas prover Católicos com sacramentos válidos/lícitos e com a verdade do Evangelho. Nosso clero não pode governar os fiéis.

Rezemos pela restauração da autoridade na Igreja.”

O direito de eleger o Romano Pontífice pertence aos Cardeais apenas e em um modo negativo, à exclusão e eliminação de qualquer outro status eclesiástico, ou a intervenção de uma pessoa leiga de qualquer grau ou ordem.

Pius XII, *Vacantis Apostolicae Sedis* (1945).

Um argumento Teológico deve ser apresentado por aqueles que rejeitam o Colégio de Cardeais dos dias de hoje. Deve haver uma explicação em como eleger o Papa. Sucessores perpétuos de Pedro demandam perpétuos eleitores de Pedro. Caetano fala de um “Concílio Geral imperfeito.” Mas... Teólogos negam que o direito de reunir um Concílio é constituído pelo poder de ordens apenas. O que significa que bispos sedevacantistas não podem organizar um Concílio Geral imperfeito: eles apenas possuem o poder de ordens.

Se nem os Cardeais nem os bispos sedevacantistas tem o poder/direito/título de designar o Papa, então nós temos um GRANGE problema eclesiológico.

Os membros de um concílio geral imperfeito são os mesmos enumerados no cânon 223, exceto sem um papa. Esse é o ponto que estive tentando fazer. Não há tal coisa como um concílio geral da turba. É necessário (todos) os bispos com jurisdição territorial para representar toda a Igreja.

Os Sedevacantistas não podem reunir num concílio geral [imperfeito] por causa de sua falta de status jurídico na Igreja. Não ter título de jurisdição significa não ter direito de participar num concílio geral.

⁽¹⁵⁾ Fr. Desposito's twitter, Apr 21, 2023

⁽¹⁶⁾ Fr. Desposito's twitter, Feb 19, 2022

⁽¹⁷⁾ Nov 3, 2022

⁽¹⁸⁾ March 14, 2023

“Sede bishops (no matter how good their intentions might be) are not able to organize a general council to depose Francis, for the same reason that private US citizens (no matter how patriotic they might be) aren't able to organize an electoral college to dump Biden. The legal order is real. It is a fact (which we hate but cannot change) that the enemy is in possession of the legal apparatus of the Church. God has permitted this. If we had a Catholic monarch, perhaps we would have the chance to take our churches back by force. But that's not the case. Pius XII teaches that the juridical element is essential to the Church, which means that no matter how long the modernists remain in control of ecclesiastical offices, they will never be able to destroy them. It is a question of time for the restoration to happen.”⁽¹⁹⁾

The consequences of not adhering to solid theological and canonical principles has produced the error of conclaveism. Conclaveism affirms that the right to elect the pope today belongs not to the present-day cardinals (by reason of their 'heresy') but to 'the Church', that is to say, to (sedevacantist) Catholics bishops. Conclavists fail to understand, first, that, according to Canon Law⁽²⁰⁾, heretics who have not been sentenced are able to validly elect and be elected. This is especially true of cardinals who participate in the conclave⁽²¹⁾. Let us recall that simple heresy, i.e., unsentenced heresy, only carries with it simple excommunication, which is suspended during the conclave. Pius XII removes all doubt: 'None of Cardinals

can be in any way excluded from active and passive election of the Supreme Pontiff, on the pretext or cause of any excommunication, suspension, interdict, or other ecclesiastical impediment; indeed, We suspend these censures only as to the effect of this election, but they shall otherwise retain their force.”⁽²²⁾ The Rev. P. Chas. Augustine, O.S.B.⁽²³⁾, in a footnote to his Commentary on Canon Law asks the following question: what if, by a very improbable supposition, an excommunicated cardinal should be elected Pope? And this is his answer: 'he would go to confession or ask any confessor to absolve him from the censure. That is all.’⁽²⁴⁾

Bispos Sedevacantistas (não importa o quão bem intencionados eles sejam) não são capazes de organizar um concílio geral para depôr Francisco, pela mesma razão que cidadãos privados dos EUA (não importa o quão patrióticos eles sejam) não são capazes de organizar um colégio eleitoral para derrubar o Biden. A ordem jurídica é real. É um fato (que nós odiamos mas não podemos alterar) que o inimigo está em posse do aparato legal da Igreja. Deus permitiu isso. Se nós tivéssemos um monarca Católico, talvez nós teríamos a chance de retomar nossas igrejas à força. Mas não é este o caso. Pio XII ensina que o elemento jurídico é essencial à Igreja, o que significa que não importa quanto os modernistas permaneçam em controle das postos eclesiásticos, eles jamais serão capazes de destruí-los. É uma questão de tempo para a restauração ocorrer.

As consequências de não aderir aos sólidos princípios teológicos e canônicos produziu o erro do conclaveismo. O conclaveismo afirma que o direito de eleger o papa hoje pertence não aos cardeais dos dias de hoje (por razão de sua 'heresia') mas “à Igreja”, isto é, aos bispos católicos (sedevacantistas). Conclavistas falham em entender que, primeiro, de acordo com o Direito Canônico, hereges que não foram sentenciados como tal são aptos a validamente eleger e ser eleitos. Isto é especialmente verdade de cardeais que participam no conclave. Lembremo-nos que a simples heresia, ou seja, heresia não sentenciada, apenas carrega com ela excomunhão simples, que é suspensa durante o conclave.

Pio XII remove toda a dúvida: “Nenhum dos Cardeais pode ser de maneira alguma excluído da eleição ativa e passiva do Supremo Pontífice, sob o pretexto ou causa de qualquer excomunhão, suspensão, interdito, ou outros impedimentos eclesiásticos; de fato, Nós suspendemos essas censuras apenas acerca do efeito desta eleição, mas elas irão em outras circunstâncias reter sua força.

O Rev. Pe. Chas. Augustine, O.S.B., numa nota de rodapé no seu Comentário ao Direito Canônico faz a seguinte pergunta: e se, por uma suposição muito improvável, um cardeal excomungado fosse eleito Papa? E esta é sua resposta: ‘ele iria se confessar ou pediria a qualquer confessor para absolvê-lo da censura. Isto é tudo.’”

(19) March 5, 2023

(20) Note from original: Cf. CIC, Canon 2265. This question is thoroughly discussed in the article On the Canonical Crime of Heresy in Relation to the Thesis, by Rev. Damien Dutertre.

(21) Note from original: Canonists interpret Can. 2265 (regarding excommunication) as applying to unsentenced heretics. MacKenzie (The Delict of Heresy p. 91) explicitly teaches that unsentenced heretics are only illicitly placed in office, while sentenced heretics whether tolerati or vitandi, are invalidly elected or appointed, and do not receive the office at all.

(22) Note from original: Nullus Cardinalium, cuiuslibet excommunicationis, suspensionis, interdicti aut alius ecclesiastici impedimenti praetextu vel causa a Summi Pontificis electione activa et passiva excludi ullo modo potest; quas quidem censuras ad effectum huiusmodi electionis tantum, illis alias in suo robore permansuris, suspendimus. Pius XII, Vacantis Apostolicae Sedis, n. 34.

(23) P. Chas. Augustine, O.S.B., D.D., A Commentary on the New Code of Canon Law, Herder, 1922, vol. VIII, p. 190.

(24) THE LITTLE CATECHISM ON THE THESIS by Rev. Nicolás E. Despósito - https://mostholytrinityseminary.org/wp-content/uploads/2022/11/The_Little_Catechism_on_the_Thesis_Desposito_2022.pdf

Apresento aqui apenas algumas citações, mas já suficientes para que todo leigo perceba o que deve fazer. Rezem pela restauração da Igreja, mas não creiam que a resposta a problemas teológicos difíceis estará em soluções e “grupos” que desprezem a própria teologia.

a qualquer propósito de qualquer consagração. Por isso também o poder de ordem é geralmente chamado o poder de consagração.

Mas o poder de jurisdição refere-se ao governo do povo Cristão fora da consagração ou administração dos sacramentos, como fazer e abolir leis, excomungar, declarar a legalidade de atos fora do fórum da Penitência, e fazer outras coisas deste gênero.

Meu comentário: não poucos sedevacantistas ignoram o fato que os bispos sedevacantistas não possuem o poder de jurisdição. Nossos bispos não podem fazer e abolir leis, eles não podem excomungar, eles não podem fazer declarações legais acerca da legalidade de atos fora do fórum da Penitência.

“O poder de jurisdição requer autoridade e um título legal a um território específico. Um título legal só pode ser concedido por uma designação implícita ou explícita.

Os fiéis devem entender que o nosso clero não é parte da hierarquia de jurisdição. Nós podemos apenas prover Católicos com sacramentos válidos/lícitos e com a verdade do Evangelho. Nosso clero não pode governar os fiéis.

Rezemos pela restauração da autoridade na Igreja.”

O direito de eleger o Romano Pontífice pertence aos Cardeais apenas e em um modo negativo, à exclusão e eliminação de qualquer outro status eclesiástico, ou a intervenção de uma pessoa leiga de qualquer grau ou ordem.

Pius XII, *Vacantis Apostolicae Sedis* (1945).

Um argumento Teológico deve ser apresentado por aqueles que rejeitam o Colégio de Cardeais dos dias de hoje. Deve haver uma explicação em como eleger o Papa. Sucessores perpétuos de Pedro demandam perpétuos eleitores de Pedro. Caetano fala de um “Concílio Geral imperfeito.” Mas... Teólogos negam que o direito de reunir um Concílio é constituído pelo poder de ordens apenas. O que significa que bispos sedevacantistas não podem organizar um Concílio Geral imperfeito: eles apenas possuem o poder de ordens.

Se nem os Cardeais nem os bispos sedevacantistas tem o poder/direito/título de designar o Papa, então nós temos um GRANGE problema eclesiológico.

Os membros de um concílio geral imperfeito são os mesmos enumerados no cânon 223, exceto sem um papa. Esse é o ponto que estive tentando fazer. Não há tal coisa como um concílio geral da turba. É necessário (todos) os bispos com jurisdição territorial para representar toda a Igreja.

Os Sedevacantistas não podem reunir num concílio geral [imperfeito] por causa de sua falta de status jurídico na Igreja. Não ter título de jurisdição significa não ter direito de participar num concílio geral.

⁽¹⁵⁾ Fr. Desposito's twitter, Apr 21, 2023

⁽¹⁶⁾ Fr. Desposito's twitter, Feb 19, 2022

⁽¹⁷⁾ Nov 3, 2022

⁽¹⁸⁾ March 14, 2023

“Sede bishops (no matter how good their intentions might be) are not able to organize a general council to depose Francis, for the same reason that private US citizens (no matter how patriotic they might be) aren't able to organize an electoral college to dump Biden. The legal order is real. It is a fact (which we hate but cannot change) that the enemy is in possession of the legal apparatus of the Church. God has permitted this. If we had a Catholic monarch, perhaps we would have the chance to take our churches back by force. But that's not the case. Pius XII teaches that the juridical element is essential to the Church, which means that no matter how long the modernists remain in control of ecclesiastical offices, they will never be able to destroy them. It is a question of time for the restoration to happen.”⁽¹⁹⁾

The consequences of not adhering to solid theological and canonical principles has produced the error of conclaveism. Conclaveism affirms that the right to elect the pope today belongs not to the present-day cardinals (by reason of their 'heresy') but to 'the Church', that is to say, to (sedevacantist) Catholics bishops. Conclavists fail to understand, first, that, according to Canon Law⁽²⁰⁾, heretics who have not been sentenced are able to validly elect and be elected. This is especially true of cardinals who participate in the conclave⁽²¹⁾. Let us recall that simple heresy, i.e., unsentenced heresy, only carries with it simple excommunication, which is suspended during the conclave. Pius XII removes all doubt: 'None of Cardinals

can be in any way excluded from active and passive election of the Supreme Pontiff, on the pretext or cause of any excommunication, suspension, interdict, or other ecclesiastical impediment; indeed, We suspend these censures only as to the effect of this election, but they shall otherwise retain their force.”⁽²²⁾ The Rev. P. Chas. Augustine, O.S.B.⁽²³⁾, in a footnote to his Commentary on Canon Law asks the following question: what if, by a very improbable supposition, an excommunicated cardinal should be elected Pope? And this is his answer: 'he would go to confession or ask any confessor to absolve him from the censure. That is all.’⁽²⁴⁾

Bispos Sedevacantistas (não importa o quão bem intencionados eles sejam) não são capazes de organizar um concílio geral para depôr Francisco, pela mesma razão que cidadãos privados dos EUA (não importa o quão patrióticos eles sejam) não são capazes de organizar um colégio eleitoral para derrubar o Biden. A ordem jurídica é real. É um fato (que nós odiamos mas não podemos alterar) que o inimigo está em posse do aparato legal da Igreja. Deus permitiu isso. Se nós tivéssemos um monarca Católico, talvez nós teríamos a chance de retomar nossas igrejas à força. Mas não é este o caso. Pio XII ensina que o elemento jurídico é essencial à Igreja, o que significa que não importa quanto os modernistas permaneçam em controle das postos eclesiásticos, eles jamais serão capazes de destruí-los. É uma questão de tempo para a restauração ocorrer.

As consequências de não aderir aos sólidos princípios teológicos e canônicos produziu o erro do conclaveismo. O conclaveismo afirma que o direito de eleger o papa hoje pertence não aos cardeais dos dias de hoje (por razão de sua 'heresia') mas “à Igreja”, isto é, aos bispos católicos (sedevacantistas). Conclavistas falham em entender que, primeiro, de acordo com o Direito Canônico, hereges que não foram sentenciados como tal são aptos a validamente eleger e ser eleitos. Isto é especialmente verdade de cardeais que participam no conclave. Lembremo-nos que a simples heresia, ou seja, heresia não sentenciada, apenas carrega com ela excomunhão simples, que é suspensa durante o conclave.



Fuga dos sarracenos à vista do SS. Sacramento.

As Clarissas: Uma Ordem contemplativa

As Clarissas são religiosas contemplativas que vivem em uma atmosfera de silêncio, pois Deus, a quem elas buscam, não é encontrado no tumulto e, à Sua Divina Majestade, nenhum louvor se eleva mais apropriadamente do que no silêncio. Elas responderam a um chamado que as separou do mundo. Vivendo em um recinto fechado, se dedicam à oração e ao sacrifício.

Vivendo escondidas, “atrás da grade”; esquecidas, elas não se esquecem de ninguém, pois sua missão é louvar a Deus em nome de toda a humanidade. Elas apresentam à Ele a miséria do mundo, para que Ele possa enviar Sua graça e luz transformadora. Seguindo as palavras de sua mãe e fundadora, elas são “as cooperadoras de Deus, as coadjuvadoras de Jesus Cristo na sublime obra da santificação das almas; o apoio e a força dos membros fracos e sofredores do Corpo Místico”.

Como afirmou o Papa Pio XI, aqueles que, por sua vocação, se dedicam à oração e à penitência, contribuem mais para a expansão da Igreja e a salvação do gênero humano do que aqueles que trabalham no campo do Pai por meio de obras exteriores. E o Papa Pio XII chamou os contemplativos de “a parte mais ilustre de seu rebanho”.

Os conventos e mosteiros consagrados à oração são testemunhas permanentes da existência de Deus. Eles são as joias preciosas da Santa Igreja, as riquezas mais puras de um mundo que mal sabe que eles estão lá. Para todos aqueles que tentam dar sentido a este mundo e às suas vidas, esses conventos são uma luz em um candeeiro. A paz, a alegria e a simplicidade que reinam ali dão testemunho do sólido alicerce sobre o qual o convento repousa, e lá muito poderia ser aprendido sobre como construir uma vida sobre um alicerce indestrutível. Esses conventos são fortalezas espirituais que se

opõem ao materialismo que faz perder tantos bons valores; são reservas de cristianismo puro para uma cristandade decadente.

Santa Clara de Assis

Clara tinha dezoito anos de idade quando, em 1212, São Francisco veio pregar o retiro quaresmal na igreja de São Jorge, em Assis. As palavras inspiradas do Poverello (o pobre homenzinho) acenderam uma chama no coração de Clara. Ela o procurou secretamente e implorou que a ajudasse a viver também “segundo a maneira do santo Evangelho”.

No início de sua conversão, seis anos antes desse encontro, enquanto São Francisco consertava as paredes da pobre capela de São Damião, Deus lhe revelou que “as freiras viverão aqui uma vida de tal santidade que brilharão como uma luz em toda a Igreja”. São Francisco viu em Clara o início do cumprimento dessa profecia, reconhecendo-a como uma alma escolhida e destinada por Deus para grandes coisas, e previu que muitos seguiriam seus passos.

No Domingo de Ramos, Clara, vestida com todas as suas roupas finas, assistiu à missa na catedral. Essa seria a última vez que o mundo a veria. Naquela noite, ela deixou secretamente a casa de seu pai, a conselho de São Francisco, acompanhada por sua tia e outra companheira, e seguiu para a capela da Porciúncula - a primeira capela ocupada por São Francisco - onde ele, tendo cortado seus cabelos, vestiu-a com uma túnica grosseira e penitencial, com um cordão branco e um véu grosso. Foi dessa forma que a mãe e fundadora das Clarissas entrou para a religião, fazendo votos para sempre a serviço de Jesus Cristo.

Por um curto período, São Francisco colocou Clara em um convento beneditino. Logo sua irmã mais nova, Catarina

(que se tornaria Santa Inês), juntou-se a ela, seguida por outras almas que fugiam do mundo (como fizeram mais tarde sua mãe e sua outra irmã). Em pouco tempo, São Francisco conseguiu uma casa rudimentar que ficava ao lado da capela de São Damião. Assim foi fundada a primeira comunidade de “Damas Pobres” ou “Clarissas”, que é como essa Segunda Ordem Franciscana veio a ser conhecida.

Essas novas filhas de São Francisco serviram a Deus em grande pobreza, rigorosa penitência e total isolamento do mundo – de acordo com a Regra que São Francisco lhes deu. Embora Clara tenha sido obrigada, por obediência, a aceitar o cargo de abadessa em 1215 (ocupando-o por trinta e oito anos até sua morte), seu amor pela humildade encontrou compensação na realização dos serviços mais humildes para suas irmãs. Sua vida era uma imagem da Virgem Maria, vivendo escondida e silenciosa, em mansidão e bondade. “Quando Madre Clara ordenava que as irmãs fizessem qualquer coisa, ela ordenava com tanto temor e humildade que isso nos surpreendia” (Processo de Canonização). Apesar de grandes sofrimentos físicos, ela deu a suas irmãs um exemplo impressionante de zelo na penitência e na oração. Viveu “escondida com Cristo em Deus” e, embora em clausura, seu renome como “a principal rival do Beato Francisco na observância da perfeição evangélica” foi tão grande que foi solenemente canonizada apenas dois anos após sua morte por Alexandre IV.

Nosso projeto

Com a graça de Deus, iniciaremos um convento das Clarissas no outono deste ano. Ele deve ser como o coração de nossas obras apostólicas: embora não seja visível, bombeia o sangue para todo o corpo. Escondidas em seu convento, as irmãs rezarão e se sacrificarão dia e noite pelas necessidades da Santa Madre Igreja. Elas serão um testemunho vivo de que somente Deus é suficiente e de que não há apostolado mais eficaz do que a oração e o sacrifício.

“Amem a Deus e a Jesus, que foi crucificado por nós, do fundo de seu coração, e nunca deixem que o



pensamento sobre Ele saia de sua mente.”

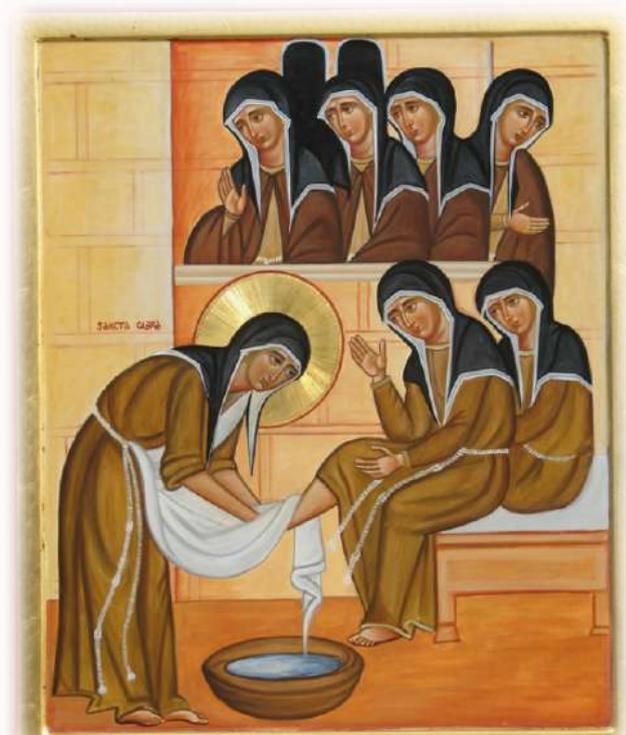
“Ame totalmente Aquele que se entregou totalmente por amor a você.”

Essas citações de Santa Clara mostram seu espírito: total imolação de si mesma por amor. Para uma Clarissa, não há nada além de Deus e é por essa razão que ela deixa este

mundo de distrações para viver somente para Ele.

Que Deus, por intercessão de São Francisco e de Santa Clara, chame muitas mulheres que estejam prontas para fazer esse sacrifício heroico por amor a Deus e pela salvação das almas!

Como precisamos urgentemente de algumas construções, agradecemos todas as doações. Para doações ou perguntas sobre a vocação, entre em contato com a Secretaria do Convento: secretaria@fradesmenores.com



Notas de História Franciscana.



Rota mais curta: 7.755 km 1.536 horas a pé.



Podendo atingir regiões de até 2.485 metros de altitude.



Região de maioria muçulmana.

Duzentos anos antes da invenção da rota marítima para a Índia, na altura de Tana, costa ocidental da mesma península, outros europeus ali se encontravam de passagem. Não eram simples aventureiros, mas gente de nobre estirpe, muito bem educada. Mesmo sendo grandes diplomatas e embaixadores nas cortes orientais, eram desprovidos de armas, tendo nada mais por cortejo que um hábito pobre incapaz de fazer distinguir o homem que o porta.

Em 1323, há setecentos anos, Fr. Odorico de Pordenone OFM passava por Tana, na Índia, para recolher relíquias franciscanas – já naquele tempo tão dispersas pelo mundo – do Fr. Tomás de Tolentino, beato, Fr. Tiago de Pádua e Fr. Pedro de Sena, e Demétrio, martirizados na Índia por defenderem a fé cristã e pregarem contra Maomé. Seguiu viagem para outra missão, menos accidental e mais planejada, no reino da Tartária Oriental (atual China). Missões essas nos tempos em que os descobrimentos de novas rotas e investimentos régios não existiam e que os missionários não portavam mais que a Fé e os cuidados da divina providência.

O século XIV viu consolidarem-se duas potências que frustraram a antecipação daquele movimento missionário do século XVI: o califado dos mamelucos e o otomano. Constituíram-se as lâminas de uma grande tesoura que cortava as relações entre o Oriente e o Ocidente, não exclusivamente o ambicioso projeto de um monopólio comercial, mas também era muito eficaz contra os religiosos que tentavam furar o seu bloqueio. É assim que nasce a necessidade dos missionários de buscarem novas rotas muito antes dos portugueses, antecipando até mesmo a solução para o monopólio muçulmano: **encontrar novos caminhos.**

Apesar da morte no dia nove de abril de 1321, a festa do beato Tomás de Tolentino é comemorada no dia cinco de setembro, juntamente com os beatos Gentil de Matelica OFM, missionário do mesmo período martirizado em 1340 na cidade de Tabriz na Pérsia, e Raimundo Lúlio, da Ordem Terceira.



Em uma reconstrução fictícia do caminho trilhado por nossos missionários sete séculos, se destaca contraste entre as facilidades do mundo globalizado, na expansão das comunicações, aumento da segurança internacional, e por outro lado como ainda seriam escassos os voluntários para empregar uma rota semelhante daquela trilhada pelos nossos companheiros franciscanos em uma época em que um enxame de insidiosos muçulmanos apoderaram-se de todo o Oriente Média.

Parte da busca pela solução de um problema está em, necessariamente, levantar o estado da questão, i.e., conhecer com apuro as discussões acerca deste mesmo problema, as soluções propostas, ainda que ineficientes, os esforços de outros que debruçaram-se sobre ele.

Grande é o problema da Educação para nós católicos, pois que ela é a garantia da preservação de nossa fé, de nossa moral, de nossos costumes.

Os pais católicos cá no Brasil desejam uma educação que conduza seus filhos para o Céu. Entretanto, a educação moderna e atea, perverte nossas crianças, ensinando-lhes doutrinas perversas e destruindo sua inocência.

Da educação católica depende a Fé também por seu precioso auxílio no recrutamento de vocações sacerdotais.

O texto que ora reproduzimos é um excerto de uma conferência escrita em 1956 e apresentada durante os trabalhos do II Congresso Nacional das Vocações Sacerdotais, ocorrido entre os dias 4 e 9 de Novembro daquele ano na cidade de São Paulo/SP. Vejamos agora qual eram as circunstâncias da época para que nas próximas edições consigamos lançar luzes sobre o problema educacional na atualidade.

Desde já adiantamos que o nosso intento nessa área é fundar quantas escolas pudermos. Que Deus nos abençoe de tal forma a podermos fundar, ao lado de cada Capela que construirmos, uma escola católica que forme não somente cidadãos para esta terra, mas sobretudo, para o Céu.

Leiamos o que escreveu a Revda. Madre Jeanne, C.S.A., doutora em Filosofia, licenciada em Ciências Religiosas pela Universidade de Louvain, a este respeito.

Disse Pio XII: *"É um fato incontestável que o número de vocações sacerdotais constitui, não o único, mas um dos meios mais seguros de se medir o valor de uma escola católica e de qualquer outra instituição educativa"*.

(Discurso à Instituição Marco Antônio, Roma 22.05.1951).

Essa medida de valor indicada pelo Santo Padre é inteiramente favorável às escolas paroquiais, pois, onde existem, são elas viveiros de vocações sacerdotais.

Essa medida de valor indicada pelo Santo Padre é inteiramente favorável às escolas paroquiais, pois, onde existem, são elas viveiros de vocações sacerdotais.

Muito numerosas nos Estados Unidos - 9.051 escolas paroquiais elementares, 1.546 escolas diocesanas de ensino secundário, que educam 3.500.000 crianças de curso primário e 725.000 de curso secundário, representam essas escolas a base da vida religiosa tão florescente nos Estados Unidos. Uma escola em cada paróquia e, se for preciso, a escola antes da igreja, é o lema de ação adotado pelos Bispos Americanos.

Que pensam nossos Bispos a respeito das escolas paroquiais?

Entre as decisões do Concílio Plenário Brasileiro, realizado de 2 a 20 de Julho de 1939, encontramos várias resoluções inseridas na Carta Pastoral Coletiva publicada a 23 de outubro de 1948. São as seguintes:

Art. 119: " É de necessidade inadiável que, em todas as Paróquias, haja escolas primárias católicas, a que chamam paroquiais, nas quais a mocidade nascente encontre o pasto espiritual da doutrina cristã e de outros conhecimentos úteis para a vida prática" (CPB, 463)

Art. 120: " Ordenamos portanto, aos Revmos. Párcos que eudem todos os esforços para fundá-las quanto antes, onde as não houver; e não descansem enquanto não conseguirem, por si ou por outrem, a realização deste ideal em suas Paróquias, custe o que custar" (CPB, 463).

Art. 132: " Desejamos ardentemente que se encarreguem da direção de nossas escolas os Religiosos das diversas Congregações de ambos os sexos, aprovadas pela Igreja, os quais deverão adotar os métodos modernos mais aperfeiçoados ao ensino primário" (CPB, 464).

Estas são as diretrizes da Hierarquia no Brasil.

Como foram elas seguidas?

Infelizmente não me foi possível colher dados numéricos a este respeito. Sabemos, entretanto, que nos Estados do Paraná, Santa Catarina e Ruo Grande do Sul, as escolas paroquiais são muito numerosas, geralmente dirigidas por

religiosas, e que, desses Estados, sai o maior número de vocações sacerdotais e religiosas.

Em São Paulo, foram criadas 32 escolas paroquiais, mas estão atualmente em funcionamento umas 24, segundo os dados fornecidos pela AEG de São Paulo, que realizou, há pouco tempo, um inquérito em todas as Paróquias. 20 escolas particulares, dirigidas por religiosos e religiosas, funcionam igualmente com classes masculinas ou mistas.

Adicionando a população masculina dessas escolas paroquiais e particulares, chegamos a este resultado: cerca de 6.000 meninos se educam em escolas primárias católicas. Se houve falhas nas respostas ao inquérito, digamos, para maior segurança, que talvez 10.000 meninos frequentam as nossas escolas primárias.

Ora, a população geral dos Grupos Escolares desta Capital, em Julho deste ano, segundo dados apresentados pela Secretaria da Educação, atingiu o número de 214.008 matrículas. Se dividirmos este total por dois, supondo que os meninos e as meninas estão igualmente distribuídos, teremos mais de 100.000 meninos frequentando Grupos Escolares.

Daí se deduz a necessidade urgente de criarmos escolas primárias católicas, sobretudo para meninos, como um dos meios mais adequados para a solução do problema das vocações sacerdotais.

[...]

Quais são pois, os elementos essenciais de uma escola paroquial?

Creio que podemos defini-la: uma escola integralmente católica, que trabalha em unidade de ação com a paróquia e procura integrar progressivamente seus alunos na comunidade paroquial.

Para que possam brotar vocações, é essencial que a escola forme uma comunidade integralmente cristã. Não somente as aulas de religião serão uma transmissão autêntica da mensagem evangélica, mas todas as matérias de ensino, todas as atividades da escola deverão concorrer para desenvolver nos alunos a vida de fé.

Se todo esse ambiente escolar, direção, professores, manifestarem uma

fé comum, esse testemunho vivo tornar-se-á contagioso.

É essencial igualmente que haja unidade de ação entre as duas comunidades escolar e paroquial. As duas realizam tarefas específicas, mas complementares.

Os conflitos que possam surgir entre as duas comunidades, não serão eles motivados por falta de conhecimento recíproco, ou porque a comunidade escolar forma um bloco sem abertura para outra?

É preciso, portanto, um esforço para realizar a unidade na caridade.

A comunidade escolar deve estar aberta para a Igreja, para sua vida profunda, seus problemas missionários, suas riquezas e suas exigências. Na medida em que ela procurar formar os seus alunos no "Sensus Ecclesiae", estarão eles aptos a participar ativamente da comunidade paroquial que é a Igreja e Cristo ao nosso alcance.

É preciso que, pela iniciação dada na escola, os alunos se integrem progressivamente na oração litúrgica da Igreja.

A participação viva e vivida ao Santo Sacrifício da Missa, preparada na escola e realizada na Igreja paroquial num belo clima de liturgia, é o meio por excelência de formação religiosa sólida e o melhor encaminhamento à vida sacerdotal: " Sacerdos propter sacrificium..."

Na medida, pois, em que nós soubermos fazer viver nossos alunos como membros vivos da Igreja, nossas escolas serão instrumentos de educação profunda e contribuirão, de maneira eficaz, para a renovação da Fé em nosso país, e, por conseguinte, para o despertar e o desabrochar de numerosas vocações sacerdotais.

Em: **Actas do II Congresso Nacional das Vocações Sacerdotais**, 1956, pp. 153-155.



Fotografia 4: Conjunto de alunas do colégio Des Oiseaux, reunidas para uma cerimônia no salão de festas da escola, entre 1940 e 1950. Fonte: Arquivo pessoal da Irmã M. D.

Esposo e esposa ou serão duas mãos juntas em eterna adoração ou dois punhos acorrentados em eterna condenação (Péguy ⁽¹⁾).

A PRIMEIRA IDADE ⁽²⁾

Em exergo⁽³⁾, no primeiro capítulo das suas “Lembranças”, escreve Rudyard Kipling⁽⁴⁾: “Dai-me **os seis primeiros anos** da vida duma criança; que eu me encarregarei do resto.

Como os pais deviam meditar estas palavras!

E porque é que pode Kipling falar assim?

Há evidentemente **a questão de hereditariedade**. Todo o homem é avoengo ⁽⁵⁾ e todo o homem é antepassado. Os filhos saem aos pais. Já o meditei.

Há ainda – segunda forma de influência – a formação pré-matrimonial do pai e da mãe. “Quando começa a educação duma criança?” perguntaram um dia a Napoleão. Resposta: “Vinte anos antes de ela nascer, pela educação da mãe.”

Da mãe. E do pai também. Da mãe sobretudo, porque até aos seis anos a criança anda mais nas mãos da mãe.

E que aberração deixar a criança seguir todos os seus caprichos!

– Mas ela não entende ainda, objeta-se. Não se pode falar à razão duma criança de berço.

É verdade, mas pode-se desde o berço ensinar muitas coisas a uma criança. Não raciocinando com ela, mas **habitando-a**.

Eis duas mães cada uma com o seu bebê; naturalmente, ambos choram, ambos gritam, quando querem manifestar algum desejo. Num caso a mãe, havendo já atendido a todas as exigências legítimas da criança, longe de se comover, deixa-a berrar à vontade. Desejava antecipar de alguns minutos a hora da amamentação ou do biberão ⁽⁶⁾. Não. Será servida na hora própria, antes não. A criança, sentindo que não se presta atenção aos seus gritos, depressa deixará de gritar intempestivamente.

No outro caso, apenas o bebê se põe a gritar, a mãe sente-se desorientada. Não pode resistir ao choro do menino.

Em vez de o educar para ele, educa-o para si, porque lhe custa muito ouvi-lo chorar, ou porque os gritos a enervam, a incomodam. Cede. Está perdida. A criança vai se tornar horrivelmente caprichosa. Mais tarde já o não dominará. Em vez de ceder: “Berra para aí à vontade, meu badameco ⁽⁷⁾.

Não precisas agora de nada”. Supondo que, de fato, a criança não precisa, esta atitude da mãe não lhe deve ser ditada pela preguiça, é claro, mas por um verdadeiro zelo de educação.

É um episódio apenas. Mas **que em tudo proceda ela assim**, isto é, unicamente **para bem da criança**. E aos seis anos esta saberá obedecer. E se a mãezinha, acompanhando progressivamente o desenvolvimento da criança, a ajuda a domesticar a sua tenra liberdade, tem todo o jogo na mão. Não está tudo acabado. Pode-se até dizer que está tudo a começar, mas fica já transposta uma passagem séria.

Até aí tratava-se de **endireitar**, operação aliás necessária. Começa agora a fase da verdadeira **educação**. Se os prelúdios faltaram, a segunda educação será quase impossível. Como levantar uma construção séria sobre um vulcão, como erigir uma vontade firme sobre uma natureza em perpétua convulsão? Será quase impossível.

Kipling tem razão. À luz do seu juízo, retificar, se for



necessário e se ainda é tempo, a minha maneira de proceder.

O AMOR AOS FILHOS

É preciso os pais terem amor aos filhos:

1. Para **se resignarem a tê-los**;
2. Para **não se impacientarem** com as suas exigências;
3. Para no afeto que lhes tiverem irem **até ao sobrenatural**.

1. Primeiro é **resignarem-se a tê-los**. É assunto já meditado.

2. **Não se impacientarem com as suas exigências**. As criancinhas **não têm defesa** e não têm recursos. É necessário que a cada passo alguém lhes venha acudir. Bem-aventurado quem as adivinha! É o condão das mães. À criança só resta gritar, agitar-se, chorar. Qualquer criança no berço é um

⁽¹⁾ Charles Péguy (Orleans, 7 de Janeiro de 1873 – 5 de Setembro de 1914), foi um escritor, um notável poeta, ensaísta e editor francês.

⁽²⁾ **Cristo no Lar**. Meditações para pessoas casadas. Pe. Raúl Plus, S.J. Tradução de Pe. José de Oliveira Dias, S.J. 1947, 2. Ed. Livraria Apostolado da Imprensa. pp. 425-428.

⁽³⁾ Citação de um excerto textual anteposta no início de um livro ou capítulo, assinalando as relações intertextuais que se estabelecem com a obra citada. O mesmo que epígrafe.

⁽⁴⁾ Joseph Rudyard Kipling (Bombaim, 30 de dezembro de 1865 — Londres, 18 de janeiro de 1936) foi um autor e poeta britânico. Foi laureado com o Nobel de Literatura de 1907, tornando-se o primeiro autor de língua inglesa a receber esse prêmio e, até hoje, o mais jovem a recebê-lo.

⁽⁵⁾ Isto é, que procede dos avós.

⁽⁶⁾ Mamadeira.

⁽⁷⁾ Criança atrevida.

A Educação Perfeita

Sete Regras de Ouro

Um campônio de coração simples e alma forte, celebrou-se, tornando-se o alvo da admiração de todo o mundo, pela orientação que soube imprimir à educação de seus oito filhos, conseguindo que todos eles lograssem alcançar uma posição social de relevo.

Um deles fez-se Sacerdote e professor na Universidade; quatro chegaram a conquistar a láurea de Doutor e três se notabilizaram como advogados.

Perguntaram-lhe certa vez como conseguira aquele resultado admirável. E ele com aquela simplicidade e naturalidade que constituíam o fundo do seu caráter, respondeu:

“Tive o maior cuidado com a educação do mais velho; a sua educação se refletiu com tanta felicidade sobre os seus irmãos, que o meu trabalho para corrigi-los e encaminhá-los, não encontrou dificuldades de monta.”

“O resto foi obra destas regras que observei sempre com rigoroso escrúpulo, não me afastando delas jamais em nenhuma circunstância:

1. Nunca exigi de meus filhos o que eu não tivesse feito primeiro, e sempre que lhes ordenava qualquer coisa, refletia primeiro com cuidado e calma.

2. Sempre exigi deles uma obediência pronta, convencendo-os de que o maior dever deles era obedecer.

3. Dei-lhes sempre as maiores provas de amor e carinho, porém nunca descuidei de lhes inculcar o respeito que me era devido.

4. Nunca lhes permiti contradições ou réplicas para comigo ou para com sua mãe.

5. Meus filhos não observaram jamais qualquer desarmonia entre seu pai e sua mãe. Cumprimos, eu e minha esposa esta regra, religiosamente, não somente para evitar escandalizar os nossos filhos, como para que eles não faltassem nunca, ainda que no mais recôndito de seus corações, ao dever de honrar-nos.

6. Acostumei-os desde pequenos ao trabalho, sem descurar a sua saúde.

7. Encomendei-os a Deus todos os dias.

Aí tem as sete regras que me deram oito filhos, que são o consolo da minha velhice e a recompensa de meus trabalhos tão penosos quanto abençoados.”

Publicado originalmente em: BRAZOPOLIS. Órgão oficial dos Poderes Municipais. 1933. Ano 10. Num. 477. p. 03.



revolucionário em botão. As instituições mais bem organizadas devem, imagina ela, ceder a seus caprichos; e, se não se obedece às suas ordens, esbraveja e põe toda a casa em desordem.

Além disso, é **manhosa por natureza**. Depressa encontra os expedientes eficazes para levar a água ao seu moinho. Não é raciocínio, é intuição. Tal gesto, tal atitude produz o resultado que deseja; tal outro método é ineficaz. **Lógica** o mais **cândida** que é possível.

E **orgulho** não menos **cândido**. Tem consciência de que o centro a que toda a casa converge é ele. E não se envergonha disso. É um monarca no seu reino. Papá e mamá, os irmãos, as irmãs, todas essas personagens formam a sua corte, atentos todos às suas reais vontadezinhas. E em paga ele distribui pródigos sorrisos.

Mais tarde necessitará de brincar, de saltar, de correr. Quebrar seja o que for é a sua melhor diversão. Está muito satisfeito⁽⁸⁾. Ou então para descansar, senta-se a ouvir alguma história. A menina, essa absorvem-na os cuidados a dispensar à boneca. Mas não lhe metam nas mãos uma que diga “papá, mamá”, que então não se ouvirá outra coisa o dia inteiro. O rapaz faz de soldado, de maquinista. E aí de todos, se, pelo Natal, o Menino Jesus lhe trouxe algum tambor ou algum assobio⁽⁹⁾; a casa toda que o diga!

Levar com serenidade as estroinices⁽¹⁰⁾ da criança, com mira numa criteriosa afinação, prelúdio de criteriosa educação. Resignar-se, quando as crianças crescem, a que façam barulho, que sejam curiosas, que queiram mexer em tudo, reservando-se, aliás, o direito de lhes moderar as correrias ou o ruído onde e quando for necessário, de explicar o que se permite e o que se lhes proíbe fazer.

3. Atenção a não se amarem as crianças só pelo seu encanto natural, mas **por motivos mais elevados** e propriamente divinos. “Ah! eu amo tanto os meus filhos!” confessam à porfia os pais, as mães sobretudo. Muito bem! Sente-se às vezes vontade de lhes dizer: “Se pudésseis amá-los um pouco menos, mas amá-los um pouco melhor!” Ou antes, porque nunca se ama demais, mas pode-se amar mal: “Amái-os tanto quanto quiserdes, mas **por amor deles**, não por amor de vós.”

Por amor deles, e portanto não condescendais com todos os seus caprichos, não procureis dispensá-los de todo o esforço, não os considereis como ídolos, e não os ensineis desde a infância a ser orgulhosos e vaidosos.

Por amor deles, portanto tendo sempre diante dos olhos o que lhes pode fazer mal, não só no que se refere ao corpo, mas em tudo o que toca aos interesses próximos ou remotos da sua alma.

Por amor deles, isto é, finalmente – mas a ladainha seria interminável – procurando descobrir através do perfil humano de cada um desses batizados, a Trindade augusta que neles reside e a imagem de Cristo, e não descansando enquanto toda a formação não tender a fazer deles tabernáculos verdadeiramente santos do Senhor, prolongamentos autênticos de Jesus Cristo.

⁽⁸⁾ No original: Está nas suas sete quintas.

⁽⁹⁾ Apito.

⁽¹⁰⁾ Extravagância, leviandade, loucura.

"Mitte Domine, operarios in messem tuam; messis quidem multa, operarii autem pauci!"

Preocupar-se com as vocações.

Àqueles que compreendem a importância do Sacerdócio no plano dos desígnios divinos para a salvação e santificação das almas, não basta não serem indiferentes ao recrutamento do clero e esperarem que as ocasiões se apresentem, para favorecerem de uma maneira qualquer as vocações. Quando se trata de interesses tão preciosos para a Igreja e para a sociedade, há outra coisa a fazer que não ficar inativo e aguardar os acontecimentos para descruzar os braços e mover-se. Ou não se compreendeu a necessidade capital que a Igreja tem de Sacerdotes, e então a pessoa não se capacita da miséria moral dos povos, da necessidade de instrução espiritual das massas e da evangelização das nações infiéis, e isso é uma ignorância de que urge sair; ou se tem a inteligência da situação crítica das almas no meio da corrupção universal, e então não se pode ignorar a necessidade que por toda parte se faz sentir de mais numerosos Sacerdotes para dispensar às almas os socorros da religião e impedir que o grande número se perca. Esta intenção deve ser uma das primeiras nas nossas preces; ela deve fazer nascer em nós o desejo de cooperar para o recrutamento sacerdotal, e tornar-se uma das nossas principais preocupações. Praticamente, faremos nascer as ocasiões capazes de revelar-nos as vocações sacerdotais, favoreceremos as primeiras manifestações, interessaremos nelas as almas generosas, recomendá-las-emos a Sacerdotes piedosos e esclarecidos e, se preciso, cooperaremos na instrução delas. Possam as famílias cristãs distinguir e favorecer as vocações desabrochadas em seu seio! Possam as almas piedosas achar em torno de si, em todas as classes da sociedade, eleitos do santuário, e orientá-los para o Sacerdócio! Possam os fiéis de todas as condições ter a peito a obra do recrutamento sacerdotal! Possam todos os Sacerdotes do Senhor achar sucessores para continuarem a sua obra de salvação!

A PALAVRA DO PAPA

Da carta de Pio XII ao Presidente do Conselho Geral do Episcopado da América Latina, realizada na Cidade do Rio de Janeiro, nos dez dias depois do XXXVI Congresso Eucarístico Internacional de 25 de Julho até 4 de Agosto de 1955, sob a presidência do Emo. Cardeal Piazza, Secretário da Sagrada Congregação Consistorial.

... Entretanto, Venerável Irmão Nosso, não te queremos ocultar que uma preocupação constante se junta a esta consideração Nossa ao não ver resolvidos ainda os magnos e graves problemas da Igreja na América Latina, e sobretudo que não se conseguiu ainda solucionar o angustioso problema que, com razão, se aponta como o mais grave e perigoso, a **escassez do clero**. Efeito de causas demasiado conhecidas para que as recordemos em particular. Essa insuficiência existiu no século passado – e ainda hoje dolorosamente acontece o mesmo, se bem tenham sido feitos esforços por evitá-la, e por isso a vida católica apresenta, nesse Continente, certas deficiências cada dia mais gravemente perigosas, embora esteja profundamente arraigada nos espíritos e ofereça, com frequência, magníficas manifestações, entre as quais, alguma vez, floresceu a palma do martírio, coroa dos fortes.

Com efeito, onde falta o sacerdote ou onde este não é “vaso de eleição, santificado e idôneo para uso do Senhor, disposto para toda obra boa” (II Tim. 2,21), necessariamente se obscurece à luz da fé, afrouxam-se as leis e normas de vida, impostas pela religião, e facilmente enlanguesce e se apaga a vida da graça, relaxam-se, no povo, os costumes em moleza e incúria e desmorona, na conduta pública e privada, aquela salutar firmeza de propósito que só pode manifestar-se quando cada qual se conforma, em todas as circunstâncias, com a luz do Evangelho.

Esta penúria do clero secular e regular hoje se manifesta mais aguda e grave que em tempos passados, pela crescente grandeza dos problemas de índole apostólica que incumbe à Igreja e impede ou ao menos retarda o progresso espiritual e religioso das mui queridas nações da América Latina enquanto progridem tão auspiciosamente sob muitos outros aspectos.

Nós, confiando em Deus Nosso Senhor e invocando instantemente a proteção da Santíssima Virgem, Rainha da América Latina, não partilhamos dos pressentimentos de um triste porvir que alguns predizem à luz destas circunstâncias. Antes, pelo contrário, nutrimos a radiosa esperança de que a América Latina se disponha, em breve, a cumprir, com vigoroso empenho, a missão que a Divina Providência parece ter confiado a esse imenso continente que se orgulha de sua Fé Católica, de assumir parte importante na nobilíssima tarefa de irradiar, no futuro, também nos demais povos os dons preciosos de paz e salvação.

Sem embargo, para lograr a realização destes nossos votos, é necessário por-se a trabalhar imediatamente com decisão, generosidade e bravura; é mister não malbaratar, com perniciosa dispersão, valiosas energias mas coordená-las para que venham ser quase multiplicadas. Se as circunstâncias o aconselham, adotem-se novos métodos de apostolado e abram-se caminhos novos que, dentro de uma grande fidelidade à tradição eclesiástica, sejam mais acomodados às exigências dos tempos e aproveitem as conquistas da civilização, as quais, embora sirvam infelizmente, muitas vezes, para o mal, têm de ser corajosamente utilizadas pelos bons para fazer triunfar a virtude e difundir a luz da verdade.

Pareceu-Nos, pois, oportuno, desejando acolher as insistentes súplicas também dos Prelados da América Latina, decidir que a Hierarquia Latino-Americana se reúna para estudar em comum, com toda a atenção, esse problema e combinar um plano e método concretos para realizar, com solicitude e competência, tudo quanto exigem as necessidades dos tempos.





A Primeira Missa no Brasil.
Quadro de Victor Meireles. (1860).

A política é a busca do bem comum. Ora, sendo católicos e tendo uma visão sobrenatural da realidade, sabemos que o verdadeiro bem é o Sumo Bem, o próprio Deus. O verdadeiro bem comum é que todos atinjam a finalidade de sua existência, que é a união com Deus, a bem-aventurança eterna, a salvação de suas almas. Todos os assuntos deste mundo devem ser vistos sob uma ótica que considera as máximas eternas, que se lembra de que todos morreremos um dia, e que esta vida não é senão uma peregrinação, uma temporária passagem por este vale de lágrimas.

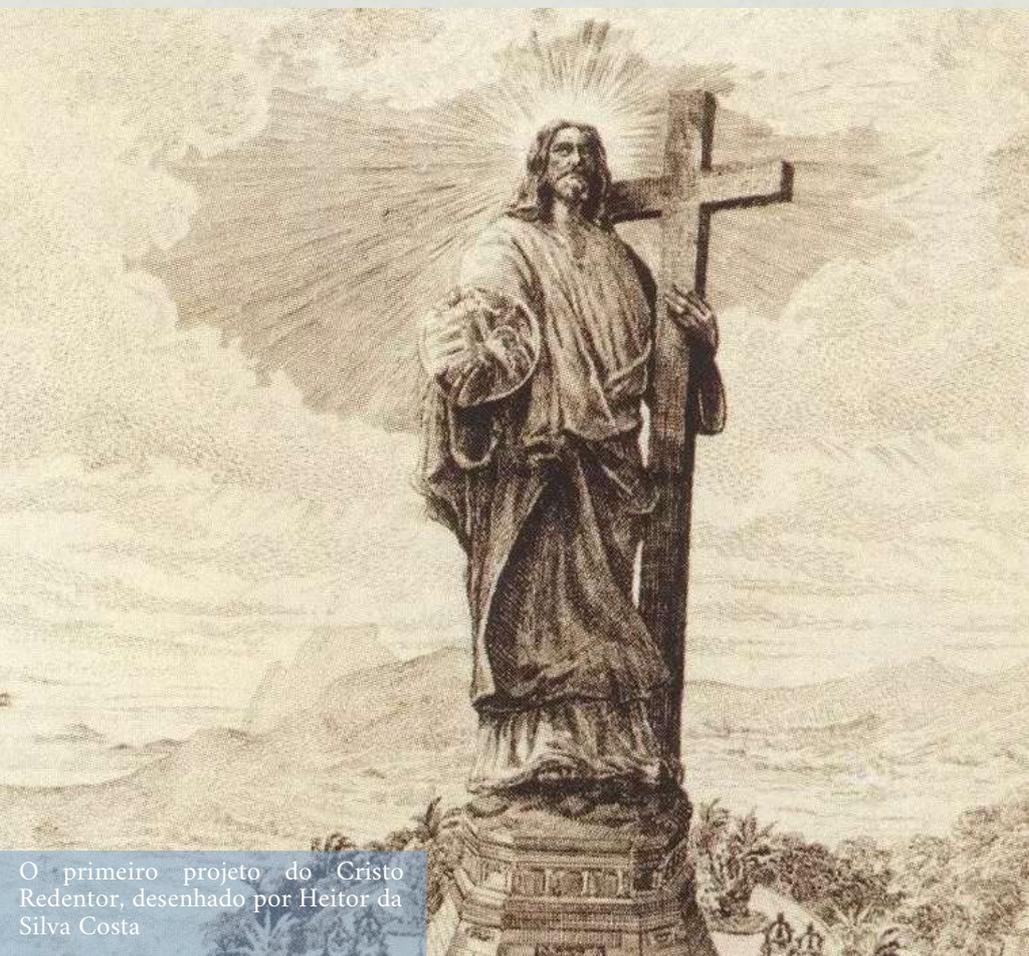
Assim, a verdadeira política é a que busca que todos sejam salvos. Todos os assuntos seculares devem ser analisados à luz da vida sobrenatural; eles são um meio, não um fim em si mesmos. Portanto, é inadmissível o costume do católico que, sob a escusa de estar

“preocupado com o futuro do país”, despreza a própria vida de oração e incorre em faltas contra as virtudes, perdendo seu tempo com notícias vãs e inúteis que se desvanecem como a areia sob o vento, deixando de rezar como deve, estressando-se, aniquilando o próprio recolhimento e a vida interior por coisas sobre as quais ele não tem, na maioria das vezes, absolutamente nenhum controle e notícias que ele nem sabe ao certo se são ou não verdadeiras.

Agindo assim, o católico troca os fins pelos meios, tratando a política como um fim em si mesma e a oração como algo vão e descartável, quando nada poderia ser mais falso. Nossos caros leitores podem dizer que não é assim que pensam. Mas reflitam conosco e façam um *mea-culpa*: não é assim que muitas vezes agimos, como se as vaidades, o pó e a areia deste mundo fosse o mais importante, e a vida de oração aquilo

que merece uma atenção secundária?

Eis a maior estratégia do demônio: fazer com que deixemos de cultivar a vida interior, derramando-nos nas criaturas para esquecermos de Deus, que é nosso fim último, e pensarmos que é o pó deste mundo que importa. Toda a estrutura do mundo moderno é feita para isso, essa cultura de massa: televisão, celular, computador, redes sociais, filmes, músicas, jogos; somos constantemente bombardeados com estímulos fortíssimos e carregados por um fluxo ininterrupto de novas informações. Tudo isso tem como efeito a nossa dispersão: ficamos todos os dias pensando apenas no efêmero, no curto prazo, na última notícia e assim, nunca meditamos, nunca nos aprofundamos nas máximas eternas, e acabamos por enfrentar obstáculos invencíveis para a oração e a vida interior por estarmos sempre dissolutos.



O primeiro projeto do Cristo Redentor, desenhado por Heitor da Silva Costa

O grande mestre da vida espiritual Francisco de Osuna, cujo livro fez de Teresa de Ávila uma santa, diz em seu Terceiro Abecedário Espiritual que o princípio de todo o mal está na dissipação, em não vigiar devidamente nosso coração, deixando nossa atenção vagar ao que é superficial, pois, se mantivéssemos em nosso interior o que verdadeiramente importa, não pecaríamos.

Vimos muito este fenômeno durante os últimos 4 anos especialmente durante as eleições: uma grande disseminação de conteúdo midiático vazio, inúmeros vídeos de notícias banais e insignificantes sendo divulgadas como se uma grande transformação no país estava prestes a ocorrer. Quantas vezes as pessoas se decepcionaram porque ouviram declarações “bombásticas” disso e daquilo e acreditaram. No fundo, era apenas mais do mesmo, um monte de falatório inútil. Vários espertalhões exploraram essa justificada desconfiança que boa parte das pessoas têm da grande mídia e criaram canais alternativos com o

fim de produzir uma corrente interminável de notícias sensacionalistas (muitas até descaradamente mentirosas), dizendo ou que o Bolsonaro e os seus iriam fazer e acontecer, ou que a esquerda iniciaria uma guerra civil. Assim, também eles aproveitaram da curiosidade, da ingenuidade e má formação dos brasileiros, que facilmente creem em qualquer informação que recebem. Muitos ficaram ansiosos e cheios de preocupação, consumindo freneticamente informações que não os levaram a lugar algum. Todo esse tempo poderia haver sido empregado em obras frutíferas: em oração e tudo o que diz respeito às coisas de Deus, mortificação, leituras espirituais, ou estudos sérios sobre questões de política e história pela leitura de bons livros e realização de pesquisas profundas.

O que ganhamos com tantos vídeos inúteis de Whatsapp, tantas “Bomba! Agora Vai!”? Que frutos tivemos em nossa política? Para que serviu?

Após 4 anos, a esquerda retomou a presidência, tendo à sua disposição todos os meios de ação necessários para desfazer o que tivemos de bom no governo anterior.

Irmãos, aprendamos nossa lição. Nosso Senhor, que é a própria Verdade Encarnada, cujas palavras são perfeitíssimas e não poderiam ser mais verdadeiras, disse muito claramente: “Ora eu digo-vos que de qualquer palavra ociosa que tiverem proferido os homens, darão conta dela no dia do juízo.” - (Mt. 12, 36)

Se a esquerda novamente governa este país, é por nossa culpa. É nossa culpa, por não rezar como deveríamos.

Assim Deus permitiu que fosse, para nos corrigir, porque ele não quer recompensar nosso comportamento viciado. Hoje em dia não há mais um catolicismo pujante, nem nos meios ditos tradicionais. Onde está o justo ódio ao pecado? O fervor de conversão? De orar, de fazer penitência para pagar pelas ofensas a Deus? Com a mais absoluta certeza, não será de uma nação de católicos tíbios, mornos, frouxos e interiormente mortos que sairá uma potência do catolicismo. Não sairá de pessoas que, assim que terminado o Santo Sacrifício da Missa, põem-se logo a conversar e dar risadas, sem nenhum tipo de respeito ou veneração pelo que acabaram de presenciar. Na primeira oferta do anticristo, todos dobrarão os joelhos. Se não conseguem ao menos sacrificar o ídolo do celular e redes sociais, da última notícia, da loquacidade, quem se recusará a oferecer o grão de incenso quando o dia do suplício vier?

Deus quer um povo brasileiro virtuoso, varonil, uma nação de católicos de joelhos no chão, que se esforcem trabalhando e estudando, que rezam e choram seus pecados, que se humilham perante a Divina Majestade, que fazem reparação pelos pecados seus e do mundo, que levam a sério a religião. Deus jamais recompensará o católico preguiçoso, que por displicência não reza mas se

entope do falatório do mundo. Católicos que rezam, em vez de perder tempo com palavras: é disso que o Brasil e o mundo precisam.

Sim, é rezando e mortificando-se que resolveremos alguma coisa. No ano de 1917, Nossa Senhora em Fátima pediu às pessoas a recitação do Rosário diário pela salvação das almas dos pecadores. Ela não pediu que ficassem sabendo de todas as notícias do “palácio do planalto”. Nossa Rainha disse que muitas almas se condenam porque não há ninguém que ofereça sacrifícios a Deus por elas. Como podemos nós, depois de tal admoestação da própria Mãe de Deus, continuar derretendo nosso tempo com vaidades estúpidas e inúteis? Se rezássemos mais, quantas graças não nos seriam concedidas, a nós e a nossos irmãos? Se fôssemos mais generosos e menos preguiçosos, quantas almas não poderiam ser salvas? Irmãos, isso é o único que importa, e a política deve estar submetida ao único que importa que é a salvação das almas. Jamais o fim pode ser trocado pelo meio. Jamais sacrificar o recolhimento e a oração pelas vaidades do mundo.

Como pode alguém dar aquilo que não tem? Como pode alguém que não deixou de ser escravo das paixões mais baixas e desordenadas, querer ocupar-se de cuidar do bem comum? Aquele que tem a própria alma desordenada, que é escravo do demônio pelos seus pecados, que não passa um dia sem ofender a Nosso Senhor, como pode querer se meter a resolver os problemas de toda uma sociedade, de um país, do mundo?

Por isso, quem quer que queira se ocupar da busca do bem comum, deve estabelecer em sua mente uma hierarquia de prioridades: em primeiro lugar, ordenar a própria vida para assim ordenar sua alma, em vez de perder seu tempo com vaidades.

Devemos focar nossos esforços na batalha de longo prazo, a



O então Presidente da República Federativa do Brasil, Sr. Juscelino Kubitschek, assistindo, de joelhos, a missa de fundação de Brasília. 03.05.1957.

que requer perseverança e paciência e exige de nós o sacrifício dos passageiros deleites do presente para obter a verdadeira recompensa no futuro.

Deve também ficar claro que não há possibilidade de vitória a curto prazo. O demônio usa desta outra tática, tornar as pessoas imediatistas, pensando apenas no agora. Deste modo, ele nos faz esquecer do nosso fim, que só virá ao término de nossas vidas e, entretanto, é o único que importa. Fazendo-nos esquecer do amanhã, ele nos leva tanto a uma afobação e uma exagerada ansiedade, quanto a um desespero de nos fazer pensar que tudo está perdido. Não. Ainda não acabou, ainda há muitas batalhas por travar.

Eis a circunstância atual. Caros leitores, não pensem que será um indivíduo, que nem é católico direito, que não reza, que não se importa com o que a Santa Madre Igreja ensina, que não pensa na salvação de sua alma nem na de seus súditos, que defende práticas condenadas pela Igreja - como os métodos contraceptivos... não pensem que é um sujeito desses que salvará a civilização ocidental. Se não é capaz de salvar a própria alma, que

tipo de defesa do bem comum ele poderá oferecer aos seus súditos?

Caros leitores, ninguém dá o que não tem. Se queremos o bem comum, precisamos de alguém com a fibra moral necessária para defendê-lo.

A cada ano, a humanidade torna-se menos racional e mais animal, curvada com a face por terra, tampando o nariz e a boca em sinal claríssimo de submissão, apenas obedecendo às potestades deste mundo, que pela grande mídia ditam às massas o que devem repetir cegamente. Todos hoje só pensam em ficar vivos pela maior quantidade de tempo possível para fruir da maior quantidade de prazeres sensitivos possível, pois, como já não creem na eternidade, entram em paranoia com a primeira notícia de “pandemia”, voltando-se uns contra os outros, vizinho delatando vizinho, colega impedindo o outro de visitar os próprios familiares no leito de morte para não “espalhar vírus” para os outros. No modernismo, até foram proibidas as confissões, no momento em que elas eram mais necessárias!

O que então deve ser feito?

Para ter uma boa política católica, é preciso ter bons políticos

católicos e, para isso, boas pessoas católicas. Aqui entra a verdade que é difícil a muitos aceitar. Todos temos uma responsabilidade, e o futuro está na mão de cada um de nós. E enquanto estivermos nos preocupando com vaidades, só criaremos homens covardes e vãos. Mas se queremos novos grandes homens, capazes de erguer uma civilização inteira, e deixar legados lendários pelos séculos, se queremos novos Carlos Magnos, Constantinos, novos Reis como São Davi e São Luís IX, devemos formar uma nova geração de católicos na virtude, no heroísmo, na oração, no estudo, num árduo trabalho buscando adquirir a excelência e a competência, buscando a perfeição em todas as obras.

Primeiro deve vencer-se a si próprio. Quando um católico for virtuoso e um exemplo para o outro, ele começará a irradiar como luz fulgurante ao seu próximo, e inevitavelmente, influenciará os outros em seu entorno. Como Nosso Senhor, que é o próprio Deus, disse no Sermão da Montanha:

“Vós sois a luz do mundo. Não pode esconder-se uma cidade situada sobre um monte; nem se acende uma lucerna, e se põe debaixo do alqueire, mas sobre o candeeiro, a fim de que dê luz a todos os que estão em casa. Assim brilhe a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras, e glorifiquem o vosso Pai, que está nos céus.” - (Mt. 5, 14-16)

Lembremo-nos da história para não repeti-la. Muitos, durante a perseguição no Império Romano, criam ser aqueles tempos os últimos. Após o Edito de Milão, que pôs fim à perseguição dos católicos, veio um século de paz, até a decadência e queda do Império Romano pelas invasões dos bárbaros, e muitos novamente criam ser aqueles tempos os últimos. É fácil de ver qual o objetivo do demônio nisso, é fazer-nos perder a esperança, achar que está tudo perdido, que a batalha acabou. Ora, quando estamos convictos de termos sido derrotados, resta apenas fugir, reconhecer a

vitória do inimigo, talvez até capitular ou trocar de lado. Mas isso é uma mentira diabólica: nossa batalha só termina na morte, e até lá devemos carregar nossa cruz e seguir Nosso Senhor. Antes de recebermos a coroa da vitória, antes do fim da corrida, ainda há tempo. Estamos em 2023 e, talvez possamos afirmar que nunca estivemos tão próximos do reino do anticristo - os católicos que mantêm viva a chama da fé sendo tão poucos, e os sacerdotes válidos, que entendem o que está acontecendo, mais poucos ainda. Mas nós não sabemos quando será o fim. Devemos, portanto, lutar cada dia como se, olhando em perspectiva, fôssemos os perseguidos no Império Romano, e como se de nossa resistência heroica dependesse o destino de muitos séculos pela frente.

Pensar no longo prazo, construir para o futuro. Pregar e catequizar, converter os povos, lutar pela salvação das almas, isto sim dá frutos e frutos eternos. É somente isso que importa. Ainda que não consertarmos o Brasil, se tivermos nos aplicado 100% e tivermos desentortado apenas 1 alma, já valeu a pena, ainda que essa alma seja a nossa própria.

E só podemos dar início a esse trabalho de santificação do próximo uma vez que nós mesmos formos santos; do contrário, nosso Brasil continuará sendo o país da mediocridade e da feiura, do funk e da bandidagem, da promiscuidade e da impunidade.

O mesmo Francisco de Osuna escreve em seu livro que ele crê firmemente que um homem ajuda o seu próximo, a sociedade à sua volta, na medida literal em que ele trabalha pela própria salvação e se santifica.

Conta-se uma história do grande São Pedro de Alcântara – um dos maiores místicos da Igreja e padroeiro do Brasil – que era um frade menor da Espanha na primeira metade do século XVI, tal como

Osuna, na qual um piedoso nobre chamado Orapsane o foi visitar; e perguntando-o acerca da ira

de Deus pelos pecados do mundo, exaltou-se por seu zelo e rompeu-se em discurso:

“Ó Padre! O que achais? O que será deste mundo ímpio? Pensais vós que a justiça divina pode conter-se ainda de vingar-se? Vedes, como a virtude é oprimida, e o pecado triunfa? O quão deliberadamente nós acumulamos ira para o dia da ira?”

Ao que o homem de Deus modestamente respondeu:

“Nobre senhor, não se aflija, um remédio facilmente será encontrado para curar esta doença; o ponto de dificuldade consiste apenas em Vossa Mercê e eu, pois a perdição geral da humanidade flui desta fonte; que todos e cada um dissimulando ou mascarando seus próprios pecados, acusam o todo, quando não pode ser dito que o todo peque de forma alguma, mas pessoas particulares dentro do todo. Assim, os homens clamam contra as impiedades do mundo, que todos são maus e ninguém pratica o bem, quando se eles apenas olhassem para si próprios, encontrariam matéria suficiente para se entristecer, e para moverem-se a fazer penitência por suas próprias faltas; mas porque agora eles culpam o todo, negligenciam suas particularidades, e se justificam com uma presunção ébria. Portanto, nobre Senhor, que vossa Senhoria, e eu, emendemo-nos, e então uma grande parte do mundo será emendada; nós aplacaremos o irado juiz, e repararemos uma grande parte da ruína da humanidade por nosso bom exemplo.”

Se cada um de nós não tomar a firme resolução de ser, para nossa família, para nossos irmãos, nossos colegas de trabalho, nossas esposas e filhos, nossos súditos e nossos superiores, o modelo perfeito do que devemos ser, aplicando nisso todo o esforço da nossa vontade; se não quisermos ser em nosso próprio meio os próximos São Luís, não esperemos jamais que outros o façam. Pois talvez o surgimento de um novo São Luís, dependa do seu bom exemplo, e se este exemplo não for dado, ele nunca

receberá o que precisa para tornar-se quem foi feito para ser.

Por isso nós estamos aqui. Por isso os religiosos prometem uma vida de busca da perfeição, para ser luz do mundo, para ensinar ao mundo pelo exemplo. Se ninguém der o exemplo, como as pessoas boas, de boa intenção, poderão saber qual é o ideal a ser almejado? Elas nunca apreciarão quem elas poderão vir a ser, pois não sabem pelo exemplo do que a graça é capaz. Não sabem qual é o ideal, e estarão como que adormecidas no oceano de mediocridade do seu entorno, pensando que jamais poderão progredir na vida de oração ou ter uma meditação sem distrações e achando que isso é assim mesmo, que está tudo bem. “O meu povo perece, por falta de conhecimento.” - (Os. 4, 6).

Por isso os católicos mornos, tíbios e laxos são culpados: pois eles têm o conhecimento, eles têm os

meios para se santificar; mas porque continuam sendo medíocres, o alimento espiritual não chega aos mais fracos e necessitados, àqueles que poderiam se converter: a estes católicos tíbios foram dados talentos que não foram multiplicados, mas enterrados. Todos nós, que sabemos da crise, seremos rigorosamente cobrados se, tendo o acesso aos sacramentos verdadeiros e válidos, continuamos sendo trevas por dentro, sem iluminar o mundo como é nosso dever.

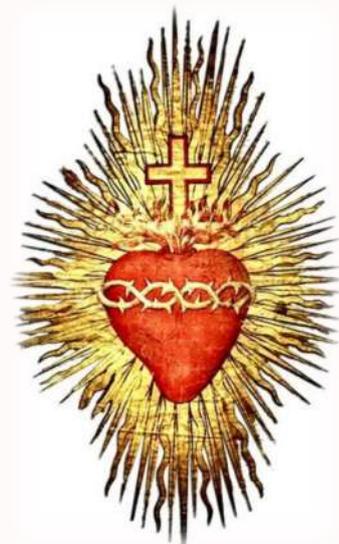
Assim, se queremos grandes líderes para governar e comandar nosso amado Brasil por entre a tempestade, precisamos primeiro que ele seja formado: que ele nasça, cresça, seja educado no ideal católico de heroísmo, de santidade. Ninguém hoje é capaz de enfrentar o poder estabelecido - que tem como cabeça o próprio demônio e não se amedrontar - sem especiais graças e

luzes, sem uma ajuda especial dos céus para combater esse reino infernal. E é justamente para isso que nós estamos aqui. Quando o império romano caiu diante da invasão dos povos bárbaros, foram os mosteiros, os conventos de monges que reergueram a civilização, pouco a pouco, convertendo os mesmos bárbaros, tornando-se centros de cultura e produzindo conhecimento: de livros a música. Grande parte dos livros que temos da antiguidade, só os temos graças ao esforço hercúleo dos chamados monges copistas, que dedicavam vidas inteiras a manter o registro cultural e civilizacional do passado, escrevendo manualmente as cópias dos livros, enquanto os bárbaros saqueavam e queimavam tudo. A Igreja é que fundou a civilização ocidental na Idade Média, entre as ruínas, entre o caos e a desordem, no meio da sujeira do pecado, da miséria, da traição e da matança. Não será diferente em nossos tempos.

Se queremos novos Carlos Magos, novos Justinianos e Constantinos, novos reis como São Luís IX de França, São Fernando III de Castela e Santo Estevão da Hungria, Santos Henriques e Eduardos, novos Reis Davis para governar nosso país, só os teremos por meio de muita oração, mortificação e estudo. É por meio da batalha cultural, lenta e gradual, pela conversão e salvação das almas, pela santificação de nós mesmos - para assim poder santificar o nosso próximo - que venceremos.



D. Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta, então Arcebispo de São Paulo, é cumprimentado pelo Pres. Juscelino Kubitschek. 03.05.1957.





O objetivo das colunas seguintes é oferecer ao leitor a oportunidade de conhecer algumas Obras Pias que a divina Providência suscitou para afervorar os fiéis e facilitar-lhes o cumprimento dos deveres. Queira Deus que o conhecimento destas obras desperte em nossos leitores o desejo de associar-se à elas. Aqueles que quiserem solicitar a inscrição em alguma dessas associações faça a gentileza de enviar-nos um e-mail: secretaria@fradesmenores.com



Letras de Exemplos Franciscanos

Aos nossos queridos membros da
Ordem Terceira

Superabundantes são os exemplos dos santos através da bibliografia que, graças à internet, hoje todo católico pode dispor. E sendo esta literatura sempre tanto mais necessária quanto mais adaptável às nossas vidas, buscamos encontrar cada vez mais aquelas histórias “perdidas” e dispersas dos grandes servos da Ordem Terceira Franciscana.

Não esperamos que apenas nossos numerosos terciários possam aproveitar dessas linhas, mas que outros, por meio do bom exemplo da Ordem, a qual segundo Leão XIII restaurará a sociedade, possam também beber nesta inesgotável fonte, pois cada qual se santificará em seu estado de vida. Assim, apesar de muito edificantes os exemplos das congregações e ordens primeiras, são raríssimas vezes aplicáveis às necessidades do leigo comum imerso em uma vida de criação da prole, trabalhos, estudos, etc. Como reparar isso àqueles que não foram chamados a serem padres, nem freiras, nem monges? A obediência ao confessor, a assistência dos sacramentos e todas as práticas de piedade não excluem os elementos secundários da vida cristã, tais como leituras espirituais e meditações.

Se estivéssemos na trincheira, não gostaríamos de estar bem agasalhados? Bem alimentados? Justamente para não acabar eventualmente morrendo devido às más condições da guerra? Que pior guerra que a que vivemos? Que piores condições que a dos leigos entrincheirados no mundo? Nós que travamos a doméstica batalha da formação do clero não queremos perder a fina flor dos nossos valorosos filhos que muito têm trabalhado para fundação, expansão e conservação do nosso apostolado, ao mesmo tempo que sobrevivem, sim, sobrevivem ao mundo.

Trago pois, com muita humildade umas poucas linhas para uma edificação própria dos leigos. Um pequeníssimo presente para aliviar um pouco as suas dores e fadigas da vida presente. É, porém, muito menos de toda a assistência que merecem.

*Frei João Maria Vianney Amaral A.
de Matos*

MARIA CARNIMOLLA,
VIÚVA, DA ORDEM TERCEIRA.
1616.

SUMÁRIO: Ela foi educada no temor de Deus. - Viúva, recebeu o hábito da Ordem Terceira. - Progresso na vida espiritual. - Proteção miraculosa. - Fatos miraculosos devidos a suas orações.

Sambuca, grande cidade da Sicília, foi a pátria desta serva de Deus. Seus pais foram Leonardo Carnimolla e Onufria, uma mulher muito virtuosa. Maria nasceu em 1568 e recebeu no batismo o nome de Abundância, presságio dos dons que Deus deveria derramar sobre ela. Sua avó, que levava esse mesmo nome, a instruiu nos seus primeiros anos no temor de Deus, e a formou na devoção, levando-a todos os dias à igreja para escutar a santa Missa. Ela seguia tanto as instruções de sua avó que, estando apenas com dez anos, viu, enquanto o padre dava a santa comunhão, nosso Senhor Jesus aparecer sob as feições de uma criança radiosa na hóstia dada a um virtuoso campesino. Ela era tão doce de caráter, respeitosa, modesta, obediente para com seus pais, e sobretudo cheia de bondade para os pobres.

Apesar disso casaram-na, ela permaneceu fiel a todas as suas virtudes e boas obras, assistindo todos os dias à Missa e frequentando os sacramentos com uma grande devoção. Uma noite que seu marido estava ausente, encontrou, enquanto ia se deitar, sua cama ocupada pelo diabo sobre a figura de uma fera medonha; toda apavorada, recorreu à oração e ficou um instante a lutar contra a horrível besta que não cedia por nada; mas logo que ela invocou o apóstolo São Felipe, prometendo dar esse nome a criança que portava (estava pois grávida), o demônio, vencido, desvaneceu. Maria trouxe ao mundo uma filha ao qual ela deu o nome de Felipe. Esta filha entrou na Ordem Terceira e brilhou por uma eminente perfeição. Maria teve muitas outras crianças e que ela educou na prática de todas as virtudes cristãs. Ela passava uma parte da noite em orações, dava esmola, jejuava frequentemente, escutava os sermões e lia a vida dos Santos com muito prazer e com grande fruto para sua alma. Após a morte de seu marido,

que com ela tinha residido em Palermo e passaram quinze anos juntos, ela pediu com sua mãe o hábito da Ordem Terceira sob o nome de Maria. Elas foram morar juntas em uma pequena e pobre casa perto do claustro de Santa Maria de Jesus, um quilômetro e meio de Palermo, e passaram os anos seguintes isoladas em uma grande calma de espírito e no esquecimento do mundo. Elas iam todos os dias à Missa e frequentavam os sacramentos na igreja do claustro. Seu confessor era o Padre Antônio de Calascibetta, homem de grande espírito e de uma alta perfeição. Elas tinham também contato com o Irmão Antônio de Nicosia, e sob a direção desses santos religiosos, elas fizeram grandes progressos na vida espiritual. Uma certa noite, enquanto estavam em oração, a parede do muro de sua habitação tombou de uma vez com uma parte do teto, porque do lado dessa parede tinha-se cavado a fundação de uma outra casa. Então, cheias de assombro, elas voltaram seus olhos para uma imagem da Virgem Maria, que elas tinham suspenso nessa mesma parede; e viram a imagem deter-se sem nenhuma mão humana em cima de sua cama, de que as duas permaneceram sem mal algum em meio as vigas e pedras que tombaram, deram graças a Deus e a sua gloriosa mãe por tão miraculosa proteção.

Onufria morreu santamente e foi velada na igreja de Santa Maria de Jesus. O irmão Antônio de Nicosia viu a alma desta santa mulher voar ao céu. Maria continuou em seu eremitério e continuou suas penitências com um novo zelo. Suportou corajosamente as doenças pelas quais Deus provava sua paciência, principalmente uma asma que a fazia sofrer muito. Estava muito compadecida dos pobres, dava-lhes esmola e lhes rendia todos os serviços que podia. Deus foi muito propício pelos que ela rogava. Dois fazendeiros de Palermo, que perderam as esperanças na pesca naquele ano, pediram a Maria Carnimolla que embarcasse com eles, prometendo dotar e de casar uma pobre moça se a sua pesca fosse feliz. Maria foi ao mar com os pescadores, e estes, enquanto ela rogava, atiraram suas redes e retiraram uma enorme quantidade de atuns, se bem que eles confessaram que jamais fizeram semelhante pesca. Um fidalgo, que as orações de Maria não o tinham livrado de uma grande dor que ele sofria na costela,

prometeu fazer uma grande esmola a uma moça pobre. Então Maria lhe disse: “Agora eu vou pedir a Deus que vos restabeleça e que me dê sua doença”. E de fato, foi atendida e ficou doente na hora mesmo em que esse homem foi curado.

Ela foi estimada em Palermo como uma mulher de um grande espírito e de uma alta perfeição. Pessoas das mais importantes pediam as orações dela em suas necessidades e doenças e, logo que ela adoeceu, estas mesmas pessoas lhe ofereceram suas casas e tomaram conta dela. Ela morreu santamente aos 26 de setembro de 1616, na idade de quarenta e oito anos. Tudo o que tinha estado em seu uso foi guardado piedosamente por pessoas de seu convívio, e seu corpo foi colocado, em meio a um grande concurso de pessoas, na Igreja de Santa Maria de Jesus.

(Chron. de la prov. de Sicile.)
Palmier Séraphique, Tome IX,
página 453.

BEM-AVENTURADO LUQUÉSIO DA ORDEM TERCEIRA 1260.

Luquésio, conhecido também como Lúcio, nasceu perto de Siena. Moço, transferiu-se para Poggi-Bonzi, para comerciar.

Em pouco tempo, conseguiu considerável fortuna, à qual se ateu com grande avareza, esquecido de Deus. A esposa, Bonna Donna, dada ao luxo, como Luquésio, era partidária, e apaixonada, dos guelfos.

Um dia, tocado pela graça divina, o bem-aventurado pôs-se a refletir sobre o modo de vida que levava e, transformado repentinamente, principiou por despojar-se da fortuna, distribuindo-a à pobreza. Para si, somente reservou um campo perto da casa, que passou a cultivar com as próprias mãos, campo donde, desde aquele dia da transformação, tirou a subsistência.

A esposa, atônita, não se conformou com aquela brusca metamorfose, e vituperava a ação do marido. Luquésio, porém, com brandura, procurava levá-la à conversão, pacientemente.

Era naqueles tempos em que São Francisco de Assis, passado o capítulo geral de 1221, dera de percorrer a

Toscana a pregar e a prometer o estabelecimento de uma regra para os terciários.

São Francisco conhecera Luquésio há tempos. Quando chegou a Poggi-Bonzi e o reencontrou, aos dois esposos falou das vantagens da nova ordem. Bonna, então conformada, com o marido passou a envergar o simples e modesto hábito cinzento, com a corda cheia de nós a lhe cingir a cintura.

Outras personalidades do lugar aderiram aos dois esposos - e assim surgiu a Ordem Terceira da penitência, ordem que, mais tarde, ou seja, em 1289, foi aprovada por Nicolau IV.

Luquésio fez rápidos progressos no caminho da perfeição. Bonna, às vezes, exasperava-se, gritava contra as prodigalidades do marido, mas de nada lhe serviam aqueles tristes repentes. Nada abalava a convicção de Luquésio, que, todo dado ao Senhor, até mendigava para os pobres.

Ora, havia em Poggi-Bonzi um homem de péssimos costumes. Um dia, encontrando-se com o bem-aventurado a carregar nos ombros um doente, apupou-o desapiedadamente, a rir, a galhofar.

Luquésio, com lágrimas nos olhos, dizendo-lhe que para os necessitados tudo faria, enfaticamente acrescentou:

Eu levo Jesus Cristo, que disse: O que fizerdes ao mais humilde dos meus, a mim o fazeis.

Nem bem terminara tais palavras, o homem, que continuava com os apupos, ficou mudo. Atemorizado, pálido e trêmulo, dando sinais de que se arrependera do que fizera e dissera, Luquésio, apiedado, rogou a Deus que ao ímpio arrependido restituísse o uso da palavra - e assim foi.

Bonna, transformada pelas orações do marido, era outra. Toda empenhada em levar avante as boas obras que com ardor se propusera, vivia radiante. E quando o esposo adoeceu, sabendo-o tão querido de Deus, a Deus rogou que, indo-se o consorte do mundo, permitisse que o acompanhasse: Bonna precedeu-o na morte, falecendo em grande paz.

Johannes Joergensen no seu maravilhoso trabalho sobre o Poverello dedica algumas linhas a Luquésio e à sua esposa.

Diz: “Numa de suas viagens, Francisco encontrara, na cidade de Poggi-Bonzi, entre Florença e Siena, um comerciante, chamado Luquésio, dele conhecido na primeira juventude. Como mais tarde o senense Giovanni Colombini, este Luquésio a princípio tinha sido um homem bruto e ávido de dinheiro; depois, subitamente, mudara de caráter e de modo de viver. Tornara-se generoso para com os pobres, hospedava em sua casa os peregrinos, ia em busca das viúvas e dos órfãos para os socorrer.

“Na verdade, parece que Francisco não teve nenhuma influência na conversão dele, ocorrida antes do encontro dos dois em Poggi-Bonzi, mas deu a ele e à mulher uma regra de vida e uma veste de penitente. Em seguida, este Luquésio dedicou todo o seu tempo disponível em fazer obras de misericórdia, cuidando dos doentes nos hospitais, e fazendo, com um burrinho carregado de medicamentos, várias viagens a Maremme, onde grassavam as febres de malária, para socorrer os febreiros.

“Quando estava em casa, cultivava uma hortinha que lhe ficara depois de haver distribuído todos os seus outros bens, e vendia os frutos dela; e, quando esta renda não lhe bastava, ia mendigar. Parece que a mulher, como mais tarde a mulher de Giovanni Colombini, opôs-se energicamente a esta mudança de vida, mas conta-se que um milagre, finalmente, converteu-a. Depois disto, eles viveram em perfeita harmonia, e morreram ambos, a breves instantes um do outro, a 28 de abril de 1260.

“Em torno de Luquésio, reuniram-se em Poggi-Bonzi outras pessoas de pensamentos e sentimentos iguais, e assim, um pouco por toda a parte, nas cidades italianas, formaram-se aqueles grupos a que Gregório IX chamou mais tarde *poenitentium collegia*, ‘comunidades de penitentes’. Ora, tudo nos induz a crer que Francisco tenha dado a estas comunidades uma Regra de vida, pois tinha o hábito de dar regras, ou preceitos, a todos aqueles que se confiavam à sua direção espiritual. Infelizmente, nenhuma dessas regras locais nos foi conservada, e só pelas regras posteriores podemos fazer ideia do seu conteúdo essencial.

“Em geral, a característica da vida dos frades penitentes - pois que o apelativo de ‘membros da Ordem Terceira’ só foi

usado mais tarde - é sempre esta: na medida em que o permitirem as suas ocupações ordinárias, esforcem-se eles por imitar a vida de São Francisco, e dos seus discípulos. Devem ficar no mundo, sem pertencer ao mundo.

Apenas entrados na confraria, comprometam-se a restituir qualquer coisa injustamente adquirida - e isto, em muitos casos, significa renunciar a todos os seus bens - a pagar escrupulosamente os dízimos à Igreja; a não esperar para só fazer testamento em artigo de morte, a fim de impedir toda cisão entre os herdeiros; a se abster de todo juramento, salvo em circunstâncias extraordinárias; a não usar armas; a não aceitar empregos públicos. Têm um traje particular, pobre e sem elegância, e dividem o seu tempo entre a oração e as obras de caridade. As mais das vezes, convivem em família, mas, de vez em quando, retiram-se à solidão, como os Frades Menores.

“Bem depressa, estas comunidades, em diversos lugares constituídas, entraram em conflito com as autoridades civis, por causa dos princípios que professavam. Isto, de fato, ocorreu em 1221, na cidade de Rimini. Ali, muitíssimos cidadãos haviam-se inscrito na confraria local, e, quando o Podestá lhes pediu o costumeiro voto de obediência, pelo qual se comprometiam a pegar em armas quando os chefes o mandassem, os irmãos penitentes recusaram-se a jurar, alegando a proibição, imposta pela regra, de prestar juramento e de empunhar armas. O Podestá recorreu a todos os meios coercitivos, para forçar os irmãos ao juramento; então, para se sair do grave embaraço em que se achava, aquela pobre gente apelou para o amigo de todos os franciscanos, para o cardeal Hugolino. Só por este modo, pode explicar-se como Honório III, num breve de 16 de dezembro de 1221, ordenasse ao bispo de Rimini tomar sob sua proteção os irmãos penitentes de Faenza.

“Mas em toda a Itália não tardou a se propagar esta luta entre os ‘irmãos penitentes’ e as autoridades seculares. Em muitas cidades impuseram-se aos irmãos, como castigo, taxas especiais, e ao mesmo tempo proibiu-se-lhes distribuírem os seus bens aos pobres. Por isto Honório, numa carta circular, infelizmente perdida, ordenava ao clero sustentar em toda a parte a causa dos ‘irmãos penitentes’ contra as autoridades comunais, e vigiarem, a fim de que os irmãos não tivessem de sofrer nenhum dano. Mais tarde, Gregório IX, desde o seu advento ao Pontificado, não hesita em ameaçar os inimigos dos irmãos penitentes com a ‘cólera de Deus

onipotente e dos beatos Apóstolos Pedro e Paulo’.

“Dessarte, puderam os irmãos penitentes, bastante melhor do que os Quakers ou do que os Adventistas dos séculos seguintes, efetuar nas repúblicas italianas, sempre ávidas de luta, um desarmamento ao menos parcial, e preparar os caminhos a futuros tempos mais pacíficos. Ainda uma vez, Francisco, ou o movimento por ele suscitado, conseguiu amansar e domesticar os ‘lobo’ da Idade Média.

“Além disto, o conflito irrompido em Faenza sugeriu, naturalmente, a Hugolino, a ideia de reunir as irmandades esparsas num só corpo que mais facilmente pudesse defender-se quando se tornasse mais compacto e mais forte. Justamente em fins do verão de 1221, residindo em Bolonha, teve o cardeal muitas ocasiões de estar em relação com os cidadãos de Faenza. Nessa ocasião, pois, provavelmente Francisco e Hugolino escreveram juntos a primeira Regra para os ‘irmãos penitentes’ franciscanos, já chamados por Bernardo da Besse a Ordem Terceira.

“A Ordem Terceira - escrevia esse secretário de São Boaventura - está indistintamente aberta aos padres e aos leigos, às virgens, às viúvas e aos cônjuges. O propósito dos irmãos e das irmãs desta ordem consiste em viver honestamente nas suas casas, em atender às obras pias e em fugir à vida mundana. Vê-se, entre eles, nobres cavaleiros e outros grandes deste mundo, humildemente vestidos, comportar-se de tão bela maneira com os pobres e com os ricos, que logo se reconhece a sinceridade do seu temor de Deus’

“Não mais possuímos a Regra primitiva da Ordem Terceira, como a escreveram Francisco e Hugolino, mas, certamente, sobre ela foi redigida a Regra da Ordem Terceira de 1228, que Sabatier teve o grande mérito de reencontrar, e que deve ter sido observada em alguma cidade onde tinha curso a moeda de Ravena, quiçá na própria Faenza. Eis o que ela contém:

“Do I ao V, os capítulos contêm algumas prescrições sobre o hábito, os jejuns e as orações. No capítulo VI, o parágrafo primeiro trata da confissão e comunhão dos irmãos, que eles devem fazer três vezes no ano, no Natal, na Páscoa, e no Pentecostes. O parágrafo segundo insiste na obrigação de consciência de pagar o dízimo. O parágrafo terceiro proíbe usar armas. O parágrafo quarto veda o juramento - exceção feita do juramento de fidelidade e do juramento perante os tribunais. O parágrafo quinto fala contra as

blasfêmias e o perjúrio. O capítulo VII trata das reuniões da Ordem. Estas devem ser uma vez no mês, e devem consistir na missa, no sermão e na deliberação dos irmãos. O capítulo VIII trata dos enfermos, que deverão ser visitados ao menos uma vez por semana, e os irmãos deverão socorrê-los no corpo e edificá-los no espírito. O capítulo IX contém a obrigação de rezar pelos irmãos defuntos e de lhes assistir às exéquias. No capítulo X, o parágrafo primeiro exorta todos os membros da Ordem a fazerem testamento, nos primeiros três meses da sua admissão; o parágrafo segundo obriga-os a fazer a paz com os inimigos; o parágrafo terceiro refere-se às providências a serem tomadas contra os abusos das autoridades civis: caso em que o superior da confraria deverá recorrer ao bispo; o parágrafo quinto estabelece as condições necessárias para ingressar na confraria; antes de tudo é preciso reconciliar-se com o próximo, restituir o mal-adquirido, pagar os dízimos atrasados. O capítulo XI, parágrafo primeiro, proíbe admitir na Ordem hereges; o parágrafo segundo proíbe admitir mulheres casadas, sem a autorização marital. Os capítulos XII e XIII tratam da disciplina na Ordem.

“São de notar especialmente os parágrafos oitavo e nono do capítulo XIII, pelos quais se manda ao confrade que com escândalo público houvesse prejudicado o bom nome da Ordem, confessar a sua culpa perante os irmãos reunidos, e aceitar-lhes a penitência. Se, enfim, a culpa for gravíssima, poderá o culpado ser expulso da Ordem. Dos parágrafos décimo-terceiro até décimo-quinto, vem a proibição de recorrer à justiça contra um irmão ou uma irmã: todas as questões deverão ser acomodadas no interior da Ordem.

“Finalmente, o parágrafo décimo-segundo deste mesmo capítulo desenvolve o mandamento de renunciar a todos os bens mal adquiridos: quando o aspirante não consegue reencontrar aquele a quem deveria restituir, ou o seu herdeiro, a Regra quer que um arauto público, ou ainda o sacerdote, do púlpito, convide todos aqueles que se consideram credores do irmão aspirante a fazerem valer os seus direitos”.

À beira do túmulo do bem-aventurado Luquésio, operaram-se inúmeros milagres. O corpo de Bonna Donna foi tomado pelos alemães numa guerra contra os florentinos: somente deixaram um dos braços, que é exposto a 28 de abril em Poggi-Bonzi, ao lado do relicário de Luquésio.

Honrado como padroeiro de Poggi-Bonzi, Luquésio teve o culto confirmado no dia 27 de março de 1694.

Sodalício de Nossa Senhora**Origem e história**

A Congregação Mariana – também chamada Sodalício de Nossa Senhora – foi instituída em 1563 por um jovem professor belga John Leon, que costumava reunir seus alunos mais fervorosos após as aulas e nos domingos e feriados, para praticar algumas devoções simples em honra de Nossa Senhora.

A devoção foi logo assumida por outras turmas do Colégio Romano, até se tornar geral. O General dos Jesuítas, Padre Acquaviva, achou importante regularizar a nascente organização e, para tanto, buscou o aval da Igreja.

Como consequência, o Papa Gregório XIII escreveu a Bula *Omnipotentis Dei* que sancionou formalmente o Sodalício.

Muitos outros Papas concederam abundantes indulgências e privilégios à organização.

Objetivo da Congregação Mariana

Seu principal objetivo é fomentar nos membros uma devoção seráfica a Nossa Senhora, a fim de que eles possam levar uma vida cristã pura e preparar-se para uma morte feliz.

Práticas da Congregação Mariana

Em dia e a hora designados, os membros realizam suas reuniões regulares. A prática habitual do Sodalício é recitar o Ofício da Santíssima Virgem, ou o Pequeno Ofício da Imaculada Conceição. Em caso de necessidade, outras orações e devoções podem servir como substitutas.

O Diretor, ou alguma pessoa designada, deve sempre dar uma instrução nessas reuniões sobre algum tema relacionado com Nossa Senhora, ou algum outro tópico.

Os membros devem receber frequentemente a Sagrada Comunhão, especialmente na festa da Santíssima Virgem. Devem praticar a devoção dos Seis Domingos de Santo Aloísio, e é aconselhável que se dediquem por alguns dias, a cada ano, a um retiro.

As seguintes boas obras são recomendadas, mas não obrigatórias:

Todos os dias, começar o dia com algumas orações especiais a Nossa

Senhora, por exemplo, com as 3 Ave Marias. Estar presente, sempre possível, na Santa Missa. Dedicar algum tempo para a meditação piedosa ou para a leitura espiritual. Recitar, pelo menos em parte, o Terço ou o Ofício da Santíssima Virgem. Fazer um exame de consciência antes de se deitar para descansar.

Uma vez por mês, no mínimo, receber os sacramentos da Penitência e da Sagrada Eucaristia.

Uma ou duas vezes por ano, fazer uma confissão geral.

Com a morte de um membro do Sodalício, acompanhar o corpo até a sepultura e rezar pela sua alma.

Em todos os momentos, ser sincero em promover os interesses da Igreja; esforçar-se, tanto pelo exemplo como pelas palavras, para conduzir de volta ao caminho da salvação aqueles que se extraviaram; promover obras de misericórdia, especialmente para com os membros do Sodalício e especialmente em tempo de doença, a fim de visar não apenas a aquisição de virtudes comuns, mas para se destacar na piedade, pureza, humildade, modéstia, diligência e fidelidade nos deveres sobre o próprio estado de vida. Um privilégio especial dos membros é neutralizar o espírito de indiferença religiosa.

A caridade prática exercida ao visitar os pobres e os doentes será uma grande salvaguarda para todos contra as seduções do vício e os perigos da ociosidade.

Um verdadeiro Congregado será sempre um apóstolo da caridade ajudando os necessitados a encontrarem emprego, preservando os jovens de serem levados ao erro e ao vício. Onde quer que seus membros sejam fiéis a seus deveres, a Congregação Mariana tem sido considerada um verdadeiro dádiva do Céu para a defesa da Igreja e da sociedade cristã.

Benefícios de que gozam os Congregados Marianos.

Além da ajuda mútua do bom exemplo, do conselho e da exortação, e da influência geral das práticas piedosas do Sodalício, o Papa Bento XIV ressalta a grande vantagem da proteção particular de Nossa Senhora, que é concedida de forma mais liberal àqueles que fazem uma profissão especial de devoção à Ela.



Ouçam Santo Afonso: "Em geral, encontramos mais pecados em um homem que não pertence à Congregação Mariana, do que em vinte que são membros dela".

"Maria protegerá seus Congregados, tanto na vida quanto na morte, como Seus servos dedicados e Seus filhos amados". [...] O Sodalício produz tais resultados admiráveis e frutos abençoados porque seus membros são dotados com tantas armas eficazes contra os ataques do inimigo".

Um jesuíta escreveu: "Podemos aplicar à Congregação Mariana o que S. Bernardo disse sobre a vida religiosa. Nela:

1. Os homens levam uma vida mais pura.
2. Eles caem em pecado com menos frequência.
3. Se eles caem, a queda é menos grave.
4. Eles se levantam novamente com mais facilidade.
5. Eles andam com mais cautela.
6. Eles gozam de um descanso mais tranquilo.
7. Suas almas são regadas mais abundantemente com o orvalho da graça e com os favores do céu.
8. Eles dão satisfação a Deus, e evitam mais facilmente o purgatório.
9. Os morrem com mais confiança e resignação.
10. Eles são mais gloriosamente coroados no céu.

Este é o decálogo da Congregação Mariana; estes são os dez grandes privilégios que Ela concede a todos aqueles que praticam fielmente o que prometem quando estão inscritos no Sodalício".

Importância para nosso tempo

Quando alguém é conduzido pela graça divina ao verdadeiro catolicismo hoje em dia, ele deixa um mundo cheio de pecado e pensamento errôneo. Infelizmente, muitos católicos tradicionais professam sua Fé apenas com a boca, mas não com a vida e muito menos com suas obras. No exterior, eles professam a verdadeira Fé, mas interiormente são influenciados pelo veneno de nossa sociedade impiedosa.

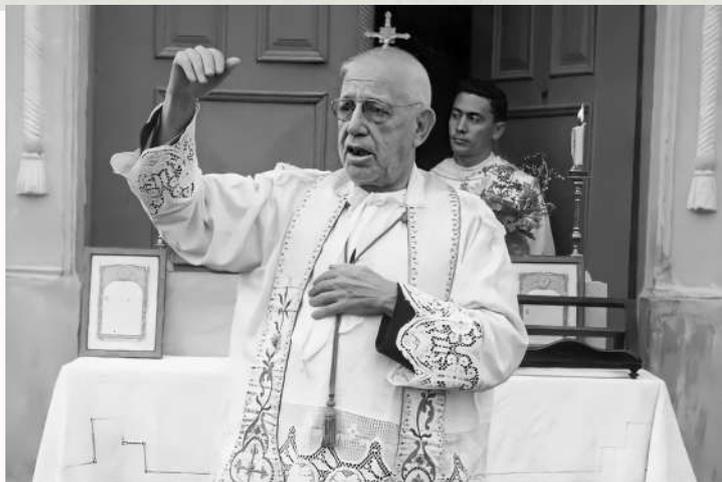
A falta de sacerdotes e a enorme quantidade de trabalho tornam difícil a instrução dos convertidos. A Congregação Mariana ajudaria neste campo, mais do que nunca, porque:

Ela coloca seus membros sob a influência salutar de Nossa Senhora. O contato regular com a "mater puríssima" na oração, especialmente no Santo Rosário, produz uma desintoxicação espiritual. Não existe uma coexistência pacífica entre o pecado e a verdadeira devoção a Nossa Senhora! Mesmo o mais miserável escravo da impureza pode ser curado pelas mãos de Nossa Mãe do Céu!

Isso cria um espírito de elite. Ter a verdadeira Fé em nossos tempos é um sinal especial do amor de Deus por uma alma. A resposta da alma não pode ser a mediocridade, mas deve ser o zelo ardente! O Sodalício dá orientações práticas sobre como viver uma vida cristã fervorosa. Seus membros poderiam ajudar os sacerdotes em seu apostolado e alcançar pessoas que nunca entrariam em uma de nossas capelas.

Ela substitui de certa forma uma Sociedade Católica. No passado, a sociedade dava pelo menos um certo substrato para levar uma vida católica. Ninguém tinha que lutar sozinho. Hoje, a situação é completamente diferente. Viver em um bairro católico, ter amigos católicos e desfrutar de uma educação católica são coisas que já não existem mais. O Sodalício poderia unir os últimos católicos verdadeiros e ajudá-los a levar uma vida católica que pressupõe necessariamente uma comunidade.





2.ª Série — N.º 91 Dezembro 1931 VIII Ano — N.º 8

Mensageiro de Maria

Promotor das Congregações de Nossa Senhora
Com aprovação da autoridade eclesiástica

Director e Editor Proprietário e Administrador
P.º Mariano Pinho **A. Gomes Pereira**
CAMINHA Valença do Minho

Composição e impressão: C.ª Editora do Minho — BARCELOS

S. Roberto Belarmino e o dogma da Imaculada Conceição

S ROBERTO BELARMINO foi sempre defensor acérrimo do singular privilégio de Nossa Senhora que em seu tempo não passava de piedosa crença e hoje é dogma de fé. Privilégio



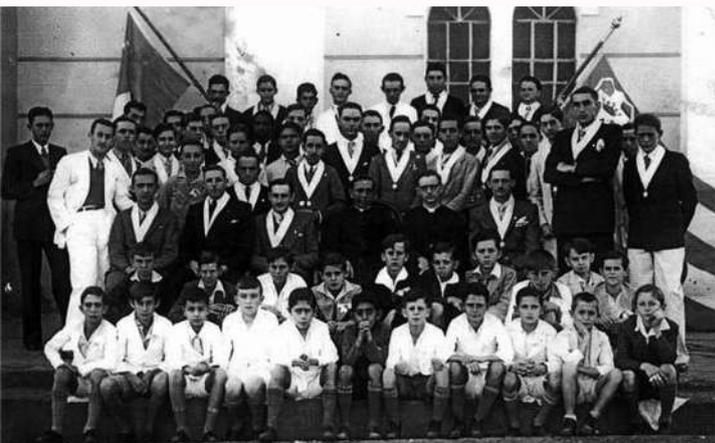
1938 — Osasco, SP
Padre Luiz Segali com os primeiros alunos gaúchos.

49



Padre Camilo Ferrarini — na primeira missa com seus familiares, seu manso Ildefonso e amigos: padres Alberto, Bernardo, Boaventura.

146



O Apostolado da Oração em União com o Sagrado Coração de Jesus

O Apostolado da Oração teve seu início em 1844, numa casa de formação para jovens jesuítas em Vals, no sul da França. O Padre Francis Xavier Gautrelet SJ, diretor espiritual destes jovens, sugeriu-lhes uma forma de serem apóstolos e missionários em sua vida cotidiana, unindo-se a Cristo em cada ação que eles teriam feito durante o dia.

Tal sugestão nasceu de uma situação muito específica: sacerdotes que exerciam seu ministério como missionários em países distantes, particularmente em Madurai, no sul da Índia, voltaram para visitar sua pátria e passaram por onde haviam sido treinados. Espontaneamente e com entusiasmo, eles contaram aos jovens jesuítas sobre seu trabalho e suas experiências, sobre tantas pessoas que necessitavam do evangelho. Os jovens estudantes de Vals foram inspirados por estas histórias de fervor e atividade missionária, mesmo que ao mesmo tempo lhes tenham dado uma sensação de tristeza e desânimo, pois perceberam até onde tinham que ir para serem ordenados como sacerdotes e enviados em missão: os estudos pareciam intermináveis, os exames eram áridos, o tempo comunitário inútil, a rotina de orações e as tarefas apostólicas sem conta.

Eles tentaram se animar passando horas na biblioteca, lendo livros sobre a Índia e, como consequência, negligenciaram seus estudos. Diante desta situação, o Pe. Gautrelet fez uma sugestão que lhes permitiria encontrar um novo significado em meio à frustração que estavam experimentando.

Na missa de 3 de dezembro de 1844, Pe. Gautrelet explicou que São Francisco Xavier havia dado sua vida seguindo Jesus Cristo, e que celebrá-lo naquele dia significava fazer a mesma coisa. São Francisco Xavier chegou até a costa da China, e passou por muitas tribulações, movido por seu amor abrasado por Jesus. Em suas próprias circunstâncias, era tarefa deles realizar a mesma missão cristã, mas lá, na casa de formação em Vals, não no Extremo Oriente. Foi a mesma escolha, o mesmo chamado de Jesus, o mesmo amor ardente, a mesma missão, mas em

tempos e formas diferentes. Ele convidou todos - estudantes e professores, sejam seus diretores ou não - a serem missionários ali e naquele momento, através da simples oferta a Deus de tudo o que estavam fazendo, esforçando-se para estar à disposição de Nosso Senhor, a fim de cumprir bem suas tarefas diárias. Quanto aos jovens, acima de tudo eles devem cumprir bem seu dever como estudantes.

Ao sugerir-lhes a prática do que ele chamou de "Apostolado da Oração", Pe. Gautrelet os fez compreender que, mais importante do que o que eles fariam, era o amor e a dedicação com que o fariam. O que importava não era fazer muito, mas amar muito. Eles deveriam oferecer suas tarefas diárias a Deus, com amor - disse-lhes ele - e uni-los a Cristo que continuou a oferecer Sua vida para a salvação da humanidade. Ele os fez compreender que suas vidas eram tão valiosas e úteis para a missão da Igreja quanto as vidas dos missionários mais abnegados, se eles as vivessem com o mesmo amor. Suas vidas seriam tão apostólicas quanto as do pregador mais fervoroso, se vivessem cada coisinha em união com o Coração do Senhor. O que era importante era a atitude interior de querer renovar o amor ao Senhor e tornar nova a disponibilidade e o compromisso com a vida a cada dia. Era o amor do Sagrado Coração de Jesus que os havia escolhido, disse-lhes ele; eles deveriam responder a ele estando prontos para cumprir o que Ele lhes pedia e responder com generosidade a este grande dom que que haviam recebido.

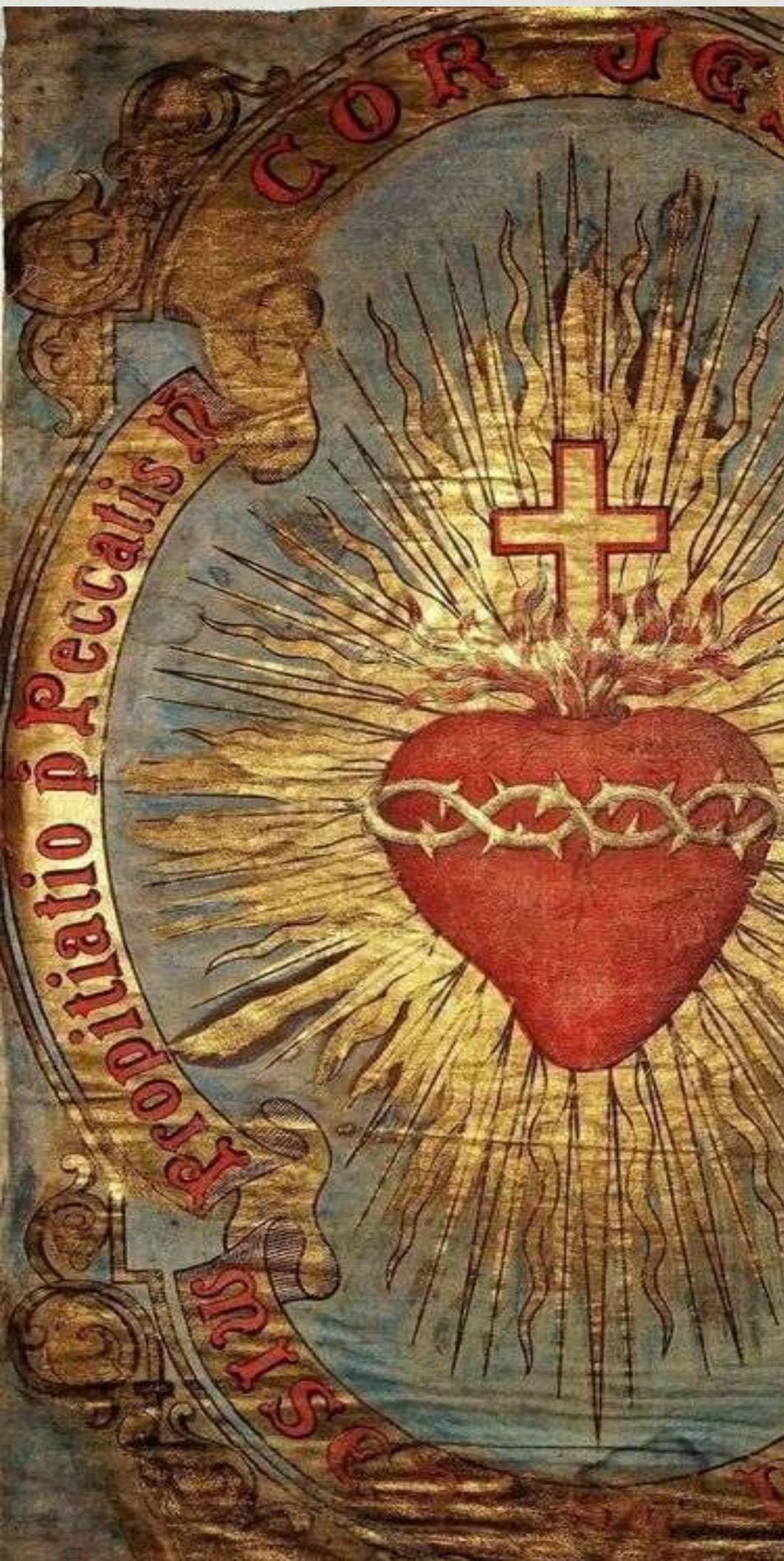
A prática específica que o Pe. Gautrelet lhes sugeriu para manter vivo este espírito foi uma oração matinal de oferecimento diário. Eles assim afirmariam sua vontade de ofertar o dia todo para o Senhor. Ele os convidava a orientar cada dia "para dispor a alma para libertar-se de todos os afetos desordenados e, depois de tê-los eliminado, buscar e encontrar a vontade de Deus na organização de suas próprias vidas para a salvação da alma", como haviam aprendido nos Exercícios Espirituais de Santo Inácio (cf. Sp. Ex. 1). O que foi chamado de Apostolado da Oração lhes mostraria um caminho que

os ajudaria a tornar real cada dia o ideal de buscar e encontrar Deus em todas as coisas, mesmo nas mais simples e prosaicas, "para amar e servir em todas as coisas" (Sp. Ex. 233).

Isto deu aos jovens jesuítas um novo entusiasmo nas tarefas diárias que os haviam desanimado antes. Eles entenderam que em seus esforços e ações diárias poderiam expressar seu amor por Jesus, e que através deles responderiam à missão para a qual Ele os chamava. Eles se sentiam prontos a fazer qualquer sacrifício por Ele. Eles realmente queriam ser bons missionários para seu Senhor, no presente e no futuro.

O exercício diário da oração do oferecimento também lhes permitiu compreender a unidade desta prática com a oferenda de Nosso Senhor ao Pai, que eles viam presente todas as manhãs na Santa Eucaristia. Eles compreenderam que a oferenda de seus corações era, de certa forma, uma oferenda eucarística, como toda a vida de Jesus havia sido, e misteriosamente continuava sendo eucarística. Nosso Senhor os havia amado "até o fim" ao dar Sua vida por eles, e isto se tornou real para eles novamente na Sagrada Eucaristia. Eles queriam que seus corações fossem como o Coração de Jesus, e este era precisamente o conteúdo do que eles estavam pedindo: ter corações eucarísticos como o de Jesus, isto é, corações oferecidos a Deus e cedidos pelos outros. Suas vidas estavam unidas a esta misteriosa e profunda realidade, ajudadas pela simples oração de oferenda que faziam a cada manhã.

Eles entenderam que esta maneira de oferecer suas vidas a Deus a cada dia era um verdadeiro apostolado. Eles haviam sonhado em ser missionários e dar suas vidas por Nosso Senhor. Era claro para eles que não precisavam esperar até o final de sua formação, de sua ordenação sacerdotal e serem enviados a países distantes para começar a ser apóstolos e colaboradores na missão de Cristo. Eles podiam fazer imediatamente sua doação radical a Nosso Senhor, através das tarefas simples de cada dia, especialmente com seus estudos. Isto era exatamente seu apostolado, o que eles tinham que fazer naquele momento, como estudantes que se preparavam para o sacerdócio: um apostolado silencioso, humilde, oculto,



mas importante e eficaz, porque em Cristo eles se uniam espiritualmente com toda a missão da Igreja, e colaboravam com seu sacrifício diário e sua entrega em apoiar o trabalho dos missionários espalhados por todo o mundo.

Os jovens jesuítas também fizeram a conexão entre seu oferecimento diário e seu exame noturno. No final do dia, o exame permitiu-lhes reconhecer e agradecer pelo que Deus havia feito em suas vidas com o que haviam oferecido pela manhã. Estes dois momentos de oração, de manhã e à noite, os tornaram mais abertos à ação de Deus neles no correr do dia, e mais conscientes de serem guiados por Ele.

Em 1861 o Pe. Henri Ramière adaptou sua organização para paróquias e várias instituições católicas, e a tornou conhecida por seu livro "O Apostolado da Oração", que foi traduzido em muitas línguas. Em 1879 a associação recebeu seus primeiros estatutos, aprovados por Pio IX, e em 1896 estes foram revisados e aprovados por Leão XIII.

Práticas

O Apostolado da Oração é para todos os fiéis. Deve, portanto, ter algumas práticas que apelam mesmo aos mais descuidados, e algumas que satisfarão os católicos mais fervorosos.

Existem 3 graus de práticas:

Grau 1: O "Oferecimento Diário" de nossas orações, obras e sofrimentos diários, em união com o Sagrado Coração de Jesus, por Suas intenções e pelas petições de todos os membros.

Grau 2: A "Ofrenda a Nossa Senhora" de um "Pai Nosso" e 10 "Ave Maria" diariamente, em honra de Seu Imaculado Coração, pelas intenções recomendadas pelo Papa.

Grau 3: A "Comunhão Reparadora", mensal ou semanal, a qual em um dia designado concorram todos os associados, para reparar os sacrilégios e indiferenças sofridos por Nosso Senhor na Santa Eucaristia.

Quando pensamos em todos os pecados da sociedade moderna, impiedosa e ao mesmo tempo no chamado do Sagrado Coração para reparar esses pecados, vemos a importância da devoção ao Sagrado Coração. O Apostolado da Oração pode ajudar a inspirar os fiéis com um maior espírito de fé e, portanto, um maior amor à oração, bem como uma devoção mais fervorosa ao Sagrado Coração.

Prezados leitores,

Temos a grata satisfação de dedicar esta coluna à recém fundada Pia União dos Zeladores da Santa Casa de Loreto. Publicamos abaixo os estatutos aprovados pelo Rev. Pe. Fr. Pedro Maria Santos da Silva, no último dia 17 de Abril:

ESTATUTOS
DA
PIA UNIÃO DOS ZELADORES
DA SANTA CASA DE LORETO

I. A Pia União dos Zeladores da Santa Casa de Loreto é uma piedosa Associação que, destinada a promover a glória de Deus e a salvação das almas, exerce o seu ofício apostólico, não só pela oração quer mental, quer vocal, como também por outras obras pias, enquanto são impetratórias e podem conciliar-nos com o Santíssimo Coração de Jesus, para alcançarmos o dito fim.

Têm por meio propagar a devoção à Nossa Senhora de Loreto, especialmente tornando conhecido o milagre da Transladação da Santa Casa, e aos mistérios da Anunciação e Encarnação do Verbo Divino.

II. Da sede principal da Pia União.

A sede principal ou centro desta União é o Convento de São Miguel e de Santo Antônio, pertencente aos seguidores da Ordem dos Frades Menores (O.F.M. Sub). O Diretor Geral é o Guardião pro tempore do dito convento, o qual pode delegar os seus poderes a outra pessoa de sua escolha, desde que seja um dos Frades Menores.

III. Dos Diretores Locais.

Além do Diretor Geral, haverá também diretores locais. Eles serão constituídos, em cada uma das associações (centros), pelo Diretor Geral.

IV. Da admissão dos associados.

Para admissão dos associados, basta que os Diretores locais os inscrevam no registro das Igrejas ou lugares pios, onde esteja constituída a Pia União, e lhes entreguem a patente, sendo necessário transmitir a lista dos nomes ao centro principal.

V. Dos que podem associar-se à Pia União.

Todos os católicos podem tomar parte nesta Associação: Bispos e sacerdotes; religiosos e seminaristas, com a devida licença dos Superiores; senhores e rapazes; senhoras - com a devida permissão de seus maridos - e senhoritas, com a devida anuência de seu pai; crianças, desde que gozem do uso da razão e com permissão de seu pai.

VI. Condições para a admissão dos Zeladores.

Para ser admitido à Pia União dos Zeladores da Santa Casa de Loreto, é necessário:

Ser católico, i.e., ser batizado, crer e professar tudo quanto crê e professa a Santa Igreja, reconhecendo, inclusive, a vacância da Sé Apostólica desde a morte de S.S. Pio XII e a apostasia da quase totalidade do clero devido a aceitação, por sua parte, do Conciliábulo Vaticano II, além de protestar filial obediência aos legítimos pastores;

Ser um valoroso católico, esforçando-se por cultivar as virtudes e edificar o próximo com seu bom procedimento;

Amar Nossa Senhora e desejar que por todos seja amada.

VII. Norma de proceder para todos os associados da Pia União.

Rezar o Oferecimento Diário pelas intenções do Diretor Geral para cada mês;

Confessar-se e comungar ao menos uma vez por mês, desde que não haja impossibilidade moral;

Abster-se o mais que puder, do acesso à internet e do uso ocioso de aparelhos eletrônicos;

Nos domingos reúnam-se para assistir a Santa Missa ou, no caso de ser moralmente impossível, para santificar o Dia do Senhor rezando o Rosário e outras mais devoções;

Todos os dias de manhã, procure fazer um quarto de hora de oração mental; sendo possível, assistir à Missa;

À noite, antes de deitar, fazer um breve exame de consciência;

Rezar diariamente o Rosário, ou ao menos o terço;

Rezar diariamente a oração do Angelus, às 06h00, às 12h00 e às 18h00;

Propagar a devoção à Nossa Senhora de Loreto, especialmente tornando conhecido o milagre da Transladação da Santa Casa, e aos mistérios da Anunciação e Encarnação do Verbo Divino.

Colocar em lugar de honra da casa a imagem ou o quadro de Nossa Senhora de Loreto;

Usar a fita da Pia União em todos os ofícios da Igreja, a saber: missas, procissões, batismos, funerais, etc. O clero e os religiosos devem usá-la por debaixo do hábito.

Todo dia 10 de cada mês, fazer algum ato de devoção em memória da transladação da Santa Casa;

Celebrar com a Pia União as principais festas Marianas, especialmente a do Nascimento de Nossa Senhora (08 de Setembro), a da Anunciação (25 de Março), a da Assunção (15 de Agosto) e a da Imaculada Conceição (08 de Dezembro).

Celebrar solenemente a Festa da Trasladação da Santa Casa de Loreto (10 de Dezembro);

Os Zeladores devem saudar-se dizendo: "Salve Rainha de Loreto" ou "Ave Regina Lauretana";

Dar a todos bons conselhos, introduzir a paz nas famílias, acautelar a mocidade dos perigos e convidar os pecadores à confissão.

VIII. Método de vida para os Zeladores em geral.

O Zelador deve distinguir-se pelo seu zelo, pelo seu porte e pela sua devoção.

Fugir das más companhias e reuniões mundanas, a saber: jogos, vendas, clubes, teatros; abstenha-se da leitura de livros maus e jornais anti-católicos;

Ser comedido nas palavras e sofrer sempre, com mansidão e paciência, os insultos e ditérios do mundo;

Procure espalhar bons livros e inflamar a todos na verdadeira devoção à Nossa Senhora de Loreto;

Quando alguém desejar entrar para a Pia União, deverá fornecer-lhe logo a patente de admissão e fazer com que seja inscrito no livro;

IX. Método de vida para as Zeladoras em geral.

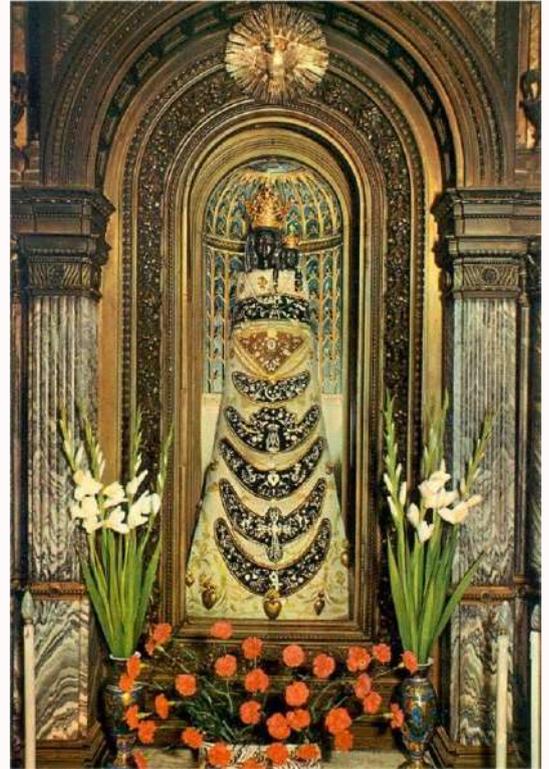
Zelar com todo o coração os interesses de Nossa Senhora de Loreto;

Estar pronta a adornar os altares e capelas, zelando pelo asseio das alfaias,

pelo asseio das alfaias, confeccionando arranjos de flores e limpando castiçais e velas;
Edificar a todos na maneira de falar, sempre com mansidão e humildade, tanto em casa como fora;
Fugir de todas as vaidades e de todos os divertimentos mundanos, a saber: dos bailes, cinemas, teatros, especialmente das reuniões condenadas pela Igreja;
Fugir do ócio, das murmurações, da leitura de romances, etc.

Dado em Botucatu/SP, aos 17 dias do mês de Abril do Ano do Senhor de 2023.

Pe. Frei Pedro Maria dos Santos Silva, O.F.M. Sub
Guardião do Convento de São Miguel e de Santo Antônio.



A castidade das jovens é de capital importância para a conservação dos bons costumes na sociedade. Se as moças guardarem, rigorosamente no trajar e em todo o proceder, decoro e modéstia, será este o melhor impulso para a moralidade. Sendo, portanto a pureza de coração do sexo feminino de tamanha importância para a moralização da sociedade, deverás gravar bem, no espírito e no coração, e seguir fielmente as normas expostas neste capítulo.⁽¹⁾

Tem sempre, em alta estima e grande amor, a castidade; pois ela comunicará à tua alma, antes de tudo, particular beleza e graça. “É, sem dúvida a castidade – como diz São Cipriano – a mais formosa flor no jardim da Igreja, o ornamento da beleza, o encanto da graça e a característica da virgem cristã. É por ela que se produzem, na Igreja, os mais deliciosos frutos, e quanto maior for o número das donzelas puras, tanto mais crescerá a alegria desta mãe espiritual”.

São Francisco de Sales escreve: “A castidade é o lírio entre as virtudes; torna os homens semelhantes aos anjos. Nada há belo que não seja puro, e a beleza do homem é a castidade”.

Muitas vezes nas agradáveis manhãs primaveris é arrebatada pelos encantos da natureza. Para onde quer que teus olhos se dirijam, alegam-se com a vida mais luxuriante; montes e vales atapetados de relva fresca banhadas pelos raios dourados do sol. A pomposa florescência das árvores de cujos galhos, cantores alados lançam no espaço, suas canções argentinas. Milhares e milhares de flores abrem as mimosas corolas, exalando suave perfume. Sim, magnífica e admirável é a terra, com seu ornato da primavera.

No entanto muito mais, bela e mais formosa é a alma juvenil que se apresenta pura aos olhos perscrutadores de Deus, não profanada pelo sopro do pecado, espargindo os fúlgidos raios da graça santificante. É tão bela, que os anjos do céu, com grande prazer, a contemplam, e o próprio Deus que com sua bondade onipotente, criou tudo o que há de belo, no céu e na terra, como que encantado com sua magnificência, exclama: “Oh! Quão formosa é a geração casta com seu brilho! Oh! Quão formosa é a geração casta com seu brilho! Imortal é a sua memória e é louvada diante de Deus e diante dos homens” (Sab, 4.1).

O pecado, pelo contrário, que se opõe a esta virtude celestial, rouba à alma juvenil, a beleza sobrenatural e torna-a feia aos olhos de Deus. Com razão pois, diz São Boaventura: “Assim como a podridão faz a maçã perder a beleza, a cor, o aroma e o sabor, assim também este pecado priva a alma da beleza do merecimento da graça e de toda a sua excelência”. Sim, jovem cristã, ama a pureza do teu coração e guarda-a como a

O Brilho da Mocidade

pupila dos teus olhos. Ela te infundirá grande paz interior.

Na noite do Natal cantavam os anjos nos campos de Belém: “Paz na terra aos homens de boa vontade”. Refere-se a ti esta promessa, pois, se fores casta e pura, possuirás seguramente a boa, a melhor vontade. De fato: tua vontade está à vontade infinitamente santa e bem aventurada de Deus. À voz da tua consciência dás livre e espontânea atenção e pela graça de Deus cooperas fielmente com ela. Como recompensa receberás a paz prometida.

A impureza, pelo contrário introduz na alma desassossego e a inquietação, a confusão e a revolta. Quantos corações dolorosamente agitados, e açulados por causa da sensualidade. Assemelham-se ao mar revolto pela tempestade, cujas ondas parecem fantasmas enfurecidos. Ama, ainda mais que todos os tesouros da terra, a pureza do teu coração e procura conservá-la com o máximo cuidado. Alcançarás assim uma feliz inclinação para todo o bem. Se teu coração for puro e cândido, será também moralmente, suscetível a todos os movimentos e inclinações nobres. Teu espírito não será obscurecido pelas paixões.

Compreenderás melhor o encanto da graça e mais facilmente e com maior prazer entusiasmar-te-ás pelas coisas elevadas, pela beleza moral. Possuirás também mais coragem e mais força para praticar o bem e sacrificar-te por ele. Com efeito, a castidade é uma força superior e celestial, que levanta o coração acima das próprias fraquezas, unindo-o a Deus; que é a pureza e a força infinitas. Desta união influi sobre o coração casto uma energia cada vez mais nova.

Ao invés não mostra a experiência que a impureza quebra, por assim dizer, as asas à alma juvenil e rouba-lhe todas as forças para os arrancos elevados? Que todo o entusiasmo para o bem para o nobre desfalece no coração envenenado por este vício?

Quantas vezes podemos verificar que tais jovens só têm vontade e compreensão para as frivolidades e futilidade, para o gozo e o prazer, para o que é baixo e vil! Quantos pais, professores e educadores não podem, com lágrimas, testificá-los?

Ama principalmente, a virtude da santa pureza. Guarda-a como teu tesouro mais precioso. Por meio dela conservarás, um terno amor a teus pais, a teus irmãos e terás uma vida serena e feliz.



Tarde de Sangue

5 de julho de 1902.

Em Ferriere, pequena aldeia da ensoalhada “campagna” romana, a poucos quilômetros de Nettuno. No pátio da casa colonial, chamada “*cascina antica*”, propriedade do Conde Attilio Mazzoleni. Dardeja o sol meridiano. São mais ou menos 15 horas. Dois pares de bois atrelados a dois carros agrícolas giram em torno do terreiro, debulhando favas.

Dentro do primeiro vão três irmãozinhos: dois meninos e uma pequenina em algazarra: radiantes com este passeio de “carruagem...”

Um jovem de vinte anos, Alexandre Serenelli, guia o outro carro. Parece sério e preocupado. Molesta-o um triste pensamento, e um demônio impuro perturba-lhe a alma. De repente, volta-se para a mulher, que ao seu lado espalha as favas e diz-lhe:

- “Assunta, guie você um pouco, agora. Tenho que ir lá em cima um momento”.

A mulher sem nada suspeitar, sobe tranquilamente ao carro com o filho, Mariano, e o trabalho continua, lento, sob um céu de fogo. A natureza parece entorpecida. Até mesmo as cigarras estão caladas... Apenas alguma alegre risada ou um inocente chiste, vindos do primeiro carro, onde estão os pequerruchos, rompem a monotonia daquela tarde.

No interior da casa, porém, trava-se um drama passional...

O jovem Alexandre, possuído pelo demônio, sobe pela pequena escada exterior e entra na casa.

Uma menina de doze anos, sentada no patamar, remenda uma camisa. Ao seu lado dorme sobre um acolchoado, a irmã de dois anos: Teresinha.

- Maria, vem para dentro, intima-lhe Alexandre.

Maria, não se move, ela sabe... já por duas vezes pressentira o mal, e seu coração inocente bate inquieto...

Outra vez a mesma ordem:

- Maria, vem para dentro!

E Maria continua imóvel como uma estátua.

- Para que? Que queres?

- Vem para dentro!

- Não! Dize primeiro o que queres, do contrário não vou!

Mas a paixão cega-o, e Alexandre aproximando-se de Maria, agarra-a brutalmente pelo braço, arrasta-a para dentro, e fecha violentamente a porta com o pé, sem dar à pobrezinha o tempo de soltar um grito ou de se agarrar ao corrimão da escada, numa última tentativa de salvação.

Começa a luta desigual.

- Não! Não! Deus não quer! Se fazes isto vais para o inferno! Que fazes, Alexandre? Não me toques! É pecado! Vais para o inferno.

Começa a luta desigual.

- Não! Não! Deus não quer! Se fazes isto vais para o inferno! Que fazes, Alexandre? Não me toques! É pecado! Vais para o inferno. Sim, vais para o inferno! É um pecado! Deus não quer!

Mas a mão, trêmula de raiva e de paixão, fecha-lhe a boca, e enfia-lhe um lenço na garganta.

Sobre o armário há um longo ferro pontiagudo.

- Eu te mato, se ...

A menina tenta livrar-se; luta, parece uma pequena leoa: a fé redobra-lhe as forças.

- Não, não, não! Deus não quer! Se fazes isto cometes um pecado. Vais para o inferno!

O terrível ferro já se ergue sobre sua cabeça... Mesmo assim ela não cede.

É pecado! ... Não! Não!

A paixão transforma-se agora em ódio feroz. E o ferro homicida oito vezes golpeia violentamente a carne imaculada, para vencer e castigar aquela vontade inquebrantável, aquele coração indômito, que ainda repete: "Não! Não! É pecado! Deus não quer!"

O sangue jorra das feridas abertas. A menina cai... tudo gira em seu redor; não vê, nem sente mais nada ... A luta feroz, deixou-a sem forças. Deus, compadecido, poupa-lhe por um momento, a terrível realidade.

O criminoso, julgando-a morta, retira-se para o seu quarto...

Mas a heroica menina ainda vive. Recupera os sentidos e, arrastando-se penosamente numa poça de sangue, consegue chegar até a porta. Abre-a e, e com um ténue fio de voz, chama:

- João, venha cá! Alexandre me matou...

Ao ouvir aquela voz, que julgara para sempre extinta, o malvado sai do quarto, e, num paroxismo de ódio e furor satânico, avança novamente para a sua vítima.

Com mais seis terríveis golpes, transpassa-a de lado a lado...

Meu Deus!... eu morro! Mamãe! Mamãe!

A mãe, porém, não ouve. Alheia a toda aquela tragédia, guia tranquilamente o carro... Entretanto, separa-na apenas uns quarenta metros... Mas o chiado das rodas, o estalar das favas secas e a tagarelice das crianças encobrem o pedido de socorro.

O pai do criminoso, João Serenelli, que atacado de malária deitara-se à sombra da casa, é o primeiro a perceber os gemidos.

Também Teresa, a inocente criaturinha que a irmã fizera adormecer, já

acordou. assustada com aquele rumor estranho, e, movida talvez pela intuição do perigo, põe-se a chorar. Imediatamente, D. Assunta, mãe carinhosa, manda o filho Mariano acudi-la, depois de haver inutilmente chamado duas vezes por Maria.

Corre Mariano ainda em tempo para alcançar o pai do assassino que subia apressadamente a escada.

Neste momento os bois, até agora tão tranquilos, assustam-se. D. Assunta aperta as rédeas e grita:

- Ó Virgem Maria! Meu Santo Antônio! Que é que está acontecendo?

João e Mariano penetram juntos em casa... Horrorizado à vista do sangue, Mariano agarra a pequena Teresa e corre aos gritos, para junto da mãe...

Trêmula e tomada de lúgubres pressentimentos, Assunta faz imediatamente parar os bois, e voa para casa, seguida de outra camponesa, D. Teresa Cimarelli, que com seu marido trabalhava no terreiro. Ao deparar com aquele quadro pavoroso a pobre mãe cai desfalecida... Quando volta a si, rompe em gritos lancinantes.

Deus, fervorosamente invocado por aquela mãe, restitui à vítima as forças perdidas... Maria abre os olhos inundados de lágrimas, e olha ternamente para a mãe.

- Marieta, minha filhinha, que aconteceu, quem esteve aqui? Quem fez isto?

- Alexandre.

- Mas por que?

- Porque me queria fazer cometer um pecado feio e eu não quis.

E as forças novamente a abandonam. ⁽²⁾

⁽¹⁾ Capítulo 12 do livro *Donzela Cristã*, P. Matias de Bremscheid, ED. PAULINAS, 1935.

⁽²⁾ J.C.M. Colombo. *Sta Maria Goretti, Mártir da Pureza*. II ED. ED. PAULINAS, 1949.

Houvemos por bem iniciarmos a coluna da Pia União das Filhas de Maria tratando de uma das virtudes mais caras para as moças: a Santa Pureza.

Virtude tão cara quanto atacada, ainda mais em nossos dias, deve ser a todo custo, pelos curas de almas, defendida e exaltada.

Por isso, reproduzimos nessa edição o primeiro capítulo da biografia de Santa Maria Goretti escrita pelo P. Colombo, que é juntamente com Santa Inês padroeira da Pia União das Filhas de Maria. Daremos continuidade ao relato da história da Mártir da Pureza nas próximas edições, além de dar a conhecer, seja pelos seus Estatutos, seja pela sua história, a grandeza e a preciosidade desta santa associação de moças católicas.



Pio XII riceve in una udiencia particolare tutta la famiglia Goretti.



Casamento do Senhor Mateus Holtz e da Sra. Natália do Val.



Em 26 de Novembro de 2022 uniram-se pelos sagrados laços do Matrimônio o Sr. Mateus Holtz, natural de Bofete, SP; filho do Sr. Elias Estanislau Holtz e da Sra. Jane Regina Felipe Holtz, e a Sra. Natália do Val Siqueira, natural de Bauru, SP; filha do Sr. Luiz Guilherme Andrade Siqueira e da Sra. Fátima do Val Siqueira. Administrou o Sacramento o Rev. Pe. Frei Pedro Maria Santos da Silva que parabeniza os recém casados pelas palavras seguintes:

“Meus caros filhos,

Os senhores foram o segundo casal os quais tive a felicidade de celebrar o Matrimônio. Aqui vão consignados as minhas mais sinceras congratulações ao senhor, Mateus Holtz, e à senhora, Natália do Val, que têm contribuído muito para a nossa pequena cidade de Bofete, com seu trabalho na Prefeitura e no Posto de Saúde, além de serem excelentes católicos. Precisamos de católicos atuantes nos meios públicos que coloquem em prática o que o Santo Padre de grande memória Pio XII tem nos dito a respeito da contribuição da Igreja na formação da sociedade.

Deus abençoe ao jovem casal”.

Rev. Pe. Fr. Pedro Maria S. da Silva, O.F.M. Sub.

Outras fotos:

[Casamento do Sr. Holtz e Sra. Natália](#)



Durante a visita Episcopal de Sua Excia. Revma. Dom Pio Carlos Espina Leupold, ocorrida entre os dias 10 e 12 de Dezembro de 2022, S. Excia. conferiu as 4

ordens menores e o Subdiaconato ao Frei Boaventura de Nossa Senhora da Sabedoria, O. F. M. Sub e administrou o Sacramento da Confirmação para muitos fiéis, provenientes de vários estados do país. Mais fotos aqui:

[Vista de Mons. Espina](#)

Profissão Solene dos Freis João, Pacífico e Dimas



Durante a Missa da Vigília de Natal de 2022, fizeram profissão solene os Freis João Maria Vianney Amaral Aguiar de Matos, Pacífico Maria dos Santos Silva e Dimas Maria Gonçalves do Amaral. A missa foi cantada pelo Rev. Pe. Frei Pedro Maria S. da Silva, Guardião do Convento de São Miguel e de Santo Antônio. Os demais frades congratulam-se com estes que foram os primeiros a professar depois da fundação do Convento.



No dia 05 de Janeiro de 2023, deu-se o ingresso ao noviciado dos senhores 1. Gabriel Henrique Silva Barboza, natural de Franca/SP, que tomou o nome religioso de Frei Paulino do Menino Jesus e de Santa Terezinha; 2. Luiz Fernando Mendes Barbosa, de Patrocínio Paulista/SP, Frei Fidélis Maria; 3. Sandycleisson Roque da Silva, de Maceió/AL, Frei Félix Maria; 4. Vinícius Soares de Paula, de Brasília/DF, Frei Vital da Virgem Dolorosa; e Fernando Giovanni Garavaglia, de Cañuelas, Argentina, Frei Paulo Maria de Jesus Crucificado. Rezemos pela perseverança destes frades e procuremos auxiliar as vocações sacerdotais e religiosas. Outras fotos:

[Ingresso ao Noviciado, 05.Jan.2023.](#)

Entre os dias 09 e 10 de Setembro de 2022, recebemos em nosso Convento o Rev. Pe. Ernesto Cardozo, sacerdote missionário, argentino de nascimento e brasileiro de coração. O estimado sacerdote mantém Missões nos Estado de Minas Gerais e de São Paulo, sempre incansável no trabalho pela salvação das almas. No dia 10, após Missa Cantada, foi ele visitar a Capela São Patrício. Outras fotos podem ser vistas acessando este link:

[Visita do Pe. Cardozo](#)



No dia 12 de Outubro de 2022, Festa de N. Sra. Aparecida na Capela São Patrício. A missa foi dita pelo Rev. Pe. Pedro Maria S. da Silva, O.F.M. Sub, após a qual foi feita procissão em honra à Rainha e Padroeira do Brasil. Para mais fotos acesse:

[Festa de N. Sra. Aparecida](#)



e Botucatu/SP. Durante o passeio puderam observar as belezas naturais dos locais por onde passaram cujo registro pode ser visto acessando o link:

[Passeio dos Frades](#)



Em 16 de Janeiro de 2023, deu-se o ingresso ao noviciado dos senhores Leonan Maciel de Abreu, natural de Rio Pomba/MG, que tomou o nome religioso de Frei Patrício Maria e João Paulo de Alcântara Silva Pacheco, de Divinópolis/MG, Frei Tomás Maria do Menino Jesus. Rezemos pela perseverança destes frades. Outras fotos:

[Ingresso ao Noviciado, 16. Jan. de 2023](#)



Com pesar comunicamos o falecimento de Sua Caridade Ir. Célia Metz, religiosa com 60 anos de Profissão Perpétua que residia no Seminário Mater Dei em Córdoba, Argentina, sob os cuidados de S. Excia. Revma. Mons. Pio Carlos Espina Leopold. A missa de Requiem foi cantada no dia 21 de Fevereiro de 2023, pelo Rev. Pe. Fr. Pedro, reitor do Seminário.

Requiem aeternam, dona eis Domine, et lux perpetua luceat eis.



Entre os dias 06 a 18 de Fevereiro de 2023, os Freis Serafim e Benedito estiveram em missão em Serra Dourada/BA. Deram conferências, ensinaram o catecismo, ajudaram nas obras de construção da Capela de Nossa Senhora do Carmo e visitaram os doentes. Eis as imagens: [Missão na Bahia](#)



Em 19 de Fevereiro de 2023, Festa de Nossa Senhora do Desterro, padroeira da Capela em Botucatu/SP. Nesta data foi dita Missa em sua honra, seguida de procissão.

[Fotos da Festa.](#)

Deus tem nos enviado numerosas vocações. No fim do ano de 2022 as instalações do Convento, então situado em Bofete/SP, já não eram capazes de abrigar os 22 frades que lá residiam. Diante dessa dificuldade, o Capítulo Conventual decidiu que os frades deveriam procurar um local mais amplo que satisfizessem minimamente as necessidades desse número crescente de confrades. Assim, no dia 07 de Janeiro de 2023, mudamo-nos para Botucatu/SP onde foi fundado o Seminário Seráfico São Boaventura, cuja notícia damos abaixo.

[Fotos da mudança.](#)



Aos 14 de Janeiro de 2023, na cidade de Botucatu/SP, deu-se a fundação do Seminário Seráfico São Boaventura. Objetivando formar novos padres para atender as missões no Brasil e noutros tantos lugares onde os fiéis careçam de sacerdotes, os formadores desejam oferecer aos seminaristas um preparo sério e adequado para o cumprimento tão altos deveres. Mais informações podem ser obtidas no vídeo cujo link se encontra abaixo:

[Fundação do Seminário.](#)



Entre os dias 17 e 19 de Janeiro de 2023, alguns de nossos frades visitaram pontos turísticos das cidades de Bofete/SP

Em 23 de Janeiro de 2023 deu-se início o Ano Letivo no Seminário Seráfico São Boaventura. Após os presentes terem cantado o Hino Pontifício e o Brasileiro, o Reitor do Seminário, Pe. Fr. Pedro Maria Santos da Silva proferiu breve alocução enfatizando a importância da boa formação dos seminaristas como condição para o frutuoso apostolado dos futuros sacerdotes. O vídeo da abertura pode ser visto pelo link:

[Abertura do Ano Letivo de 2023](#)

Mitte Domine, operários in messem tuam, messis quidem multa operarii autem pauci.



Vestição e renovação de votos solenes da Madre Maria Imaculada do SS. Sacramento, O.S.C. em 06 de Março de 2023, Festa de Santa Coleta.

sobreviver por meio do trabalho de suas mãos. Diante das dificuldades financeiras atravessadas pelo nosso país, alguns frades tem vendido cookies nas ruas de Botucatu e produzido desenhos. Aproveitamos o ensejo para agradecer à nossa benfeitora que doou o fogão industrial que atualmente usamos. Encomendas de cookies ou desenhos podem feitas pelo telefone: (11) 9 7172-4702.

Fotos dos trabalhos dos Freis



Durante os dias que antecederam a Semana Santa, nossos frades ocuparam-se da reforma do altar principal e do órgão além de terem confeccionado o círio usado nas cerimônias. Toda a ornamentação desses dias foi executada por eles além de terem preparado todas as cerimônias.



durante as cerimônias. Ao Senhor Marcelo e toda a família, o Rev. Pe. Guardião agradece paternalmente e pede a Deus dignar-se abençoá-los.



Entre os dias 17 e 19 de Março, Festa de São Patrício, padroeiro da Capela em Bofete/SP. Na ocasião, missa em honra ao excelso padroeiro seguida de procissão.

Fotos da Festa de São Patrício



Imitando a vida de Nosso Seráfico Pai São Francisco, nossos frades procuram

Ocorrida entre os dias 02 e 09 de Abril, a Semana Santa do corrente ano deu-se com bastante solenidade e brilho. Entre missas, via-sacra, procissões, ofícios e vigílias, o clero e os fiéis puderam demonstrar toda a sua piedade e devoção, dando assim prova pública e inequívoca do seu desejo de fazer com que Nosso Senhor Jesus Cristo seja Rei e Centro de todos os corações.

Fotos da Semana Santa

Agradecemos a contribuição inestimável do fiel Sr. Marcelo Ferreira e sua família que, incansáveis preparam o almoço do Domingo de Páscoa além de terem transportado o altar da Capela de N. Sra.



16 de Abril de 2023: Ingresso na Ordem Terceira do Seminarista Mateus Angelo Torres da Silva, do Seminário Maior dos Sagrados Corações de Jesus e Maria, tomando o nome de Ir. Josaphat Maria.

O Sr. Mateus está conosco, no Seminário, desde Fevereiro deste ano e muito tem nos ajudado como coadjutor do Sacristão. O Seminário dos Sagrados Corações deve alegrar-se por ter em seu quadro tão aplicado seminarista. Deus o abençoe.



No dia 18 de Abril, profissão temporária e simples dos Freis Agostinho, Leonardo e Pio recebidas pelo Rev. Pe. Fr. Pedro, Reitor.

Votos Temporários

Dentro de alguns dias...



Foto do local onde será realizada a Ordenação Sacerdotal de Frei Boaventura.

Em 17 de Abril deste ano, o Rev. Pe. Fr. Pedro, Reitor do Seminário, dignou-se aprovar os Estatutos da Pia União dos Zeladores da Santa Casa De Loreto, conforme já damos notícia na coluna dedicada a esta Pia União. Aqueles que desejarem tomar parte nesta união de orações podem pedir o formulário de inscrição enviando um e-mail para:

secretaria@fradesmenores.com



Em Maio, receberemos S. Excia. Revma. Mons. Pio Espina Leopold para conferir as santas ordens do Diaconato e Presbiterato ao Subdiaconato Frei Boaventura, O.F.M. Sub. Daremos a cobertura completa das cerimônias em nossa revista.

Eis a programação dos dias da visita:

16 de Maio de 2023, em Bofete/SP.

18h. Confissões.

19h. Santa Missa.

17 de Maio de 2023, em Botucatu/SP.

18h. Confissões.

19h. Santa Missa.

19 de Maio de 2023, em Botucatu/SP.

18h. Confissões.

19h. Missa Pontifical de Ordenação Diaconal do Fr. Boaventura.

20 de Maio de 2023, em Botucatu/SP.

09h. Confissões.

10h. Missa Pontifical de Ordenação Sacerdotal do Fr. Boaventura.

21 de Maio de 2023, em Botucatu/SP.

09h. Confissões.

10h. Missa Pontifical de Ordenação Sacerdotal do Fr. Boaventura.

Crismas após a Missa por Mons. Pio.

Missões

Dia 21/05 à 23/05 – Brasília/DF

Dia 23/05 à 25/05 – Serra Dourada/BA